

GILSON LEANDRO QUELUZ

ROCHA POMBO

ROMANTISMO E UTOPIAS: (1880-1905)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de pós-graduação em História, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes.

Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Elvira Mari' Kubo

C U R I T I B A

1994

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao suporte financeiro dado a esta pesquisa pela CAPES e pelo CNPQ.

À professora Elvira Mari Kubo, agradeço a rigorosa orientação e a inesgotável paciência. Aos professores Francisco Paz e Ana Maria Burmester, agradeço o apoio.

Às instituições e seus funcionários, que possibilitaram a coleta do material necessário ao desenvolvimento desta dissertação, agradeço de forma geral, na figura simples e prestimosa de Dona Iolanda, do Círculo de Estudos Bandeirantes.

Aos amigos Erivam e Décio, pelas informações e discussões.

Aos meus pais e irmãos, agradeço o incentivo e a compreensão nos momentos difíceis do percurso.

Aos meus filhos, Beatriz, Gabriela, Rebeca e Tobias, agradeço pela esperança, em vocês sempre renovada.

E, finalmente, ao meu amor, Marilda, agradeço pela enternecedora dedicação, além de uma espécie de co-autoria, à exceção, é claro, dos deméritos, pois foi ela minha principal interlocutora e revisora das diversas versões deste texto.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	001
Notas e referências bibliográficas.....	012
CAPÍTULO I	
Projetos e reformas: a atuação política de um "metafísico" .....	014
1.1. Rocha Pombo e o Barão do Serro Azul.....	027
1.2. Rocha Pombo imigração e racismo.....	030
1.3. Rocha Pombo e Colombo Leoni: um projeto imigrantista para o Paraná.....	037
Notas e referências bibliográficas.....	042
CAPÍTULO II	
Ambiguidades em torno da terra.....	046
2.1. Em Torno da Terra.....	051
Notas e referências bibliográficas.....	053
CAPÍTULO III	
Romantismo e utopia.....	066
3.1. Petrucello.....	083
3.2. Rocha Pombo e a Revolução Federalista.....	096
3.3. No Hospício.....	104
Notas e referências bibliográficas.....	122
CONCLUSÃO.....	129
Notas e referências bibliográficas.....	135
INSTITUIÇÕES PESQUISADAS.....	137
FONTES.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	139

## INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

A análise das relações do escritor José Francisco da Rocha Pombo com a modernidade, no período entre 1880 e 1905, é o objetivo deste trabalho. Antes de iniciá-la, porém, torna-se necessário esclarecer o impulso inicial que me levou a empreender a pesquisa.

Poderia requerer para justificá-lo, diversas nomenclaturas: correspondências baudelarianas, na melhor das tradições simbolistas, afinidades eletivas, na moderna concepção de Michael Levy; ou invocar as teorias de Walter Benjamin. Porém, sem excluí-los do meu pensar, gostaria simplesmente de reconhecer a extraordinária atração que Rocha Pombo exerceu sobre mim. Como resistir a esta mescla encontrada em sua obra, de provincianismo e cosmopolitismo, anarquismo e conservadorismo, angústia pelas questões sociais e retiro ascético da sociedade? Como não simpatizar com o conflito de um autor que, determinista em boa parte de sua obra histórica, coloca em seus personagens romanceados o anseio pela liberdade plena? Como não se intrigar pelo mistério da existência em um mesmo autor, do produtor em série de manuais didáticos de história, no início do século, e de um criativo escritor simbolista? Como não ser tentado a desvendar as paixões que cercam aqueles que produzem utopias? No campo da subjetividade, portanto, surgiu o estímulo do historiador para estudar as relações paradoxais de Rocha Pombo com a modernidade.

Como primeiras pistas para a compreensão parcial dos paradoxos, surgem as informações biográficas. José Francisco da Rocha Pombo nasceu na cidade de Morretes, a 4 de dezembro de 1859. Cidade que, segundo Nester Vitor, por ter sido durante muito tempo "refúgio dos perseguidos que iam fugindo às ameaças do pelourinho alçado em Paranaaguá",<sup>1</sup> possibilitou às almas que nela se formaram, o sentimento de ódio à tirania e o amor à liberdade.

Nesta sua "insignificante palestina",<sup>2</sup> Rocha Pombo substituiria seu pai Manoel Francisco Pombo no magistério em 1875. Lá, também, criaria o primeiro hebdomadário republicano de

Paraná, O Povo, em 1879, e enviaria para publicação na revista Escolar, no Rio de Janeiro, o seu primeiro artigo, que acabaria por ser transcrito na Revista Del Plata, de Buenos Aires.

Autodidata, fez-se jornalista. Para Nestor Vitor Rocha Pombo, ao seguir carreira jornalística, "não o fez de forma traço-eira e vingativa", como a maioria o fazia, mas sim porque a imprensa era "o único refúgio possível para os legitimamente desesperados da justiça social, para os inamoldáveis a toda e qualquer classificação comum."<sup>3</sup>

Convidado por outros jovens, que como ele preteriam criar "mais um núcleo intelectual no Brasil"<sup>4</sup>, transferiu-se para Curitiba, onde colaborou na revista Galeria Ilustrada(1880). Em 1881, publicou seu primeiro livro, o romance A Honra do Barão, que foi publicado, na forma de folhetim, no jornal A Pátria, de Montevideo. Em 1882, publicou outro romance, Dada ou a boa filha.

Em 1883, fixa residência em Castro, onde conclui A Religião do Belo, escreve a Supremacia do Ideal(1883) e edita o jornal Echo dos Campos. Na mesma cidade, casa-se com Carmelita M<sup>a</sup> dureira Azambuja, companheira de toda a vida.

Nestor Vitor observa que, até aquele momento, "nenhum paranaense subira intelectualmente tão alto perante a opinião de seu meio, nenhum fizera carreira tão vertiginosa na imprensa e nas letras."<sup>5</sup> Esta posição de prestígio, conjugada com sua atuação no jornal Echo dos Campos, onde entrara em conflito com o Partido Liberal, levou-o a ser convidado pelo Partido Conservador a sair candidato a deputado pelo 2º distrito. Eleito, sua atuação na Assembléia Legislativa, como veremos no capítulo I seria marcada por seu espírito de independência e pela apresentação de projetos reformistas. Tais atitudes lhe grangearam a desconfiança de conservadores e republicanos, tanto que só voltaria a ser deputado em 1916, muito mais em caráter honorífico, por sua atuação como historiador no Distrito Federal.

Desiludido dos partidos, e estes com ele, lança-se a novo empreendimento jornalístico de curta duração, O Diário Popular, em 1887. O grupo de jovens colaboradores reunidos em torno de Rocha Pombo na redação do jornal, seria, para Nestor Vi

tor, o núcleo "que deu mais tarde os primeiros escritores paranaenses hoje conhecidos de todo Brasil."<sup>6</sup>

Em 1892, foi redator e depois proprietário do jornal Diário de Comércio. No intervalo entre seus empreendimentos jornalísticos e políticos, deu continuidade à sua obra literária: o poema Guaira, em 1886, o estudo Nova Crença, em 1887.

Neste período elabora em sua mente "projetos aéreos". Consegue, em torno de 1890, no período de Encilhamento, um financiamento de "vinte ou trinta contos de réis", no Ministério da agricultura, para a instalação de núcleos coloniais na zona maral. Esta "parte do capital da humanidade", segundo Rocha Pombo, acabou por ser aliviado por "solidários" amigos que se envolveram no projeto.<sup>7</sup> Em 1892, consegue concessão do poder público estadual, para a criação da Universidade do Paraná. Obtém cinco contos de réis, com os quais compra o terreno e faz as primeiras fundações da futura universidade. Logo após, escasseando o apoio, não consegue concretizar seu intento. Mais um projeto aéreo fracassara. No mesmo ano de 1892, publicou os livros Visões, uma coletânea de contos e poesias, e o romance Petrucello.

Os acontecimentos da Revolução Federalista, que dificultaram a atividade jornalística no Paraná, e tiveram grande impacto sobre nosso escritor, foram retratados na crônica Para a História, que seria publicado postumamente, em 1980.

Participou, com diversos textos, da revista O Cenáculo, importante periódico simbolista, publicado entre 1895 e 1897. Em 1896, encontramos Rocha Pombo em Paranaguá, feito "náufrago preso à última tábua de salvação. Paranaguá era a derradeira orla da terra paranaense onde ainda o destino lhe permite apegar-se para não se resignar ao exílio."<sup>8</sup> Criaria uma pequena e improfícua agência de negócios e envolvera-se com a publicação do hebdomadário local, Aurora.

Em 1897, transferiu-se de forma definitiva para o Rio de Janeiro. O exílio chegara. Na capital federal iniciará sua obra de historiador com História da América, em 1899, e Paraná no Centenário, em 1900. Em 1905, publicou o importante romance simbolista No Hospício, mesmo ano em que inicia a publicação de

sua extensa História do Brasil, em dez volumes. Em 1911, vem à luz, Contos e Pontos; em 1918, História de São Paulo e Notas de Viagem. Em 1922, História do Rio Grande do Norte e, em 1930, História do Paraná.

Simpatizante do grupo anarquista de Elísio de Carvalho, Curvelo de Mendonça e Fábio Luz, foi eleito para a academia Brasileira de Letras, em março de 1933, na cadeira nº 39. Com a saúde combalida, assume-a de maneira informal. Faleceu aos 76 anos, em 26 de junho de 1933.

Os dados biográficos acima foram retirados especialmente de dois autores, Nestor Vitor e Valfrido Pilotto. Este, no seu livreto Rocha Pombo, aborda nos três primeiros capítulos, dados biográficos de Rocha Pombo. No capítulo IV, "Rocha Pombo e a história regional", faz o elogio do livro Paraná no Centenário, como um "precioso repositório de informações sobre o Paraná." Comenta, de forma sucinta, o livro Para a História, ainda inédito em 1953, remetendo o leitor ao capítulo "Rocha Pombo Testemunha Ocular da História", do livro Profanações (1947), onde enfatizava a força moral de Rocha Pombo, seu espírito de tolerância, o sentimento de horror perante a tirania. No mesmo capítulo, defende o historiador morretense das críticas de Euclides Bandeira ao manual História do Paraná, ressaltando as informações factuais nele contidas, apesar de sua construção sofrível e relembrando os elogios de Bandeira em outros momentos do autor. No capítulo V, reúne notas elogiosas à História do Brasil de Rocha Pombo, por parte de Raul Gomes, Romário Martins, Rodrigo Garcia, Gustavo Barroso e outros, procurando mostrar o papel por ela desempenhado, de modelo e de guia para a nação.

Encontramos em outro momento histórico e outra perspectiva, os comentários introdutórios do professor Carlos Roberto Antunes dos Santos à obra póstuma de nosso autor, Para a História; notas sobre a invasão federalista do Paraná. O professor Carlos Roberto Antunes dos Santos aponta a narrativa de Rocha Pombo como exemplar da história do tempo curto, desvelando para além do seu testemunho pessoal, a ideologia das forças em conflito na Revolução Federalista. Escrevendo em um período onde tomava im



pulso a abertura política no Brasil, ainda sob o regime militar, para ele o principal significado da obra era a exemplar luta pelos Direitos Humanos e valores éticos e morais, capaz de incitar reflexões "sobre as vicissitudes da história política brasileira, na integração passado presente, ao nível da conjuntura de curto prazo."<sup>9</sup>

O Professor Brasil Pinheiro Machado, em seu brilhante estudo introdutório à segunda edição da obra Paraná no Centenário, denominado "Rocha Pombo", detém-se especialmente na obra historiográfica do mesmo. Para Pinheiro Machado, esta obra, uma "crônica vivenciada", mostra "o seu conhecimento quase total do povo paranaense como uma comunidade cultural"<sup>10</sup>. Para ele, o retrato da sociedade provinciana, elaborado nesta obra, só foi possível pela visão peculiar de Rocha Pombo, que colocava "o povo e não o herói" como base de toda sua história. Assim, compreende-se a sua preocupação com a reconstituição da cultura popular, dos modos de trabalho da população, dos folguedos da classe popular, expressos no livro.

Ressalta, ainda, a coincidência iluminadora da realização da obra História da América com um momento histórico de tentativa de fortalecimento, pela diplomacia brasileira, do monroísmo, o que levou o Itamaraty a incentivar estudos sobre a América Latina. Em meio aos conceitos de povos inferiores e superiores, oriundos do racismo imperialista, a inteligência brasileira debatia-se à procura de uma identidade. Rocha Pombo refletiria esta preocupação não apenas na obra História da América, mas também em sua História do Brasil. Nela procuraria, opondo-se à tendência historiográfica positivista, dar uma visão histórica do Brasil, tendo como eixo, a história do povo, ou de forma mais específica, "a violência social que fundamentava toda a organização histórica do povo brasileiro e a conseqüente luta pela libertação". Segundo o professor Pinheiro Machado, Rocha Pombo reavivou a visão romântica da história, seguindo o lema "a história da humanidade é a história da luta pela liberdade". Conceito de povo compreendido de maneira diferente por Rocha Pombo, conforme o período histórico, "camadas oprimidas da população no período colonial

enquanto que no século XIX seria o cidadão, o homem político"<sup>12</sup>, mesmo que estes fossem quase que exclusivamente os representantes das elites brasileiras. Pinheiro Machado conclui seu estudo, constatando que a obra de Rocha Pombo - injustamente silenciada pela predominância positivista - apesar de ser uma meditação sobre os trabalhos escritos sobre a história nacional e enfatizar a estrutura básica proposta por Varnhagen, teve o mérito de abordar os principais temas da história social brasileira. Aponta ainda a lucidez final de Rocha Pombo, que ao concluir sua História do Brasil, afirma que o ideal, se pudesse reiniciar a obra, teria sido guiá-la pelo critério "da história de um povo no seu aspecto sempre presente de um processo de criação constante."

A obra literária de Rocha Pombo mereceu referências de autores da importância de Andrade Muricy, Temístocles Linhares, Massaud Moisés e Francisco Foot Hardman. Andrade Muricy, em seu Panorama do Simbolismo Brasileiro, nos fornece importantes dados sobre a participação de Rocha Pombo nos grupos simbolistas no Rio de Janeiro, além de identificar a importância do romance-ensaio No Hospício, onde "encontramos um elevado senso místico, aventuras curiosíssimas do pensamento, (...) além de numerosos poemas em prosa, admiráveis da profundidade iluminada tipicamente simbolista".<sup>13</sup> Considera ainda a alegoria "Estátua de Hulme" como um manifesto da estética simbolista.

Temístocles Linhares, em seu História Crítica do Romance Brasileiro, considera o No Hospício como mais um fracassado romance simbolista, mas ressalta o caráter social "inocultável" do mesmo, o que seria reflexo da participação de Rocha Pombo no movimento socialista de cunho tolstoiano, no início do século. Para Linhares, a curta, porém bem sucedida experiência da Universidade Popular, fundada pelo grupo, não impediu que seus animadores prosseguissem alentados pela própria luta e usassem de outras armas, como o livro e o romance social"<sup>14</sup>, atitude da qual seria exemplar Rocha Pombo e a sua utópica cidade futura, contida no romance No Hospício.

Massaud Moisés, por sua vez, no livro Simbolis-

mo, terceiro volume da sua história da literatura brasileira, destaca a obra No Hospício como "um exemplar acabado de romance simbolista, desde o estilo até o conteúdo".<sup>15</sup> Classificando-o de romance-ensaio, à moda de Andrade Muricy, demonstra a modernidade da obra de Rocha Pombo ao fundir debate ideológico e fantasia; na sua estrutura, onde o fluxo narrativo vem cortado de interpolações de toda ordem de "contos", poemas em prosa, notações filosóficas, etc...; no recurso ao monólogo interior. Enfatiza a presença de princípios estéticos simbolistas que, no decorrer da obra, cedem espaço ao debate entre Fileto, espécie de arquétipo vivo do artista simbolista e o narrador - alter ego do ficcionista - preocupado com as questões sociais. Concluindo, afirma que para a "história do simbolismo, notadamente no capítulo da ficção, No Hospício representa obra imprescindível e única."<sup>16</sup>

Francisco Foot Hardman faz, em Nem Pátria, Nem Patrão, uma breve referência ao mesmo romance No Hospício, considerado por ele como exemplo da literatura social libertária do início do século. Hardman enfatiza a ligação entre Rocha Pombo e o grupo de intelectuais anarquistas do Rio de Janeiro e percebe o "mito da comunidade igualitária" que surge na "villa", descrita no romance. Para ele, "o simbolismo de Rocha Pombo aqui chega às raias da vertente mais afastada do social na literatura brasileira por seu cunho intimista e metafísico".<sup>17</sup>

Para concluir esta breve revisão bibliográfica, retomemos Nestor Vitor. Amigo pessoal de Rocha Pombo, escreveu sobre ele diversos artigos. Além do já citado "Rocha Pombo no Paraná", produziu "Rocha Pombo historiador" e "Rocha Pombo no Rio". Neles, entre outras informações, comenta que num período de formação de nossa "psiche", a História do Brasil surge como instrumento de educação nacional, além de apontar a importância das conexões de Rocha Pombo com o grupo anarquista tolstoiano. Optei pela conclusão com Nestor Vitor, pois este crítico de grande perspicácia, situou, pela primeira vez, no artigo "Rocha Pombo no Paraná" tema principal deste trabalho, o "neo-romantismo de Rocha Pombo no contexto das transformações fin-de-siècle". Para Vitor, foi na

"República, com a infecção yankee e germânica, a do mundo industrial e capitalista em que a megalomania e com ela a corrupção, o rebaixamento do nosso nível moral, acabara por se pronunciar claramente."<sup>18</sup> Rocha Pombo refletiria e reagiria a esta situação em sua obra literária, como no romance Petrucello.

**Relembremos Nicolau Sevcenko:**

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. A rapidez e profundidade da transfiguração que devassou a sociedade incutiu na produção artística uma inquietação diretamente voltada para os processos de mudança, perplexa com sua intensidade inédita, presa de seus desmandos e ansiosa de assumir a sua condução. Fruto das transformações, dedicada a refletir sobre elas e exprimi-las de todo modo, essa literatura pretendia ainda mais alcançar o seu controle, fosse racional, artística ou politicamente. Poucas vezes a criação literária esteve tão presa à própria epidemia da história tout court... Os textos artísticos se tornaram aliás termômetros admiráveis dessa mudança de mentalidade e sensibilidade."<sup>19</sup>

É dentro desta percepção que pretendemos resgatar as reações e intervenções de Rocha Pombo, no processo de modernização que ocorria no Brasil, e também no Paraná. É nossa hipótese que as respostas de Rocha Pombo, via obra literária, a essa situação de transformações econômico-político-sociais, ocorridas na passagem de século, situam-se no campo do romantismo. Encaixaremos aqui o romantismo não como uma tendência literária, mas seguindo a definição de Michael Lowy e Robert Sayre, como uma determinada visão de mundo que se opõe à sociedade capitalista industrial.<sup>20</sup>

Nossa tentativa de comprovação dessa hipótese se restringirá cronologicamente ao período entre 1880 e 1905, ou

seja, aquele que vai da chegada de Rocha Pombo a Curitiba à publicação do seu romance No Hospício. Este corte temporal justifica-se por nossa opção metodológica de não analisarmos a obra que se dedica à história, cujo marco principal é exatamente o ano de 1905, quando publica o primeiro volume da sua História do Brasil. Apesar da mesma possuir uma "filosofia romântica da história", preferimos enfatizar a produção literária. Isto não significa que deixaremos de recorrer à obra de cunho histórico escrita anteriormente ao marco cronológico final, como Paraná no Centenário e Para a história, que serão de especial valia na caracterização da época.

Nossas principais fontes serão os artigos de Rocha Pombo em jornais paranaenses, especialmente a Gazeta Paranaense e o Diário do Comércio.<sup>21</sup> Apesar de seu caráter de resposta imediata às questões de momento, os mesmos apresentam grande coerência com as posições defendidas pelo autor em outras fontes como nos Anaes da Assembléia. Os artigos, críticas e contos publicados em revistas como Galeria Ilustrada, Cenáculo, entre outras; o ensaio Supremacia do Ideal; os romances Petrucello e No Hospício. Por apresentarem de forma mais completa e sintética os elementos componentes da visão romântica de mundo, daremos especial ênfase à análise do conto "Em Torno da Terra", e dos romances Petrucello e No Hospício. Aqui uma explicação se faz necessária, apesar de não termos conseguido localizar nas instituições pesquisadas dois romances, acreditamos que os dois aqui analisados são bastante significativos dentro da obra do autor.<sup>22</sup> O romance Petrucello é representativo da sua fase neo-romântica da qual fazem parte os não localizados, incluindo-se perfeitamente naquelas características observadas por Nestor Vitor:

Os romancetes tudo seriam menos naturalistas; nos estudos não se falava em monismo nem em Clotilde de Vaux. Pareceria que uns e outros tinham sido feitos por sujeito nascido no tempo em que Rousseau ainda vagava, embora já temperado por Volney, mas sujeito que andasse depois de morto em espírito, de vez em quando aqui pelo mundo, lendo até José Palmela, o autor d'Aristocracia e o Gênio Feminil

residindo, contudo, afetivamente, na lua. Eram coisas fora do tempo, por muito velhas e demasiado novas: primeiros, ainda inaceitáveis lampejos de neo-romantismo, que afinal se afirmou.<sup>23</sup>

Além disso, o romance reveste-se de especial importância, pois, segundo Nestor Vitor, em opinião amplamente confirmada por nossa pesquisa, "Petrucello representava uma criação em que transparece flagrantemente a individualidade do romancista."<sup>24</sup>

O romance No Hospício, por sua vez, é reconhecidamente o mais significativo do autor. Foi aquele de maior repercussão, pois publicado em sua primeira edição pela importante editora Garnier, no então centro cultural do país, o Rio de Janeiro. É considerado pela crítica como uma das únicas tentativas de romance simbolista do país.

O conto "Em Torno da Terra" foi, entre outros, o escolhido, por ser o único que não pertence claramente à fase neo-romântica ou à fase simbolista. É um conto de natureza fantástica, quase uma ficção científica nos moldes de Júlio Verne, que funde peculiarmente romantismo liberal e romantismo utópico, crença na ciência e no progresso e anseio pela tradição perdida.

A importância do resgate da obra literária de Rocha Pombo justifica-se na peculiaridade de sua visão romântica de mundo. O romancista utiliza sua obra como arma de transformação. Ele que, como veremos, amargara o fracasso de outros instrumentos que utilizara, como a participação política e a produção jornalística, pretende uma comunhão espiritual com seu leitor, que o convença da viabilidade da instalação de sua sociedade utópica e igualitária.

Parodiando Nestor Vitor "em um momento em que estamos sob o signo maldito", em um momento em que o país "paga manirroto os tributos de sua inexperiência", estudemo-lo de perto, e para não sermos levianos e precipitados, "vejamos se toda nossa organização que ainda mal se define é dessoro e despenho". Tracemos paralelos, procuremos as resistências, a figura de Rocha Pombo "a nos lembrar os instintos que levam o enfermo a procurar seu único remédio possível quando há nele força latente

para uma resistência com que os facilmente descorçoáveis não contam.<sup>25</sup> Estudemo-lo.

A dissertação terá o seguinte desenvolvimento:

No capítulo I apresentaremos a situação econômica do Paraná no final do século passado e as reformas modernizadoras propostas por Rocha Pombo. No capítulo II descreveremos a modernização de Curitiba no final do século e a exaltação ambígua da modernidade feita por Rocha Pombo no conto "Em Torno da Terra"

O capítulo III, o mais extenso, pretende demonstrar as críticas do autor à sociedade moderna que se estabeleceu e as alternativas por ele propostas, através de sua visão utópica da sociedade futura, contida nos romances Petruccello e No Hospício.

Introdução

Notas e referências  
bibliográficas



1. VITOR, Nestor. Rocha Pombo no Paraná, in: Obra Crítica, vol III, Secretaria da Cultura do Estado do Paraná, p.62.
2. Ibidem, p. 58.
3. Ibidem, p. 60.
4. Ibidem, p. 63.
5. Ibidem, p. 68.
6. Ibidem, p. 67.
7. Ibidem, p. 69.
8. Ibidem, p. 71.
9. SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Apresentação in: Para a História - notas sobre a Revolução Federalista. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1980, p.16.
10. MACHADO, Brasil Pinheiro. Rocha Pombo, in: Paraná no Centenário. Rio de Janeiro, José Olympio, 1987, p.X.
11. Ibidem, p.XVII.
12. Ibidem, p.XIX.
13. MURICY, Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. Rio de Janeiro, INL, 1952, p.77
14. LINHARES, Temístocles. História crítica do romance brasileiro. São Paulo, Itatiaia, p. 509.
15. MOISES, Massaud. História da Literatura Brasileira. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, p.153.
16. Ibidem, p.164.
17. HARDMAN, Francisco Foot. Nem Pátria, Nem Patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, p.133
18. VITOR, Nestor. Obra crítica, vol.III, p.162.
19. SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, p.237-38.
20. LOWY, Michael & SAYRE, Robert. Romantismo e política. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
21. Jornais consultados: Diário do Comércio(1891-1893), Gazeta Paranaense (1882-1886), Diário Popular(apenas um exemplar existente nas instituições pesquisadas, nº144-1887) e Echo dos Campos(apenas um exemplar nas instituições pesquisadas, nº -1883)
22. Não foram localizadas nas instituições pesquisadas os ensaios Religião do Belo(1883), Nova Crença(1889); os romances Honra do Barão(1881), Dadá(1882), e o poema Marieta(1896); a coletânea Visões(1892).
23. VITOR. Obra crítica, vol. III, p. 64.
24. VITOR. Obra crítica, vol. III, p.62.
25. Ibidem, p.62.

Capítulo I

Projetos e reformas: a atuação  
política de um "metafísico"

A vida econômica do Paraná, na primeira metade do século XIX, era baseada na lavoura do mate, na agricultura de subsistência e, sobretudo, no latifúndio campeiro onde as principais atividades foram em "primeiro a criação e a exportação do gado vacum, depois a invernagem e o comércio de tropas muares, vindos do Sul para os mercados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro". Era uma economia voltada para o mercado externo e que necessitava de complementação para o abastecimento da população local, vindo especialmente do Rio de Janeiro.

Na segunda metade do século XIX, este quadro sofreria profundas modificações. A estrutura econômica dos Campos Gerais entraria em um processo de desagregação, causado pela deterioração dos negócios de invernagem. A feira de Sorocaba, principal destino dos muares paranaenses, diminuiu o volume de entradas de 100.000 cabeças em 1860, para 5.000 no final do século. Aos fazendeiros dos Campos Gerais não foi possível ultrapassar a crise, pois sua outra alternativa, a colocação do gado paranaense na Província de São Paulo, foi impedida pela configuração da baixa qualidade do mesmo com a alta competitividade existente pelo mercado paulista.

A industrialização da produção do mate contribuiu, também, para a desagregação da economia tradicional, tornando-se o novo setor dinâmico da economia local.

...a burguesia comerciante regional conseguiu a partir do domínio do mercado de exportação, transformar os processos de produção do mate, numa indústria bastante tecnificada, que se aproxima do modelo paradigmático da industrialização européia... essa camada emergente conseguiu rearticular em seu benefício o conjunto de relações sociais da região...em decorrência da exploração do mate generalizavam-se no Paraná as relações sócio-econômicas de livre mercado.

A população vinculada à produção do mate, a burguesia do mate ou aqueles indiretamente relacionados a ela, instalou-se nas cidades, passando a exigir do estado uma série de melhoramentos urbanos como "ruas pavimentadas, iluminação noturna, saneamento e lugares para passeios".<sup>3</sup> O processo

de urbanização decorrente da indústria ervateira repercutiria so  
bre a escravidão, pois

os escravos não ficariam imunes ao ritmo das transformações e tentaram se inserir a todo custo nesse processo. Muitos proprietários iriam se encarregar de colocar seus escravos no mercado de trabalho urbano, transformando-os em negros de ganho. Em outros casos, os escravos fugiam e, protegidos pelo anonimato das cidades ou criando para si uma rede de acobertamento, também iriam ocupar o mercado urbano de pequenos serviços. Por conta própria ou por ordem de seus senhores, irão ainda empreitar serviços públicos ou trabalhar na indústria ervateira. Enfim, o escravo tornava-se cada vez mais indiferenciado em relação aos homens livres despossuídos. 4

A economia do mate - em um momento em que era intenso o fluxo de escravos do Paraná para a região de São Paulo, motivado pela expansão cafeeira, o que alterava a estrutura demográfica e abalava o sistema servil na província do Paraná - através do emprego indistinto de escravos e não-escravos, colaboraria ainda mais para a dissolução do escravismo, rompendo com a linha divisória entre livres e não-livres e substituindo-a pela noção genérica de trabalhadores morigerados e não-morigerados.

A este quadro de desagregação geral da economia tradicional, ao qual poderíamos acrescentar a crise de abastecimento causada pelo decréscimo da agricultura de subsistência e pelo crescimento dos centros urbanos, reagiriam os latifundiários dos Campos Gerais, que ainda detinham o controle do governo da província através do Partido Liberal, com críticas contundentes à economia ervateira. Não se limitariam apenas a acusações, devido às "questões de ordem moral e pelo impacto que elas causavam no ordenamento sócio-político da região como um todo,"<sup>5</sup> procurariam regulamentar o mercado e taxariam de forma abusiva a produção do mate.

A professora Odah Guimarães Costa elencou da seguinte forma as transformações acima referidas e outras, indicativas de uma mudança conjuntural na segunda metade do século XIX:

progresso técnico com a introdução de novos processos operacionais e a aplicação de maquinarias modernas, principalmente nas indústrias da erva mate e da madeira; pela aplicação de combinações novas por parte dos empresários, que conseguirão firmar aquelas indústrias no cenário nacional e internacional, com destaque, no platino e no chileno: pela desagregação da estrutura tradicional agrária dos Campos Gerais; pelo desenvolvimento demográfico e modificação da composição étnica; pela revisão da escala de valores em relação ao trabalho escravo e trabalho livre; pelas transformações políticas, representadas pela autonomia político-administrativa da Província e a implantação do regime republicano no Paraná(...) (...) pelo desenvolvimento das vias de comunicação; pela aplicação das conquistas da ciência e da técnica da época nos diversos setores da vida paranaense; (...) pela afirmação do espírito de classe. 6.

É neste contexto que Rocha Pombo atuaria de forma ativa como jornalista, escritor e deputado da província, procurando defender um projeto de reordenamento econômico e social.

Em 1886, o mesmo ano em que o presidente Faria Sobrinho constatava em seu Relatório a grave crise econômica da província, Rocha Pombo foi eleito deputado pelo 2º distrito. A sua eleição pelo Partido Conservador denota um íntimo relacionamento com as oligarquias nele representadas, especialmente aquelas ligadas à produção do mate. Alguns indícios parecem confirmar estas ligações, como a amizade com o chefe dos conservadores da cidade de Morretes, a sua colaboração nos anos de 1882-83 no jornal Gazeta Paranaense, órgão do Partido Conservador, e sua amizade com um dos principais expoentes do partido no Paraná, o Barão do Cerro Azul.

O seu desempenho na Assembléia Provincial no biênio 1886-87, merece ser ressaltado, pois neste local privilegiado de debates das elites sobre a instituição de políticas administrativas e econômicas para a província, o intelectual Rocha Pombo procurará convencê-las da viabilidade de reformas estruturais.

Então deputado, com apenas 29 anos, utilizou seu primeiro pronunciamento na Assembléia para justificar, perante a juventude paranaense inflamada pelos ideais abolicionistas e republicanos, os motivos que levaram a ele, republicano em 1879, fundador inclusive de um dos primeiros periódicos republicanos do Paraná (A Voz do Povo), a se eleger pelo Partido Conservador, defensor da ordem imperial e escravocrata.

(...)há nestas provincias um certo grupo de moços distanciados do seu tempo, um certo grupo de homens que entende que separando-se de seus contemporâneos presta melhores serviços ao país do que se unisse os seus esforços aos partidos militantes.

Não posso deixar de dizer, antes de tudo, que sei que esses moços me censuram pelo fato de ter me alistado em um dos partidos militantes; mas em primeiro lugar devo assegurar a esse grupo de bons espíritos que sou tão democrata, que sou tão amigo da liberdade, tão bom soldado da liberdade como os que melhores possa contar este país.

Quando eles me censuram, esquecem-se de que para tomar o posto de propagandista acérrimo da idéia nova é preciso antes de tudo firmar créditos perante a opinião, é preciso primeiro que tudo conquistar a confiança pública e ter a certeza de que o povo nos ouve.

Que, sr. Presidente, V. Ex. sabe o quanto tem custado, não direi já aos pequenos jornalistas, mas aos grandes escritores do país, fazer vingar sobre o espírito público esse conjunto de reformas, de melhoramentos sociais tão necessários ao progresso e civilização da nossa pátria.

Se essas reformas, perfeitamente comportáveis no regime vigente, tem lutado com tantos embaraços afim de arraigar-se bem no fundo do coração popular, como entender os propagandistas da república que será fácil levar a alma da nação a preferência pelo novo regime, a preferência pelo estabelecimento da república que deve abalar, que deve transformar, convulsionar a ordem das coisas existentes para depois reorganizar essa sociedade.

O sr. Vicente Machado - Não apoiado, a república evolucionista não quer isto.

O sr. Rocha Pombo - Sr. Presidente, a proveito o aparte do nobre deputado que me distingue, para dizer que é justamente pela república evolucionista que tenho o prazer de estar externando os meus pensamentos.

V. Ex. sabe, sr. presidente que ainda temos tanto a trabalhar, tanto a fazer neste país dentro do regime monárquico(...)

(...) não condenei os apenas nas lamentei que esse grupo de moços a que me referi se isola do seu tempo não querendo unir aos seus esforços aos dos partidos atuais, aos quais esta nação deve tudo até o presente.

Sr. presidente, por maior que chegue a ser este país, por maior que chegue a ser este povo, por mais gloriosa que venha a tornar-se a bandeira brasileira, os partidos atuais tem o direito de ver em tudo a sua obra, e com toda a certeza eles que tem lutado desde a organização do império, são os que hão de levar este país aos sistemas mais livres(...)

(...) Quero caminhar para a república dentro do sistema atual...7

O deputado Generoso Marques, no mesmo debate, definiu com fina ironia, o posicionamento de Rocha Pombo: ele se tornara uma espécie de republicano platônico. Na verdade, porém, a prática legislativa de Rocha Pombo demonstra que aderira ao status quo político vigente, acreditando que conseguiria, assim, implementar uma política de reformas urgentes. Considerava-as necessárias para o progresso e civilização da província do Paraná, retirando-a de um profundo estado de crise e penúria, assim percebido por Rocha Pombo, em 1887: "as emergências em que nos achamos não nos podem ser mais aflitivas, a época exige que todos nós façamos um sacrifício"<sup>8</sup>

O sentimento emergencial de Rocha Pombo tem suas raízes em uma real crise econômica, vivida pela província na década de 80. Além da desagregação já apontada na economia tradicional dos Campos Gerais, segundo a prof<sup>a</sup> Odah Guimarães Costa, o período entre 1880 e 1885 é de dificuldades para a economia ervatei

ra, que teria como principais motivos as taxações excessivas de impostos sobre a indústria ervateira pelo governo provincial e a exportação da erva em rama paranaense para a Argentina, onde era beneficiada e colocada no mercado por preços mais acessíveis.<sup>9</sup>

O ano de 1885, portanto o ano imediatamente anterior ao início da prática legislativa de nosso deputado, foi marcado por pressões por parte dos ervateiros liderados pelo Barão do Serro Azul (Ildefonso Correia), sobre o governo provincial para que adotasse medidas urgentes, com o objetivo de evitar crise ainda mais contundente no setor. Tais medidas consistiriam essencialmente na

supressão dos impostos provinciais de 4% para a exportação de erva beneficiada e de 4rs cobrados por quilogramas no transporte pela estrada de ferro e todos os impostos municipais que recaíam sobre a produção e exportação. 2º O estabelecimento de equilíbrio entre os impostos lançados na República Argentina e aqueles cobrados na Província do Paraná, estabelecendo-se o imposto de 2\$000 sobre cada 15Kg de erva em rama que saísse para o Rio da Prata, seguindo as medidas aplicadas na Província de Santa Catarina e no Paraguai. 3º A diminuição, pelo governo imperial da tarifa da estrada de ferro de 30\$000 para 24\$000 a tonelada.<sup>10</sup>

Das proposições apresentadas, algumas foram adotadas como projeto de lei que estabelecia o imposto de 2\$000 por 15 kg da erva cancheada e a aprovação de verba para o propagandeamento do mate. Aliada a fatores conjunturais, como a maior tecnificação da produção e a melhoria do sistema de transportes, seriam suficientes para assegurar o controle da economia paranaense por parte dos ervateiros nas décadas seguintes.

A crise, porém, fora um significativo sinal de alerta em relação aos perigos de restrição da economia a um único produto. Este fator conjugado com a reação da oligarquia fundiária, ao impacto que provocava nas relações sociais e no mercado local, transformou a cultura do mate em alvo de todas as condenações.



Esta situação seria refletida por Rocha Pombo:

Asseguro a V. Ex. que se até hoje estivessemos reduzidos a mina e ao herval, com certeza a nossa província estaria em estado de penúria... (não entendo)... que a erva mate tenha de todo sido inútil ao progresso de nossa província, mas quero dizer que sendo as atenções, as energias, toda a nossa atividade atraída para este ramo da indústria, esquecemos tudo o mais que possuímos. 11

Não pensemos que as críticas de Rocha Pombo à cultura de mate seriam uma adesão ao ponto de vista das oligarquias tradicionais. Os objetivos principais do projeto de reordenamento econômico de Rocha Pombo eram a diversificação da produção agrícola e o desenvolvimento de indústrias no Paraná. A excessiva dependência para com o mate, por um lado, dificultava a diversificação da agricultura. Por outro, o imobilismo dos capitais existentes, proporcionado pela falta de espírito empresarial de certos setores da oligarquia do mate e da oligarquia tradicional, era visto como óbice à concretização do seu projeto. A crítica à não circulação de capitais foi assim expressa:

Sr. presidente, é claro que não é das melhores, que não é mesmo boa a situação da nossa província. Não temos indústrias, nossa lavoura é insuficiente e improfícua mesmo, não temos artes, e, por consequência não temos elementos de comércio - por consequência a nossa renda pública é exigua.

Se procurássemos a causa deste depauperamento progressivo que parece ir a nossa província, encontraremos em primeiro lugar o retraimento dos capitais, que não se arriscam em operações sem contar com lucros certos.

O capital, nesta terra, sr. presidente, é um bicho medroso.

Aferrolhado nos cofres dos mais protegidos da fortuna, ele não se franqueia a nenhuma utilidade, a nenhuma empresa de vulto, tendente a aproveitar os numerosos elementos que possuímos. 12

Para Rocha Pombo, como veremos adiante, o modelo de capitalista a ser seguido é aquele concretizado na figura do Barão do Cerro Azul, líder da indústria ervateira.

A província se ressentia, também, da falta de estradas, dificultando a circulação de mercadorias, o que contribua para a estagnação econômica:

Se é certo, sr. presidente que nos falta tudo isso, que nos falta iniciativa, que nos faltam braços, que faltam mesmo empresas que se apliquem a aproveitar tudo quanto possuímos, é também certo que nós legisladores da província devemos ir ao fundo da questão para examinar qual a causa de tudo isso.

Observo antes de tudo que a falta de estradas é um dos mais poderosos óbices ao desenvolvimento que almejamos. 13

A escassez de estradas dificulta o transporte, atrapalhando profundamente a colonização da província pelos imigrantes europeus, os portadores, para Pombo, da civilização e do progresso:

Entendemos que a colonização deve ser...

I- um elemento de civilização ou de progresso moral

II- um elemento de produção ou de progresso material. 14

A imigração, para ele, era a condição imprescindível para a diversificação das atividades agrícolas e industriais. O que, inclusive, já estaria comprovado na província:

(...) com certeza a nossa província estaria em estado de penúria, se não fora umas poucas famílias estrangeiras que para aqui vieram, e que iniciaram, algumas outras indústrias. 15

Por outro lado, imigração seria:

"a única medida profícua, o extremo salvatício da agricultura." 16

Feito o diagnóstico, Rocha Pombo apresenta sua proposta, ou seja, a criação de um novo sistema econômico, baseado na diversificação agrícola e industrial e na mão-de-obra imigrante. Para se concretizar estas medidas,

devemos lançar mão até de recursos extremos, até de medidas extraordinárias afim de obtermos os meios indispensáveis de prover a essa necessidade. 17

Como deputado, apresenta na Assembléia Provincial uma série de projetos com o intuito de tornar realidade estes an

seios. Em primeiro lugar, o projeto de proteção aos capitais industriais, - idéia defendida anteriormente e solicitada sua efetivação ao então Presidente da Província, Carlos de Carvalho, em artigo de 1882 - expresso nos seguintes termos, em 16 de novembro de 1886:

A assembléia legislativa provincial do Paraná decreta:

Art. 1º: Fica garantido o auxílio de 5% a todos os capitais de 20\$000 para cima que se applicarem às empresas industriais, contanto que empreguem matéria-prima obtida na província.

Art. 2º: Revogadas as disposições em contrário."18

Prevendo "tormentas e trovões", propõe para obtenção de recursos que viabilizariam este projeto, a arrecadação de imposto territorial, nos seguintes termos:

Art. 1º: Fica criado o imposto de 1% sobre o valor imóvel das propriedades territoriais da província.

Art. 2º: O produto deste imposto será applicado especialmente ao pagamento de juros a capitais empregados em empresas industriais e a abertura de estradas.

Art. 3º: Para isso, 50% do produto deste imposto serão gastos em estradas do próprio município ou comarca onde fora arrecadado o imposto, e outros 50% serão gastos como determina a última parte do artigo antecedente."19

Acabada a leitura, o sr. Westphalen reagiu com um "desde já declaro que não apóio o projeto", seguido de outros deputados que ironizam a pouca consistência do projeto. Se, normalmente, a proposta de taxar as propriedades das oligarquias rurais já encontraria reações adversas, em um momento de crise, os ânimos só poderiam se exarcebar. O projeto sofre a oposição do Partido Liberal, representante dos interesses da oligarquia tradicional paranaense, baseada em uma premissa que talvez possa ser resumida na seguinte fala: "Prisciliano - ...o imposto territorial seria chamado o imposto sobre os ricos" 20

O projeto nem iria à votação, seria arquivado por pressão da maioria composta pelo Partido Liberal. Rocha Pombo

bo retornaria ao tema quando da discussão sobre o orçamento provincial em 29/03/1887,, reafirmando sua crença no imposto como forma de salvação da província. Na sua exposição, rebate as críticas feitas ao projeto, à alegada dificuldade de se cadastrar os proprietários, propõe o critério da extensão como base da cobrança do imposto, com um escalonamento do valor do mesmo. Dividida a província em três zonas: urbana, pastoril e rural, haveria cobrança decrescente da maior, a urbana, para a menor, a rural. Redimensiona a aplicação da receita, destinando 50% a obras públicas locais, 20% para obras públicas em geral, 15% para o patrocínio das empresas e auxílio à Província 5%.<sup>21</sup>

A reavaliação empreendida por Pombo, parece ter seu fundamento não apenas na constatação das fragilidades do projeto, mas também nas pressões que aparentemente sofrera no decurso da legislatura, por parte de seus eleitores, como podemos deduzir do seguinte diálogo com o deputado Generoso Marques:

O sr. E. Correa - É mais racional o imposto territorial.

O sr. Rocha Pombo - Entretanto da outra vez, quanto barulho se fez com isto, quantas cartas escreveram-se para o interior a este respeito.

O sr. Generoso Marques - Não era preciso escrever cartas, os discursos de V. Ex. foram publicados e por eles todos podiam apreciar as idéias do nobre deputado. É a vantagem de termos taquígrafo para a publicação de nesses debates.

O sr. Rocha Pombo - Não digo isto sem razão, porque se quis, se procurou até especular com isto; no entanto, veja a minha província se eu queria que se o messem vivos os fazendeiros.

O sr. Generoso Marques - V. Ex. colocou-se em antagonismo com seus constituintes, propondo um imposto que iria recair exclusivamente sobre eles, sobre os fazendeiros.

O sr. Rocha Pombo - Propondo semelhantes medidas, não me colocava em antagonismo com eles. Pois o que tem isso com a confiança que elles em mim depositaram.

O sr. Generoso Marques - Digo em antagonismo de interesses. Eu até aplaudi

o desprendimento de V. Ex.<sup>22</sup>

A avaliação do deputado Generoso Marques estava certa. Com a perda de confiança por parte da oligarquia - seu leitorado - Rocha Pombo não foi indicado para uma segunda legislatura, ficando profundamente deslocado no meio político. Volta rá à Assembléia como deputado, apenas em 1916, muito mais em ca ráter honorífico, por sua atuação como jornalista e historiador na capital federal.

Cabe ainda ressaltar que Rocha Pombo apresentou à Assembléia uma proposta complementar de criação, em Curitiba, de uma exposição permanente dos produtos industriais e agrícolas da província. Foi seu único projeto aprovado.

Art.1.º: Fica criada nesta capital uma exposição anual de produtos de lavoura indústria e artes.

Art.2.º: É aberto um crédito permanente de dez contos de réis para ocorrer as despesas que se houver de fazer com es sa exposição.

Art.3.º: O governo da província, no regulamento que confeccionar para a execução desta lei, instituirá diversos prêmios destinados a galardear os melhores produtos expostos, segundo adjudicação feita por um júri especial.

Art.4.º: O serviço de recebimento e abo letamento de produtos será feito em qualquer época do ano, e a exposição será aberta à visitantes tantas vezes quantas forem convenientes, a juízo de presidente da província.

Art.5.º: Ficam isentos de quaisquer co tribuições devidas, ao tesouro provincial ou municipal os produtos destinados à exposição.

Art.6.º: Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das sessões, em 9 de novembro de 1886. 23

Rocha Pombo pretendia, em um primeiro plano, incentivar o desenvolvimento da indústria e da agricultura, através de um maior intercâmbio de técnicas de fabrico e do conhecimento aprofundado dos empresários sobre sua produção. Para atingir seus objetivos, propôs, coerentemente, a exposição industrial. As exposições, naquele momento, (segunda metade do século XIX), cumpriam seu papel de auxiliar da constituição do mercado mundial, de entronizar a mercadoria, transformá-la em fetiche

a ser venerado. A exposição industrial foi considerada por Walter Benjamin como "centro de peregrinação ao fetiche-mercadoria". Papel cumprido exemplarmente nas grandes exposições universais de Londres, em 1851, Paris, em 1900 e Chicago, em 1893.

Rocha Pombo surgia como partícipe da ambição das elites brasileiras que, através da criação destes eventos a nível nacional ou da participação no âmbito internacional, pretendiam integrar o Brasil à paisagem cosmopolita. Na afirmação de Francisco Foot Hardman:

Ao adentrar o universo do espetáculo da máquina, o Império Sul-americano não apenas reclamava assento no "concerto econômico dos grandes estados" (leia-se divisão internacional do trabalho). Fazia parte, ao mesmo tempo, do movimento genérico da modernidade; sua entrada aí não era contingente. Tinha muito que mostrar; tinha tudo para se exibir e ser admirada como nação contemporânea. 24

Estes homens fascinados pela aura da mercadoria, exaltavam a vocação civilizadora da exposição industrial. Assim falava Rocha Pombo, em um momento posterior, a respeito da participação do Paraná na Exposição Universal de Chicago:

É necessário e devemos considerar até como um dever do nosso patriotismo, que o Paraná se faça representar condignamente na exposição de Chicago. Para isso basta que tenhamos uma compreensão perfeita do que valem para as orções estas festas pacíficas da indústria e da civilização moderna, e que nos esforços para dar mais uma prova de que não nos achamos muito aquém dos nossos irmãos da República no ponto de vista do movimento econômico. 25

A exposição industrial teria, portanto, caráter de encontro pacífico, onde a guerra seria sublimada e a beligerância entre os estados seria substituída pela disputa por premiações. Assim, por exemplo, seria possível que a disputa pelo mercado latino e europeu do mate fosse reduzido à premiação obtida por excelência do produto do Barão do Cerro Azul. Isso, porém, explica apenas parcialmente a defesa da criação de uma exposição permanente, por parte de Rocha Pombo. Em artigos escritos após sua prática legislativa, o autor definia a exposição ou a participação em

exposições universais, como uma vitrine do Paraná, para atrair a força internacional de trabalho.

(...)E quando mesmo nada pudessemos exibir, seria suficiente que fossemos provar aos povos do velho mundo que temos elementos na nossa natureza e nos estímulos que sentimos ante ela, para conquistar logo a mais brilhante situação econômica e política entre os estados da América.

É que nos parece que é exatamente isso o que antes de tudo nos convém. As nacionalidades do Novo Mundo têm de fundar a sua prosperidade na fusão de todas as raças da Europa e têm de contar portanto com o concurso de todas elas.

Demonstra a evidência que somos dignos desse concurso e que estas paradisíacas regiões do continente americano merecem ser preferidos pelo gênio dos europeus e eis aí o que nos cumpre fazer e o que se torna o mais elevado fim do nosso concurso na Exposição de Chicago. 26

A apresentação deste projeto reveste-se, portanto, de todo o seu significado, quando nos remetemos ao ideário imigrante, mostrando-se perfeitamente coerente com as outras medidas defendidas pelo jovem deputado, para o reordenamento econômico da província, constituindo-se num verdadeiro projeto de modernização.

### 1.1. Rocha Pombo e o Barão do Serro Azul

O diagnóstico e as proposições de Rocha Pombo assemelham-se àquelas defendidas, no período, pelo principal expoente do Partido Conservador e da indústria ervateira, o Barão do Serro Azul.

Ildefonso Correia, Barão do Serro Azul, foi um dos principais responsáveis pelas medidas necessárias para a evolução técnica da indústria ervateira. O seu engenho Tibagy teria sido um dos primeiros a utilizar máquinas em grande escala. Sendo um empresário do tipo "schumptariano" segundo Odah Guimarães Costa, teve grande diversificação de atividades empresariais, a partir da aplicação

dos capitais obtidos com o mate. Participou da fundação do Banco Mercantil e Industrial do Paraná(1889), foi sócio da Companhia de Ferro Carril de Curitiba(1887), criou a Impressora Paranaense e teve um papel ativo na indústria madeireira, chegando a possuir duas serrarias, a de São Sebastião da Roseira e a Seis de Agosto.

A atividade política, para Cerro Azul, estava intimamente relacionada à empresarial, pois foi, durante anos, líder do Partido Conservador, que agregava grande parte dos produtores de mate. Foi deputado provincial em diversas legislaturas, membro e Presidente da Câmara Municipal e por um curto espaço de tempo, foi presidente da província(1888). Era membro de uma família de tradicionais políticos conservadores, como seu pai, Comendador Manoel Francisco Correia, seu irmão Manoel Francisco Correia Jr., Ministro do Exterior(1873) e Senador do Império(1877) e seu tio, Manoel Antonio Guimarães, Visconde de Nacar, deputado geral e presidente da Província do Paraná.

Na privilegiada posição de líder político e econômico das oligarquias do mate, Cerro Azul faria o seguinte diagnóstico da crise do seu setor, durante a década de 80. A indústria ervateira e a

...de fabricação de barris, confecções, desaparecerão do Paraná; centenas de operários hoje empregados por elas e umas cinquenta fábricas ficarão sem utilidade. <sup>27</sup>

Cerro Azul previa um desmanche da indústria ervateira se tal situação perdurasse. A única forma de resolução dos problemas seriam reformas estruturais, especialmente a diversificação da produção agrícola e o incentivo às indústrias. Para o Barão, a excessiva dependência do mate sujeitava a província a crises cíclicas, provocando prejuízos pela queda dos impostos arrecadados e aos produtores.

A consecução de tais objetivos seria possível se houvesse uma atuação conjunta de governo, industriais e exportadores pois

tudo dependia de uma política de imigração adequada, da substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre,



da arregimentação de capitais adequados, da reconstrução de estradas, como a da Graciosa, da abertura de novas estradas, como a estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, além da diminuição dos impostos e taxas, que incidiam sobre o mate e as outras indústrias provinciais.<sup>28</sup>

Rocha Pombo era membro do mesmo partido do qual o Barão do Serro Azul era líder. Podemos depreender um relacionamento próximo entre eles, especialmente pelo desempenho do papel de diretor do jornal "Diário do Comércio", de propriedade do Barão do Serro Azul, em 1892 e pelo necrológio emocionado e elogioso, escrito por Rocha Pombo após a morte de seu amigo, o livro Para a História. Mais íntima, podemos constatar, é a semelhança entre diagnósticos da crise e as proposições para resolvê-la. A mesma ênfase na excessiva dependência do mate; o mesmo anseio por reformas estruturais, tais como imigração, abertura de estradas, arregimentação de capitais para as indústrias e diversificação da produção agrícola. A coincidência entre as propostas parece apontar para um ideário básico, assumido pelos industriais ervateiros e seus intelectuais, partícipes do Partido Conservador.

A esta semelhança de propósitos, opõe-se o imediatismo de Rocha Pombo e a priorização radical pelas reformas.

Na Assembléia apresenta o seu conjunto de projetos como forma única e urgente de salvação da economia da província. Falando para uma Assembléia dividida em dois grupos, descontenta a ambos. Descontenta os liberais representantes da decaente economia tradicional, os mesmos que dominavam a estrutura de poder da província e sobrecarregavam de taxações a indústria do mate e que, há pouco (1885), foram substituídos pelos conservadores na presidência da província, estando de ânimos acirrados na luta pela manutenção do status quo.

Descontenta, apesar da maior condescendência, os membros do Partido Conservador, representantes da indústria ervateira, em um momento em que os mesmos procuravam aprovar medidas para incrementar novamente suas atividades. Sobre a possibilidade de efetivação das propostas reformistas de Rocha Pombo, lembremos com Odah Guimarães

as possibilidades para substituir o mate na época, em exportações na província eram difíceis, quase impossíveis. A agricultura lutava com diversas dificuldades e não apresentava condições para solucionar a situação econômica da província... enquanto a situação não muda, o principal problema da economia paranaense continuava a incidir sobre a indústria ervateira. 29

A consciência desta situação foi demonstrada pelo Barão do Serro Azul, na sua já citada ação, pressionando o presidente da província, Brasília Araújo, para aprovação de medidas urgentes, beneficiando o setor ervateiro.

Os projetos de Rocha Pombo, além de não serem aprovados, à exceção do que criava a Exposição Industrial do Paraná, foram recebidos com ironia. Dentre elas, a que melhor resume a atuação de Rocha Pombo, é aquela de Vicente Machado, na qual refere-se a ele como excessivamente "metaphysico". Incapaz de perceber as veleidades políticas e econômicas momentâneas, arraigadas a idéias que continuaria a defender por todo o período aqui estudado, nosso deputado metafísico obteve apenas a desconfiança do Partido Conservador e a ironia cruel dos liberais. Na procura da ascensão política, acaba por descobrir muito cedo o seu real papel perante as elites: o de deslocado.

## 1.2. Rocha Pombo: imigração e racismo

Até agora descrevemos o projeto de reordenamento econômico de Rocha Pombo, reformas econômicas que garantissem a diversificação da produção agrícola e do desenvolvimento de indústrias. Devemos enfatizar, porém, que tais objetivos estão vinculados necessariamente a um processo imigrantista bem sucedido. No pensamento de Rocha Pombo progresso e civilização são sinônimos de mão-de-obra imigrante.

Logo, em um de seus primeiros artigos publicados na Gazeta Paranaense, no ano de 1882, e dedicado ao presidente da província, Carlos de Carvalho, Rocha Pombo demonstra posicionamento favorável à colonização do território paranaense, através da imigração espontânea de europeus. Para ele, a colonização teria caráter de urgência, que seria motivada pelo desaparecimento certo

da mão-de-obra escrava, além da escassez de braços no território paranaense.<sup>30</sup>

Com a extinção do tráfico negreiro em 1850, as elites agrárias tomaram consciência do "limite temporário da escravidão".<sup>31</sup> Diante do inevitável, restava ao fazendeiro tomar atitudes práticas no sentido de que a reforma social e econômica fosse realizada sem abalo da ordem, preservando-se os interesses ligados à manutenção do status quo. Frações das classes dominantes formularam diferentes projetos de reordenamento econômico e de dominação política a "partir da emergência da formação de um mercado de mão-de-obra baseado no trabalho livre."<sup>32</sup>

Fazia-se necessário a redefinição do ato do trabalho e a "criação de mecanismos jurídicos institucionais que garantam a submissão do trabalhador ao regime de trabalho imposto e o rompimento do contrato estabelecido".<sup>33</sup> Esta segunda condição seria alcançada com a criação da República, que proporcionaria ao Estado, órgão de dominação de classe, legitimidade através de medidas jurídicas institucionais de cunho liberal.<sup>34</sup>

A resolução das questões jurídico-institucionais não bastava simplesmente. De forma simultânea, questionava-se acerca da redefinição do ato do trabalho. Como fazer o trabalhador interiorizar a ideologia do trabalho? Como obter um trabalhador sem recursos para sobrevivência, que venda sua força de trabalho nas condições exigidas pelos proprietários? Como obter um controle efetivo do tempo deste proprietário? Enfim, como alcançar a figura ideal do trabalhador morigerado?

A busca da identidade de um trabalhador ideal para o mercado de mão-de-obra livre, que se constituía no Brasil é uma das faces da procura de uma identidade nacional. O debate em torno desta problemática, alcançou grande intensidade no decorrer da segunda metade do século XIX, girando em torno de dois eixos: o proveitamento do trabalhador nacional ou do trabalhador imigrante.

Os defensores do aproveitamento da mão-de-obra nacional apresentavam a tese da possibilidade da constituição de um trabalhador nacional morigerado que interiorizasse a necessi-

dade do trabalho. Isto se daria através da coerção jurídica e policial ou, ainda, através de uma formação educacional capaz de garantir, na aprendizagem profissional, o exercício da cidadania.

Ao aproveitamento do nacional livre, negro, ex-escravo, mestiço ou índio, os imigrantistas colocavam uma série de obstáculos. Em primeiro lugar, a escassez de mão-de obra, a afirmação de cunho genérico e impreciso. Em segundo lugar, a existência de problemas no aproveitamento dos nacionais livres, como por exemplo, estavam sujeitos ao recrutamento para a Guarda Nacional, à participação no corpo de jurados. Em terceiro lugar, o grande tema da ociosidade nacional.

Segundo Célia M. de Azevedo, este último tema

não passaria de uma manifestação superficial a encobrir três questões muito profundas, enfrentadas pelos proprietários num momento de reacomodação das relações de produção: em primeiro lugar temos a não submissão do nacional pobre a um "tempo burguês" externo às suas necessidades de sobrevivência; e por isso mesmo, conflitante com o seu bem-viver; em segundo, o arbítrio dos governantes (recrutamento oficial e também arregimentação particular) a entrar a própria possibilidade de disciplina de trabalho livre, bem como o processo de sua assimilação pelo nacional; e, por fim, os "altos salários" exigidos pela mão de obra interna ou o seu poder de barganha, o que decerto também significava uma margem considerável de controle sobre o tempo de trabalho pelo próprio trabalhador...<sup>35</sup>

Para a mesma autora, tais questões demonstram a resistência entre homens livres e pobres nacionais à opressão por parte dos proprietários e do aparelho estatal. Os imigrantistas simplificariam a problemática, descartando a mão-de-obra nacional, sob a acusação de vadiagem ou "incapacidade para o trabalho."<sup>36</sup>

Esta questão apareceria de forma cristalina no Paraná, em 1882, onde, no processo de constituição de um mercado de mão-de-obra livre, os industriais do mate contrapunham a resistência do trabalhador livre à mecanização expropriadora do controle do processo de trabalho e da especialidade.<sup>37</sup>

O presidente da província, dr. Carlos de Carvalho, assume a defesa da mão-de-obra livre nacional e a de sua capacitação através da criação de escolas noturnas. A exemplo dos imigrantistas paulistas, Rocha Pombo critica o presidente da província, baseado em um suposto consenso desqualificador: "Está discutido e verificado que os aborígenes submissos a rotina, não tem condições para o trabalho agrícola!"<sup>38</sup>

A solução ideal para o desenvolvimento da província seria a imigração espontânea, que capaz de

(...)aumentar os elementos da nossa produção agrícola e industrial, deve trazer nos novos recursos de educação, costumes mais adiantados, princípios mais fecundos de trabalho, e até deve trazer-nos um outro sangue que ao menos renove o temperamento e a índole da nossa raça.

Raça - palavra fundamental no discurso imigrantista. Evidencia-se o caráter racista do ideário imigrantista e, portanto, do pensamento de Rocha Pombo.

No Brasil fin-de-siécle a discussão sobre o tema racial estava disseminada. Para Lilian Schwarz, no Brasil "o problema racial seria mesmo "a linguagem pela qual se torna possível aprender as desigualdades observadas, ou mesmo uma certa singularidade nacional!"<sup>40</sup>

Seria na década de 70, tão rica em fenômenos de transformação sócio-econômica, década que assistiu à formulação da Lei do Ventre Livre, em 1871, que chegariam, de forma tardia, as teorias raciais oitocentistas. Estas entrariam no país via imperialismo europeu, que tomava o darwinismo social e a idéia de seleção natural como justificativa do domínio ocidental. No Brasil ela seria recebida com entusiasmo, servindo como instrumento de compreensão do país. Na fala de Lilian Schwarz:

em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentam como um modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montara.<sup>41</sup>

Na formação de uma original teoria racial no Brasil, seriam de grande importância alguns centros irradiadores de ciência,

como os institutos históricos e geográficos, os museus etnográficos, as faculdades de medicina e as faculdades de direito. Nestes centros se construiu a originalidade do pensamento racial brasileiro, marcado por uma *sui generis* junção de darwinismo social e evolucionismo:

Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que se problematisassem as implicações negativas da miscigenação. Das máximas do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e aperfeiçoamento, obliterando-se a idéia de que a humanidade era una. 42

A entrada deste ideário evolucionista, conjugado ao positivismo, não ficaria restrita ao pequeno grupo de homens de ciência ligado aos instintos. Exemplos desta disseminação, de acordo com Lillian Schwarz, são as propagandas do ideário evolucionista positivista feito pelo jornal Estado de São Paulo e, ainda, a utilização dos modelos científicos deterministas em romances naturalistas, como A Carne, de Júlio Ribeiro, e O Chromo, um estudo de temperamento, de Horácio de Carvalho.<sup>43</sup>

As teorias deterministas trazem a certeza da "proximidade do mundo europeu" e intensificam a crença no progresso e na civilização.<sup>44</sup> A linguagem científica tornou-se símbolo do secularismo e passou a servir de "rótulo ao literato".<sup>45</sup> Dará, ainda, legitimidade ao discurso dos grupos urbanos ascendentes, responsáveis pelos novos projetos políticos e que se viam através da lente da modernidade.

Estes intelectuais urbanos, devoradores de manuais e livros de divulgação científica, transformaram o pensamento racial em "instrumento conservador e mesmo autoritário na definição de uma identidade nacional e no respaldo às hierarquias, já cristalizadas".<sup>46</sup> Rocha Pombo, intelectual urbano, não fugiria a esta tendência. Leitor atento de Hypollite Taine e Ernest Renan, dois expoentes da teoria darwinista social, transferiria para seu discurso tais concepções.<sup>47</sup>

Em relação à escravidão, a teoria das aptidões raciais afirma que os negros haviam se tornado escravos devido às suas características raciais inferiores e, portanto, traziam em si a culpa da escravidão moderna. Desta forma, a sociedade brasileira, além de isentar-se de culpa, ainda seria vítima da degradação moral imposta pelos africanos. Sobre este tema, o emancipacionista Rocha Pombo, futuro orador da Confederação Abolicionista, em 1888, elaborou o seguinte comentário, no ano de 1882:

«...Não façamos tão somente questão de instrumento para o trabalho. Foi esse o grande erro dos que introduziram a escravidão dos africanos em nosso país. Quiseram escravizar o índio, mas o índio, além de bravo, era fraco para o trabalho. Veio o africano verdadeira máquina, insensível às intempéries, às agruras e até aos cansaços da vida dos campos.

E o africano, com a ociosidade que nos garantiu, que enormidade de males não nos trouxe?

E por que? Simplesmente porque o africano não é um indivíduo que a nossa sociedade possa assimilar, ou que possa melhorar a nossa raça. <sup>48</sup>

Tal perspectiva foi retomada em 1892:

Uma nacionalidade não pode viver de expedientes. As medidas avulsas, tomadas a vista das dificuldades que não ocorrem do nunca deram solução definitiva a coisa alguma. Nós mesmos acabamos de experimentar quanto têm de funestos os tais expedientes de momento. Ainda ontem conseguimos, por esforço heróico e supremo, eliminar a instituição servil. O escravo entretanto, causou males que não de perdurar por muitos anos e talvez por séculos.

Entretanto, o trabalhador africano foi também um expediente. Houve quem se convencesse de que só o homem do continente negro se poderia adaptar aos climas da Centro América e suportar as agruras do trabalho rural. <sup>49</sup>

A leitura determinista de Pombo, conduz à premissa da importância da raça para a formação da nação. É assim que se justifica a frase "a nacionalidade não vive de expedientes". Era necessário desvincular-se da herança racial negra e mestiça que,

2

segundo Renan, não eram capazes de perfectibilidade ou progresso. Com esta preocupação dominando seu imaginário, Rocha Pombo também condenaria a imigração dos chins, ou coolies, a exemplo do que ocorrera nos debates sobre a introdução de asiáticos na província de São Paulo.<sup>50</sup> Em um dos debates que ocorreram na Assembléia Paulista, o deputado Costa Jr. fez a seguinte intervenção

(...) não queremos o chinês para conviver conosco, para aliar-se às nossas famílias para envolver-se em nossa vida pública (...). O chinês é refratário à civilização do ocidente; o chinês cioso de suas tradições, é egoísta, não se envolve nem na nossa vida política, nem na nossa vida privada. Queremos o chinês unicamente como instrumento de trabalho; será o chinês conveniente ao Brasil? Eis a questão. 51

Comparemos com dois artigos de Rocha Pombo, referentes ao assunto. O primeiro em 1882, ligado ao debate nacional:<sup>52</sup>

Nem serão alguns milhares de trabalhadores de raça inferior a nossa porém incontestavelmente superior à africana, que uderão ameaçar-nos de decadência física ou moral. O chinês é unicamente trabalhador a salário e não liga a terra estranha; não adota segunda pátria, não fecunda famílias, torna ao seu país cumprindo o seu mais ou menos prolongado contrato, é o ponto de mira das suas ambições(...). E para que nos serviria, pois, o chinês? 53

Em 1892, em um artigo publicado no Diário do Comércio, como resposta à proposição de importação de mão-de-obra - chinês, feita pelo jornal O Democrata, Rocha Pombo começaria com um tom mais ameno, porém ainda dentro do campo da concepção racial

Entendemos que há de ser fatalmente a fusão das sociedades ocidentais com as do continente asiático. E até essa fusão nos parece que há de firmar definitivamente toda a obra do espírito humano no globo.. dizemos nós, como um sangue destinado a equilibrar o nosso temperamento, o chinês seria aceitável sem perigo para a nossa nacionalidade. 54

A esta condescendente introdução, segue-se uma ve-



emente conclusão:

o Brasil(...)dá exemplo de uma semelhante anomalia(...)chamando uma raça que nós próprios julgamos inferior, exclusivamente para aproveitar-lhes as aptidões especiais no serviço agrícola. 55

Rocha Pombo ainda argumenta que a importação dos chins se justificaria no estado de São Paulo, onde:

os fazendeiros de café, com todos os preconceitos, com toda a ignorância e com todos os vícios que a própria escravidão implantou no caráter brasileiro, acostumaram-se a não poder viver sem contar com instrumentos baratíssimos de trabalho. 56

Mas não para o estado do Paraná. O que se fazia necessário era uma reforma profunda das estruturas econômicas de acordo com "os conselhos da ciência e da indústria modernas, as relações entre proprietários e assalariados." 57

Para se alcançar esta meta era fundamental a imigração. Rocha Pombo defende, em diversos momentos, a imigração espontânea. Porém, esta deveria seguir um modelo:

as nacionalidades do novo mundo tem de fundar a sua prosperidade na fusão de todas as raças da Europa e temos de contar com o comum de todos eles.

Demonstra a evidência que somos dignos desse concurso, que estas paradisíacas regiões do continente americano, merece ser a preferida pelo gênio dos europeus. 58

Imigração do branco, passível de perfectibilidade, esta é a solução defendida por Rocha Pombo para a constituição da nacionalidade e do mercado de mão-de-obra livre.

### 1.3. Rocha Pombo, Colombo Leoni: um projeto imigrantista para o Paraná

No Paraná já existia uma tradição imigrantista. Antes mesmo de passar à categoria de província, em 1853, o Paraná tivera suas primeiras experiências com a colonização. Em 1829, em Rio Negro, foi instalada uma colônia alemã, dentro de uma política imperial, de preenchimento dos vazios demográficos. Esta política foi interrompida em 1830, graças a críticas contra os fracassos obtidos em vários empreendimentos colonizadores. 59

Em 1834, o Ato Adicional concedia à província a promoção e o estímulo à colonização. Proposição que só seria colocada em prática após a emancipação da província. Nesse ínterim, a política imperial em relação à imigração sofrera profundas modificações. Trabalhava-se uma luta política entre um grupo favorável à

constituição de núcleos coloniais, independentes, com colonos, pequenos proprietários de terras doadas a preços módicos e a outra interessada em favorecer a entrada de mão de obra agrícola assalariada.<sup>60</sup>

O conflito era tanto mais veemente, quando estavam envolvidas verbas concedidas pelo governo para estímulo às atividades migratórias ou colonizadoras.

Apesar das pressões dos fazendeiros paulistas para a adoção de medidas - como a Lei de Terras - que restringissem a propriedade de terras aos colonos, com o objetivo de forçá-los a empregarem-se como assalariados na agricultura, o surgimento de problemas de abastecimento na província de São Paulo, levou a uma flexibilização da política imperial.

No Paraná, "onde não existiam grandes propriedades rurais exigindo mão de obra assalariada em larga escala"<sup>61</sup> o problema imigratório "foi desde logo colocado no sentido de criar-se uma agricultura do abastecimento" e de promover na província o progresso através da imigração de colonos morigerados.<sup>62</sup>

Desta forma, com a "orientação conjunta das autoridades imperiais e provinciais",<sup>63</sup> dezenas de estabelecimentos coloniais se fixaram na província. Somente em Curitiba, existiam em 1879, mais de vinte colônias. A política de colonização no Planalto Curitiba no foi seguida de esforços não muito bem sucedidos para colonizar a região litorânea e dos Campos Gerais.

Na década de 80, apresenta-se nova conjuntura, marcada pela tentativa de libertar o estado do encargo da colonização e pela

realização de grandes obras públicas, como a construção de estradas de ferro e de linhas telegráficas, iniciadas a partir de 1880, abriu novas perspectivas para o problema da introdução de imigrantes, oferecendo oportunidades de traba-

lho para grandes massas de trabalhadores. 64

O presidente Luis Alves Leite de Oliveira Bello e, especialmente, o presidente Alfredo d'Escragno Taunay, em 1886, procuraram confrontar a nova conjuntura, sendo, o último, responsável pela criação de dezenas de sociedades de imigração.

O presidente Taunay era um conhecido imigrantista. Este engenheiro, matemático, militar e romancista, de conhecida atuação na guerra do Paraguai, foi um dos principais fundadores da Sociedade Central de Imigração (S.C.I.), inspirada no pensamento de Louis Couty, o mesmo que escrevera um livro sobre as benesses do mate.

A S.C.I. defendia a emancipação negra como necessária para a educação dos nacionais e conseqüente elevação dos padrões morais do país. Porém, seu principal objetivo era o estímulo à imigração e à pequena propriedade, fórmula ideal de resolução do problema da nacionalidade.

Para Taunay, os imigrantes arianos seriam capazes de proporcionar um branqueamento purificador da raça brasileira, incitando a adoção de novos hábitos de trabalho em nosso país. O governo deveria estar preocupado, portanto, com

a formação de um povo inteligente e ativo, com base na imigração maciça de europeus e na concessão de direitos que lhes permitiriam reconhecer o Brasil como sua pátria. 65

Sob a orientação de Taunay, seria constituída no Paraná a Sociedade de Imigração. A secção de Curitiba foi fundada em 18 de outubro de 1885, sob a presidência do Comendador Ildefonso Correia. 66

A atuação das associações de imigração existentes no Paraná, aliada a fatores conjunturais, como a intensificação da publicidade feita na Europa pelas concessionárias da estrada de ferro; a abolição da escravidão e a proclamação da República, aumentou a entrada de imigrantes, com a criação de aproximadamente quarenta novos núcleos de colonização.

É dentro desta tradição imigrantista que se insere Rocha Pombo. Em 1882, ele já defendia a imigração espontânea. Em 1892, subscreveu o projeto de colonização criado por Colombo Leoni. Es-

te projeto, segundo Rocha Pombo, seria muito mais proveitoso para os destinos da nossa nacionalidade.<sup>67</sup>

O novo sistema de colonização proposto por Leoni, transferia todas as responsabilidades de propaganda, despesas com viagem, a construção de estradas de rodagem ou de ferro para o empresário. Este se comprometia, ainda, a estabelecer vinte burgos de imigrantes em todo o Estado do Paraná, com número médio de mil famílias. Deste montante, 80% seriam imigrantes oriundos da Itália, Suíça, Espanha, Portugal, França ou Bélgica e, no máximo, 20% de nacionais. Os núcleos deveriam obrigatoriamente contar com igrejas, escolas e oficinas necessárias às exigências do trabalho. Seriam criados engenhos para o preparo da matéria-prima (possivelmente o mate), mas deveriam ser criadas, também, lavou-ras em cada núcleo para o desenvolvimento de novas culturas e técnicas agrícolas mais avançadas. O empresário deveria se responsabilizar pela comercialização da produção do núcleo. No último artigo explicativo, pede-se um pequeno ressarcimento do governo, por tamanha organização de apenas 1\$100\$000 em valor equivalente à metade da colonização feita administrativamente pelos órgãos gvernamentais. Tal artigo sucede outro, no qual Rocha Pombo defendia a pequena lavoura como "único regime agrícola que é possível, porque é o único natural e socialmente capaz de ser admitido no seio das sociedades modernas."<sup>68</sup>

Rocha Pombo considera que o que falta ao pequeno lavrador no Paraná é a "viação". Outro recurso importantíssimo para o incremento da agricultura seria o monopólio da exportação, ou seja, a criação de empresas que fizessem a intermediação da pequena produção. Curiosamente, esta proposta também existe no projeto de Colombo Leoni.

Na realidade, para Rocha Pombo existe uma equivalên-cia entre pequeno lavrador e imigrante; a pequena propriedade opõe-se ao latifúndio perpetuador da escravidão. Enfim, é possível afirmar que Rocha Pombo compartilha o imaginário imigrantista apontado por Célia Marinho de Azevedo.<sup>69</sup>

onde o negro ou mestiço significam escravidão e, por conseguinte, trabalho compulsório/atraso, barbárie e imoralidade. Isto implica em uma correspondência na estrutura econômica ao trinômio grande propriedade/monocultura extensiva/estagnação. O imigrante defende que existe uma ligação explícita entre o branco e trabalho livre, fonte de liberdade, progresso e civilização que requeriria profundas reformas nas estruturas econômicas, como a implantação da pequena propriedade, de cultura intensiva e diversificada, capaz, conseqüentemente, de desenvolvimento econômico nos moldes capitalistas.

Capítulo I

Notas e referências  
bibliográficas

1. WESTPHALLEN, Cecília Maria. A erva-mate e a madeira, in: História do Paraná, Grafipar, 1989, p. 104.
2. PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Fazendas, industriais e não abrigados; ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1889-1900, tese mestrado, 1990, p.2.
3. Ibid., p.2.
4. Ibid., p.127-128.
5. Ibid., p.35.
6. COSTA, Odah Regina Guimarães. Ação empresarial do Barão do Serro Azul, Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura e Esporte, 1981, p.73.
7. Atas da Assembléia Provincial do Paraná, 6ª Sessão Ordinária, 9/11/1886, p.23.
8. Ibid., p.25.
9. COSTA, Odah R. G., ... p.40.
10. Ibid., p.41.
11. Atas da Assembléia, 29ª Sessão Ordinária, 15/12/1886, p. 20-21.
12. Ibid., 11ª Sessão Ordinária, 16/11/1886, p.79-80.
13. Ibid., 11ª Sessão Ordinária, 16/11/1886, p.79-80.
14. Gazeta Paranaense, nº185, 5/01/1882.
15. Atas da Assembléia, 11ª Sessão Ordinária, 16/11/1886, p. 79-80.
16. Gazeta Paranaense, nº 185, 5/04/1882.
17. Atas da Assembléia, 11ª Sessão Ordinária, 16/11/1886, p. 80-81.
18. Ibid., 11ª Sessão Ordinária, 16/11/1886, p.81.
19. Ibid., 11ª Sessão Ordinária, 16/11/1886, p.81.
20. Ibid., 23ª Sessão Ordinária, 30/03/1887, p.144.
21. Ibid., 23ª Sessão Ordinária, 30/03/1887, p.135.
22. Ibid., 22ª Sessão Ordinária, 29/03/1887, p.134-135.
23. Ibid., 6ª Sessão Ordinária, 9/11/1886, p.23.
24. HARDY, Francisco Est. Três Sotocastros no interior da mata selva, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p.24.
25. Diário do Comércio, nº 314, 1/10/1880, p.1.
26. Ibid.
27. Barão do Serro Azul, apud: Costa, Odah Guimarães, op.cit., p.30

28. COSTA, Clah Guimarães, op. cit., p.39.

29. Ibid., p.34.

30. Gazeta Paranaense, nº 139, 22/04/1882.

31. SALLES, Iraci Galvão. Trabalho, progresso e sociedade civilizada. São Paulo, Hucitec, 1936, p. 79.

32. Ibid., p.79.

33. Ibid.,p.34.

34. Ibid., p.35.

36. AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Ônda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites. São Paulo, Paz e Terra, p.139.

36. Ibid., p.139.

37. PEREIRA, Magnus, op. cit., p.69-70.

38. Gazeta Paranaense, Nº135, 5/04/1882.

39. Gazeta Paranaense, nº180, 22/04/1882.

40. SCHWARCE, Lillian Moritz. O espetáculo das raças. São Paulo Companhia das Letras, 1993, p.233.

41. Ibid., p.13.

42. Ibid., p.13.

43. Ibid., p.32.

44. Ibid., p.34.

45. Ibid., p.32.

46. Ibid., p.42.

47. Rocha Pombo, já em 1881, demonstraria a influência de Darwinismo na sua formação. Em dois artigos denominados Phylosophia para o povo in: Revista Paranaense, fevereiro, 1881, p.77-81 e 121-126.

48. Gazeta Paranaense, nº 139, 22/04/1882, p.3-4. No artigo Questão Negra, in Revista Paranaense, janeiro, 1881, p.19-26 e 53-57, Pombo defendia um posicionamento racial semelhante, além de defender uma abolição gradual, dentro de um quadro de medidas consistentes por parte do governo imperial.

49. Diário do Comércio, nº 519, 7/10/1892, p.1.

50. Estes debates ocorreram quando da apresentação na Assembleia Paulista, "determinando a aplicação de um fundo de 250\$000\$000 para a introdução de mil asiáticos em São Paulo, trazidos do Estreito Unhos ou da própria Ásia por agentes particulares os fazendeiros, os quais seriam pagos bolsados pela provincia." (Célia M. Azevedo, op.cit., p. 147-153).

51. COSTA Jr. , apud: AZEVEDO, Célia M. M. de, op.cit., p.130.



52. O ano de 1892 seria rico em debates sobre a questão da imigração; para Célia M.M. de Azevedo seria o ano de "consolidação de uma postura eminentemente imigrantista entre os políticos de São Paulo", centro econômico do país.
53. Gazeta Paranaense, nº139, 22/04/1892, p.3-4.
54. Diário do Comércio, nº519, 7/10/1892, p.1.
55. Ibidem.
56. Diário do Comércio, nº513, 6/10/1892.
57. Ibidem.
58. Diário do Comércio, nº 514, 1/10/1892.
59. SALIANA, Altiva P. Imigração e colonização in: História do Paraná, Curitiba, Grafipar, 1969, p.153.
60. Ibidem, p.159.
61. Ibidem,, p.160.
62. Ibidem., p.162.
63. Ibidem., p.163.
64. Ibidem., p.181.
65. AZEVEDO, Célia M.M. de, op. cit., p.37.
66. SALIANA, Altiva P., op. cit., p.132.
67. Diário do Comércio, nº529, 20/10/1892, p.1.
68. Diário do Comércio, nº520, 08/10/1892, p.1.
69. AZEVEDO,, Célia M.M de, op.cit., p.65.

## Capítulo II

Ambiguidades em torno da  
Terra

Curitiba, no final do século XIX, estava passando por um intenso processo de urbanização, descrito da seguinte forma por Rocha Pombo em seu artigo "O progresso de Curitiba":

Estivéssemos na América do Norte, o país onde o progresso não dispensa o reclame e já teríamos despertado a atenção do mundo com mais um fato assombroso dos muitos que até hoje tem caracterizado a prodigiosa civilização americana.

E esse fato seria o desenvolvimento quase fantástico da capital paranaense. Aos próprios habitantes antigos, a cujo espírito parece mais definida a percepção da rapidez com que se opera o progresso, nos centros onde agem circunstâncias e elementos extraordinários que se conseguem agrupar-se esses próprios espanta esta ansiedade febril, esta nevrosia com que Curitiba se alastra para todos os lados, na expansão de uma vitalidade opulenta que dia a dia mais avigora-se apresentando qualquer coisa que lembra o fenômeno dos dilúvios.

A Curitiba atual pode-se dizer que data de há menos de cinco anos. Quem a tivesse visitado em 1889, hoje não a reconheceria por certo. O seu crescimento excede a tudo quanto se imagina e a civilização aqui parece infringir mesmo as leis da história, a lógica evolutiva do progresso humano. E isto sob qualquer ponto de vista que se estude o nosso desenvolvimento.

Basta um fato para caracterizar a modificação que se opera no próprio espírito da população: o hábito da leitura quotidiana de jornal implantado agora...

Há menos de dez anos talvez, um presidente da província pôs em ação todo o prestígio do poder para fundar um banco nesta capital e apesar de contar com o apoio dos primeiros homens de nossa política, não conseguiu coisa alguma. Agora já se fundou entre nós companhias e bancos com capital paranaense e sem a intervenção da política.

Para dar uma idéia do assombroso

progresso material de Curitiba, não precisamos de dar agora a nossa estatística industrial o número de fábricas de conservas, massas, de sabão, de velas, de vinhos, de cerveja; a infinidade de marcenarias importantíssimas cujos artefatos são exportados e procurados com avidez nos mercados do Rio e São Paulo; a fábrica de vidros em via de inaugurar-se; fundições completas como talvez não se encontre no Rio; em suma toda a obra da atividade humana no nosso centro. Para dar idéia desse progresso, basta lembrar a quantidade enormíssima de serrarias e olarias que trabalham em todo o município. Por essas fábricas pode-se julgar da grande massa de construções que diariamente se faz. Segundo os cálculos de uma pessoa habilitada, há presentemente em construção para mais de 600 casas na cidade. Estima-se em cerca de 100 o número de casas que mensalmente são acabadas!

Em 1900, quando já residia no Rio de Janeiro, Rocha Pombo retomaria o tema do crescimento e urbanização da capital paranaense:

Quem viu aquela Curitiba, acanhada e sonolenta, de 1853, não reconhece a Curitiba suntuosa de hoje, com suas grandes avenidas e boulevards, as suas amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins, seus edifícios magníficos. A cidade é iluminada a luz elétrica.

É servida por linhas de bondes entre o Batel e o Fontana e a estação da estrada de ferro, aproveitando quase toda a área urbana. O tráfego diário conta, além do que fazem os bondes, com mais de 1000 veículos, diversos. Há em plena atividade, dentro do quadro urbano mais de trezentas fábricas e oficinas e no município todo perto de 600!... O movimento da cidade é extraordinário e a vida de Curitiba é já a vida famosa de um grande centro. Existem para mais de trinta sociedades, clubes e instituições de ordem popular. Contam-se seis colégios particulares, cinco li

vrarias, nove tipografias, muitas de primeira ordem e uma litografia importantíssima...Publicam-se presen-temente na capital paranaense oito <sup>2</sup> jornais, sendo quatro diariamente.

A paisagem urbana descrita pelo autor, assemelha-se àquela caracterizada por Marshal Berman como local onde tem lugar a experiência moderna, ou seja,

uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de media, que se comunicam em escala cada vez maior .<sup>3</sup>

Paisagem marcada por uma atmosfera de agitação e embriaguez, expansão e destruição que auxilia a formação, no homem nela vivente, da experiência de ser moderno.

Como se vê nas descrições de Rocha Pombo, a transformação da paisagem urbana em Curitiba fez-se acompanhar da introdução de inovações técnicas. Quadro que coincide com aquele observado por Flora Susskind. Segundo ela, no Brasil "fin-de-siècle" se constituía um novo horizonte técnico em que as inovações se "fazem acompanhar de mudanças na visão de mundo e na percepção sobretudo das populações da capital federal e das grandes cidades."<sup>4</sup>

Curitiba começa, portanto, a "receber os primeiros bafejos da modernização,"<sup>5</sup> caracterizada no século XIX, segundo Jacques Le Rider

pela expansão da administração do Estado, o progresso científico e técnico, engendrando mudanças sociais e a perda de determinadas tradições culturais, o crescimento demográfico e econômico, a urbanização, o desenvolvimento de meios de comunicação e informação.<sup>6</sup>

Há uma correlação ao contexto existente na capital paranaense, na segunda metade do século XIX. Além das características já citadas, é nesse momento que ocorre a expansão da

administração do Estado, com a criação da Província do Paraná, em 1854, e a instalação do governo republicano, em 1889. As transformações econômicas, estudadas no capítulo I, somadas às transformações demográficas ocorridas no período, inclusive o aumento do fluxo de imigrantes, trouxeram profundas mudanças sociais. O surgimento de jornais e revistas e o aumento do número de leitores, foi exaltado por Rocha Pombo em seus artigos. Portanto, o processo de modernização vivenciado por Curitiba no final do século passado, continha os elementos básicos formadores das percepções espaço-temporais inerentes ao universo da modernidade.

O artigo "O progresso de Curitiba" traz em seu bojo, expressões indiciais da sensibilidade moderna em constituição sob o impacto das transformações urbanas e sociais, "fato assombroso", "ansiedade febril", "nevrosia", "expansão de uma vitalidade opulenta", "qualquer coisa que lembra o fenômeno dos dilúvios", "assombroso progresso material". Imagens que nos relembram o transitório, o fugidio, o contingente, a volatilidade que caracterizou a modernidade. Podemos, assim, adotar o pressuposto de Hardman de que "a vertigem fantasmagórica do homem moderno possui um mesmo fundo, tanto nos centros quanto na periferia do sistema. Variam as figuras, a intensidade de especificações".<sup>7</sup>

Na modernidade, Rocha Pombo expressa um paradoxo: anseia nostalgicamente pela tradição.<sup>8</sup> Típica dessa atitude é o artigo do escritor, onde a exaltação da transformação fantástica sofrida por Curitiba que "quebra todas as leis da civilização", surge com um renovado desejo de manutenção da ordem:

#### Todos pelo dever

Ora em Curitiba ocorre presentemente um fenômeno especialíssimo. A nova capital desenvolve-se de maneira assombrosa e não duvidamos dizer que lhe possa, quase sem nos apercebermos disso, da sua condição de cidade pequena para a vida ampla e agitada de grande cidade. Na pequena cidade a própria população, com seus habitantes pacíficos e em geral de índole homogênea, pela homogeneidade da raça, é como que se polícia a si mesma. Na cidade grande e especialmente na grande cidade americana, onde a população é composta de indivíduos de todos os povos do mundo, reclama-se

um serviço certíssimo e rigoroso de policiamento.

Pois bem: a polícia de Curitiba não corresponde ainda ao progresso que tem tido a nossa capital.

(...) Tudo está completamente transformado. A população tornou-se composta e variada, a vida intensa, a concorrência criou a luta feroz dos grandes centros. 9

O fascínio pelo "fenômeno especialíssimo do desenvolvimento da cidade" é acompanhado pela angústia suscitada pela "luta feroz" que nela se agiganta. Os imigrantes, os mesmos portadores do progresso, quebram a homogeneidade da raça, acirram a diferença, intensificam a vida nas cidades, merecendo um controle eficaz. A burguesia assusta-se com a sociedade feita a sua imagem e semelhança, e quer preservar as ruínas do antigo que se dissolve perante o dilúvio da modernidade. A vigilância policial é a única garantia para se manter a ordem pública e a paz das famílias.

Paradoxo. Ambiguidade. A modernidade para Jacques Le Rider

designa um modo de vida, de pensamento, de criação que não se furta ao imperativo da mudança e inovação, ao mesmo passo conservando consciência crítica em relação à modernização, expressada em termos estéticos ou teóricos. 10

Em Rocha Pombo, como em Baudelaire, como em muitos dos românticos, "a virulenta denúncia do mundo presente se conjuga à exaltação do moderno."<sup>11</sup> No conto "Em Torno da Terra", temos um exemplo modelar na obra de Rocha Pombo, da exaltação do moderno, um elogio delirante ao progresso técnico e científico. Vamos seguir nosso autor em um dos extremos de sua busca de identidade perdida.

## 2.1. Em Torno da Terra

Com o objetivo de facilitar a análise, façamos em primeiro lugar, um resumo deste conto simbolista de elogio à modernidade, publicado em 1897, na revista O Cenáculo.

Imaginemos que toda a humanidade se perguntasse naquele momento, 1897: como receber a nova era? A solução lógica para tentar resolver o problema é a convocação de um Congresso Internacional, espécie de aerópago universal, onde os maiores sábios e artistas de todos os continentes procurariam a melhor forma de organizar e dirigir o evento comemorativo de recepção do novo século. O local escolhido para a reunião foi Paris, capital do mundo, "no coração da augusta França - como a pátria eleita por todas as raças."<sup>12</sup>

No final da reunião, o projeto escolhido foi aquele apresentado por Mr. Armand Candal, engenheiro que propunha "construir uma via férrea pela qual se pudesse fazer a volta ao globo em 24 horas, quer dizer, acompanhando o sol em seu movimento aparente em redor da Terra."<sup>13</sup> Todos os obstáculos à realização do projeto, foram ultrapassados pela engenhosidade de Candal. Nos oceanos as linhas seriam sustentadas por bóias, com bases a grande profundidade, ou então através de erupções submarinas se provocaria o surgimento de ilhas artificiais. A velocidade estonteante, requerida para completar a viagem no tempo previsto, seria obtida com a ampliação da roda para cem metros de diâmetro. A invenção de um composto mais forte que o ferro, solucionaria, por sua vez, o problema da resistência a tamanha velocidade: 1800 Km/h

O ponto inicial do trajeto seria Calcutá, desenvolvendo-se a linha então para o Ocidente

atravessando a península o golfo de Oman a Arábia, o mar Vermelho, o Egito, o Saara e saindo da África banhar-se-ia no Atlântico, passando por Havana, México, Califórnia e atirando-se logo ao Grande Oceano, tocando em algumas ilhas, entre as quais Formosa, cortando o sul da China, por Cantão, a Indochina e indo dar outra vez a Calcutá. <sup>14</sup>

Tão grandioso empreendimento exigiria o dispêndio de algo em torno de 900 milhões de libras. Mas o narrador nos



tranquiliza, afirmando que os fundos arrecadados em todo o mundo para a realização da dispendiosa obra chegaram rapidamente a incalculáveis "mil vezes 900 decilhões".

As obras tomaram então um ritmo intenso. Um verdadeiro exército operário foi mobilizado. Cada uma das oito mil secções em que se dividia a estrada de ferro era composta em média por cinco mil operários. Em todo o mundo, milhares de operários trabalhavam em oficinas, sendo que algumas funcionariam dia e noite. Este esforço gigantesco seria suficiente apenas para a obra estar concluída quando do advento do novo século.

O mundo assistia estupefato às grandes modificações que se processaram para além daquelas preconizadas pelo engenheiro Armand Candal. Populações deslocavam-se para pontos ao redor da estrada, criando novas e imensas cidades. No deserto de Saara, constituiu-se uma metrópole três ou quatro vezes maior que Londres, possibilitando que a "África bárbara" já tivesse al <sup>19</sup> ma para a saudação do novo século. Calcutá, por sua vez, tornou-se uma nova Babel, de cinquenta milhões de habitantes. Novas invenções fantásticas foram criadas: um grande tímpano elétrico, capaz de refletir os sons naturais, um aparelho de comunicação interna que interligasse os vagões do trem; um porta-voz capaz de transmitir a 900 léguas; uma lâmpada capaz de alcançar a distância de 1800 léguas; uma super central telefônica, ligando todo o planeta. O trem, por sua vez, seria composto por mil vagões sendo capaz de transportar um milhão de pessoas.

O grande dia, por fim, chegou: 1º de janeiro de 1901. Os chefes de todas as nações, há mais de uma semana na cidade, embarcaram excitados no trem. Vão junto com mr. Armand, no primeiro dos mil vagões existentes. As dependências do trem, foram divididas conforme uma ordem hierárquica. No segundo vagão, por exemplo, iriam os banqueiros e capitalistas; no 3º e 4º, os jornalistas; no 5º os literatos e artistas; 6º, 7º, 8º e 9º, os industriais e do 10º ao 30º, os comerciantes, e assim por diante.

O trem partiu com uma potência avassaladora. A velocidade surpreendente deixou atônitos e com síncope os governantes que, humildemente, pediram a mr. Candal para diminuir a

velocidade. O percurso foi concluído no tempo determinado, com a chegada do super trem em Calcutá antes do alvorecer. Termina por nos informar que foram estabelecidas linhas regulares na ferrovia mundi, concluindo que a nova era fora gloriosamente inaugurada.

A leitura do resumo deste conto nos traz a antevisão de Rocha Pombo, de que o século XX levaria, de forma definitiva, a modernidade a todos os recantos do planeta. A escolha do trem como protagonista desta tarefa é característica da sensibilidade moderna.<sup>16</sup> O trem é o maior arquétipo da modernidade. A chegada do trem em um determinado local, simboliza também a chegada de uma nova percepção espaço-temporal, baseada no deslocamento rápido, proporcionado pela força do mecanismo. Ele desencadeia um forte impacto cultural, pois traz o volátil para um mundo até então sólido. A velocidade do trem para os homens da época, é assombrosa, assim como a velocidade da super-locomotiva para os estadistas, no conto de Rocha Pombo. A velocidade inova, como a cidade em constante mutação, a idéia de fantasmagoria, pois o trem, deslocando-se rapidamente, aparece e some da visão dos homens de forma súbita. Para os homens que viajam em seu interior, o sentimento de esvanecimento é ainda mais intenso, pois a capacidade de retenção das imagens torna-se diminuta. Instante, fragmentação, inquietude, novidade, aspectos da sensibilidade moderna que acompanham o trem em seu caminho.

Sabemos que o trem e a ferrovia são marcos fundamentais da expansão capitalista. Segundo Hardman

é com a ferrovia e a navegação a vapor que o mercado mundial ganha ao mesmo tempo concretude, o que vale dizer, nesse caso, que a forma fetiche das mercadorias estava efetivamente liberada para encantar toda a humanidade. *U*

Curitiba já estava encantada. Em 1885, a estrada de ferro, construída pela companhia Chemins de Ferri, foi concluída, com o objetivo principal de escoamento da produção de erva mate. A chegada da estrada de ferro provocou um desenvolvimento significativo para a cidade, na visão de Rocha Pombo:

Com a inauguração da estrada de ferro transforma-se toda a vida da antiga Província e dir-se-ia tão subitamente como uma mutação de cenário, Curitiba passou a ser uma grande cidade, com seu movimento febril e o seu aspecto de vasto centro econômico a irradiar amplamente para todos os lados. 18

O entusiasmo do nosso autor para com as ferrovias não era, de forma alguma, fortuita. Conjuntamente com a navegação a vapor e a construção de estradas, constituía-se elemento central, no projeto de modernização econômica do Paraná. Seria através dele que se viabilizaria a tão desejada e épica conquista do oeste paranaense.

O que interessa no Paraná é o desenvolvimento da vasta zona do oeste(...) Façamos uma idéia do que há de ser, talvez já em meados do século XX(...) nas margens do Paraná, dos seus afluentes, esplenderem novas cidades, ligadas pela ferrovia e pela navegação...cidades opulentas, cuja grandeza há de ser obra do gênio moderno. 19

Expansão territorial, ocupação dos espaços vazios. A conquista do oeste paranaense equivale, simbolicamente, à conquista do deserto da Arábia e do Saara, no conto. A incorporação de fronteiras através do trem era uma das formas que os homens do século XIX tinham de aplacar a assombrosa "vertigem do vazio" que os acometia. Na fala de Hardman, o homem moderno

(...)haveria que articular os espaços sombrios ainda não completamente subjugados aos imperativos da civilização. Selvas e desertos, colônias longínquas e fronteiras por dividir: era preciso mapear a contento todas aquelas vastidões. 20

Rocha Pombo, homem de sua época, ainda acreditava nas ferrovias como "condutoras da paz". É sobre esta premissa que o projeto de mr. Candal é aprovado no aerópago universal, no "grande concerto das nações."

A figura de Candal é muito importante. O engenheiro, no conto, é sempre adjetivado de forma superlativa. Ele é o "homen mais glorioso da história", "o grande sábio", "um homem para o qual não haviam impossíveis na Terra". 21 Nesta simbologia ele assume uma figura reiterada na obra do autor (ver o romance

Petruccello), o Messias. Nas próprias palavras de Rocha Pombo, Candal

era uma espécie de enviado de outros mundos, um ente superior, sobre humano, que tinha vindo à Terra desvendar aos homens coisas até então julgadas impossíveis. Um homem capaz de, com um simples gesto, derrubar o Czar da Rússia, levantar exércitos ou, ainda, destruir a cidade de Londres. <sup>22</sup>

Adorado através de bustos, retratos e monumentos espalhados por todo o mundo, a voz deste "big brother" ecoava pelos "três continentes" comandando o espetáculo de construção da ferrovia mundi.

Os homens que Candal comandava estavam tomados, como os do século, pela magia do maquinismo e da ciência. Nesse "messias" estimulou a criação de inventos - fetiches - super t<sub>u</sub>mo elétrico, lâmpadas poderosíssimas, a super locomotiva - capazes de compor um espetáculo tecnológico, que, feito um ritual mágico, a todos inspirasse devoção e respeito. O poder de Candal derivava da ciência, refletindo cega fé que nela depositavam os homens no fim do século.

Rocha Pombo, através de Mr. Candal, nos rememora o papel preponderante que os engenheiros desempenharam no século XIX. Esta foi a "época heróica dos engenheiros", em que excitação, autoconfiança e engenho eram sentimentos compartilhados por essa geração de empreendedores. Assim como Candal, "não apenas arquitetavam planos mirabolantes, mas sobretudo, faziam." <sup>23</sup> O próprio autor o considerava quase um deus.

(...) Mr. Candal não era bem um deus; parece que alguma coisa ainda lhe faltava. <sup>24</sup>

Não lhe faltava, porém, aquela capacidade fundamental, característica dos empreendedores do século XIX, de reunir "capitais fictícios" da noite para o dia. Empresas formidáveis capturando recursos financeiros gigantescos manipulações bem transadas nas bolsas de valores. <sup>25</sup> No caso de Candal, este talento chega ao extremo de arrecadar incontáveis decilhões de libras. A exaltação do poder do engenheiro é de todo pertinente com um autor que no seu livro, Paraná no Centenário, publi-

ca com admiração e entusiasmo, o extenso projeto do engenheiro Tourinho para a estrada de Mato Grosso, o mesmo artigo que publicara anos antes no seu jornal Diário do Comércio.<sup>26</sup>

Os engenheiros empreendedores tinham ainda a capacidade de recrutar "exércitos de proletários nômades", "nas franjas periféricas do sistema";<sup>27</sup> para concretizar seus delírios de transformação da paisagem e de articulação do mercado mundial. Rocha Pombo foi contemporâneo da construção da estrada de ferro do Paraná e, mais que provavelmente, estava informado da mobilização da mão-de-obra internacional e dos custos humanos requeridos para a realização da obra. Deveria estar consciente, portanto, da barbárie que funda e alimenta a expansão capitalista. Apesar disso, quando exalta este "monumento da engenharia nacional", prefere utilizá-lo como exemplo edificante de uma idealizada conjunção do "esforço humano aliado ao gênio". Na sua representação não existe espaço para a violência ou desespero oriundos da modernidade, a não ser para aqueles advindos da força do maquinismo.

Apesar deste escamoteamento ser transferido para o conto, ao menos, não se omite o papel desempenhado pelo operariado internacional na construção de sua ferrovia mundi, imaginária. Nele os operários são contados em milhões, envolvidos seja no trabalho nas fábricas, seja na própria consecução da obra. A representação do exército proletário mundial denota a sua importância para o escritor, pois eram setores deste contingente que Rocha Pombo achava necessário atrair para o Brasil, através da imigraçõespontânea, com o objetivo de ocupar de forma eficiente os vastos territórios paranaenses. A criação de uma ferrovia mundi, que simboliza a concretização real da circulação de mercadorias a nível mundial, ocorrida na segunda metade do século XIX, corresponde, no conto "Em Torno da Terra", à circulação da força de trabalho internacional, tão desejada pelas elites brasileiras.

O grande deslocamento de massas humanas e a constituição de novos centros urbanos, como a cidade de Calcutá de 50 milhões de habitantes, a partir da construção da ferrovia existente no conto, condiz com o fenômeno ocorrido no Paraná, com a ferrovia Curitiba-Paranaguá e com a tendência mundial comentada por Hardman: "a implantação de vias permanentes de estrada

das de ferro é um capítulo privilegiado do nascimento e morte das cidades.<sup>28</sup> A este crescimento desmesurado, seguem-se, no conto, necessárias reformas urbanas, como a construção de praças e a transformação da paisagem com a edificação de palácios suntuosos e a formação de um "regime extraordinário" para manter o controle social. Processo que se assemelha, em uma escala menor, àquela vivenciada por Curitiba na virada do século e presenciada por Rocha Pombo, ele mesmo defensor, como já vimos, de medidas mais eficazes de controle policial sobre a população emergente.

A inauguração da estrada de ferro reveste-se de um caráter mágico. Todo o mundo se mobiliza para a grande data. Fenômenos estranhos são observados pelos cientistas no céu, um ruído estranho, talvez o estertor do século que findara. Tem lugar no conto de Rocha Pombo o espetáculo tantas vezes repetido no século XIX; a primeira viagem, que na visão de Hardman é um

marco inigualável da projeção de um teatro vivo do mecanismo, em que a locomotiva é sempre ator principal, a estação e a linha, os cenários subjacentes, a massa dos que assistem à partida ou à chegada, espectadores atônitos da modernidade. 29

O assombro e o espanto são imensos, os chefes de estado de todo o mundo suplicam que mr. Candal não empregue toda a força dos mecanismos, suas majestades tiritam de medo, suplantados pela majestade da técnica; restam-lhes as sínopes e as tonturas, no rumo da decadência do seu poder. É como se Rocha Pombo tivesse aguçada percepção de que a mudança da paisagem técnica traria em seu bojo a inevitável anacronia e queda dos impérios tradicionais.

O espetáculo do maquinismo alteraria definitivamente a percepção espaço-temporal da humanidade, fazendo-a entrar, então, na modernidade. Nas palavras de Rocha Pombo:

Toda a humanidade ofegava: parecia exausta. Um fenômeno estranho notou-se em muitos dos viajantes, a desfiguração espantosa das fisionomias. Muitos

estavam estarecidos. É que as emoções daquela jornada valeram pelas emoções de muitas vidas. Aqueles organismos não tinham mais filhos para sentir. 30

Com os rostos desfigurados, sob profundo estarecimento, a humanidade saudava a locomotiva, símbolo maior da expansão capitalista e da tecnologia transformadora e redentora. "Ai vem! Ai vem o sol do século XX" 31

"Em Torno da Terra" é um conto de exaltação da tecnologia e da sensibilidade moderna, que tem sua motivação em torno da idéia de comemoração, no caso, o advento do novo século. É em razão dessa efeméride que os povos da terra unem seus esforços.

Uma idéia única abalava o imenso coração da família humana de que modo expressivo, com que festas condignas a nossa era seria recebida. 32

As comemorações, as festas, a exaltação de heróis, sempre estiveram entre as preocupações centrais do historiador Rocha Pombo. Esta ênfase de cunho carlyliano, foi assim expressa na obra Paraná no Centenário:

Por toda a parte, onde há um grande povo ou uma vasta síntese religiosa - a alma das grandes civilizações - e a idéia comemorativa aparece como fórmula suprema de sua conversão. 33

Rocha Pombo detectou que o espetáculo produzido pela sociedade capitalista precisa de rituais, dos mitos, para embrenhar-se mais profundamente no interior do homem moderno:

mesmo nos deslumbramentos da civilização, soberbas das conquistas assembradas do espírito humano, os povos ainda se detem em certos momentos na sua vertigem, para dizerem uns aos outros os seus motivos de fé no destino. E se já não celebram os mistérios antigos, fazem as grandes consagrações de acordo com o seu espírito. 34

Tradição e modernidade encontram-se em Rocha Pombo. Pois é exatamente o moderno que cita a história primeiro. A ambiguidade aí existente é aquela que para Benjamin é a imagem visível e aparente da dialética, a lei da dialética em estado de paralização. 35 A ambiguidade é típica do pensamento moderno. A sensibilidade moderna que desponta no conto é pontuada por

referências à tradição. O autor, que em seu conto parece tomado pelo espanto, início do sentimento utópico,<sup>36</sup> segundo Ernst Bloch, procura preservar a sua experiência, resgatando-a através de referenciais conhecidos. Recorre a símbolos que fundem-se no ambiente da exaltação da técnica. Vejamos alguns deles.

O círculo.<sup>37</sup> Em um mundo fragmentado, onde as faces são disformes e não mais reconhecíveis, onde a identidade e a experiência se diluem na força da multidão, o círculo em torno da terra nos traz exatamente a idéia de ausência de distinção ou de divisão, de resgate da totalidade. A estrada de ferro que deveria sempre seguir em linha reta, na verdade é um círculo. Pombo sugere que todas as linhas retas convergem ao princípio único de onde se originaram. O círculo rememora o ciclo da criação e o próprio tempo. É o símbolo do self, da psique não fragmentada. Não podemos esquecer da qualidade de proteção que o círculo transmite. É como se, através da imagem de circularidade do trajeto do super trem, Rocha Pombo desejasse sugerir a coesão interna, ameaçada pelo impacto da modernidade.

O deserto.<sup>38</sup> Se a imagem do deserto, como já comentamos anteriormente, nos remete em um primeiro momento à idéia de vertigem do vazio proporcionada pelo processo de circulação de mercadorias e o consciente desejo de ocupação destes espaços, em Rocha Pombo ela assume outra dimensão. No conto, uma das estações principais está localizada no deserto da Arábia. Vejamos uma outra referência a esta região:

A Arábia, principalmente aquela província desolada e estéril de Hydaz, onde subsiste Meca, venerável e mística, dizemos todos nós que é uma terra de maldição. Ali parece que nossa alma sentir-se-ia como dominada dessa espécie de sagrado pavor que nos vem do deserto e da morte; mal nos convenceríamos de que nos corações que por ali sofrem há lugar ainda para crânias e calma para a oração. No entanto e talvez por isso mesmo, o árabe é o homem dos recolhimentos e de devoção. Já antes do profeta de Alá, as tradições indicam, devido ao gênio do pri-



meiro homem, o templo e a lei, as di  
as grandes fórmulas da vida. 39

Num primeiro momento, o autor refere-se ao de-  
serto como terra de maldição, remetendo-nos à esterilidade da ter  
ra mas, também e, especialmente, à tradição cristã de "mundo a-  
fastado de Deus"; o "covil dos demônios". Porém, na própria tradi-  
ção cristã, é no deserto que o homem deve procurar a Realidade,  
a Essência divina. Lembremos a importância, no início do medie-  
vo, da lenda de Santo Antão, tentado pelos demônios do deserto,<sup>40</sup>  
mas que, ao confrontá-los, encontra a verdadeira experiência  
espiritual. É no deserto que as grandes tradições, a do templo e  
da lei, estão protegidas, sob a superfície, guarda-se a Essência  
do homem. Para Rocha Pombo, o desejo de ocupação dos espaços va-  
zios pela expansão capitalista combina-se, paradoxalmente, ao  
deserto como símbolo do encontro com a deidade.

Atlântida.<sup>41</sup> O continente submerso é símbolo da  
Idade de Ouro, do Paraíso Perdido. É a representação da expulsão  
do Paraíso, motivada pela diminuição do elemento divino presente  
no ser humano. O escritor, no caso de Atlântida, toma sentido o-  
posto na utilização do símbolo, se comparado com o tratamento da-  
do ao deserto e ao círculo. Se nestes, o significado profano es-  
conde o significado sagrado, naquele, o sagrado valoriza o profa-  
no. Ou seja, se no texto, perante a expansão tecnológica e o po-  
der da ciência Rocha Pombo usa os símbolos deserto e círculo pa-  
ra lembrar os valores do sagrado ao homem, transforma, por sua  
vez, a cidade de Atlântida em alegoria da redenção humana atra-  
vés do poder tecnológico. Submersa por força dos desígnios divi-  
nos, pelo mau uso da capacidade de transformação da natureza,  
por parte dos atlantes, ela é reerguida graças à engenhosidade  
técnica de Mr. Candal.

Mr. Candal tinha imaginado uma coisa  
mais que feérica; uma verdadeira im-  
são olímpica. A cidade era toda flu-  
tuante. Haviam sido construídos três  
mil e tantos palácios, numerosas tor-  
res e minaretes, erguendo-se numa  
grande praça a estátua colossal de  
Colombo, rodeada de um cem número de  
estátuas menores, representando todos  
os navegantes célebres; Agora acres-

cente-se que no dia da festa achavam-se ancorados em torno da cidade de Atlântida a esquadra de todo o mundo, um número perto de 400 navios, além de mais de 35.000 navios mercantes. No momento em que o comboio passa, as esquadras todas sobem e a humanidade estremece. 42

A emergência da nova Atlântida, para Rocha Pombo, significa a possibilidade do século XX trazer a Idade do Ouro para a humanidade e que esta estremeça perante o poder da tecnologia, mentora da sublime felicidade. A ambiguidade se reafirma. A tradição é retomada para dar rumo ao homem na modernidade. Em outros romances, porém, Rocha Pombo, diante do perigo da dissolução da tradição, da identidade na modernidade, anunciará o exílio do homem moderno. É este o caso dos romances Petruccello e No Hospício.

## Capítulø II

Notas e referências  
bibliográficas

1. Diário do Comércio, nº551, 17/11/1892, p.1.
2. POMBO, José Francisco da Rocha. O Paraná no Centenário. Rio de Janeiro, José Olympio, p.141-2.
3. BERMAN, Marshal. Tudo que é sólido se desmancha no ar; a aventura na modernidade. São Paulo, Companhia das Letras, p.18.
4. SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras; literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, p.26.
5. BONI, Maria Ignês M. de. O espetáculo visto do alto; vigilância e punição em Curitiba; tese de doutorado, mimeo, p.13.
6. RIDER, Jacques Le. A modernidade vienense e as crises de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p.47.
7. HARDMAN, Francisco Foot. Trem Fantasma; a modernidade na selva, São Paulo, Companhia das Letras, p.17.
8. Em relação à permanência da tradição na Europa no século XIX e a auto-negação da burguesia, ver Mayer, Arno J. A força da tradição; a persistência do Antigo Regime, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
9. Diário do Comércio, nº568, 7/12/1892, p.1.
10. RIDER, Jacques Le, op. cit., p.43.
11. Ibidem, p.48.
12. POMBO, J. F. da Rocha. Em Torno da Terra in: O Cenáculo, tomo III, p.22.
13. Ibidem, p.23.
14. Ibidem, p.24.
15. Ibidem, p.27.
16. Sobre o impacto cultural do surgimento do trem na sensibilidade dos homens do século XIX, ver HARDMAN, F. F., op. cit.
17. HARDMAN, F. F., op. cit., p.15.
18. POMBO, J. F. da Rocha. Paraná no Centenário. Rio de Janeiro, José Olympio, p.115.
19. Ibidem, p.145.
20. HARDMAN, F. F., op.cit., p.99.
21. POMBO, J. F. da Rocha. Em Torno da Terra in: O Cenáculo, tomo III
22. Ibidem, p.26.
23. HARDMAN, F. F., p.120.
24. POMBO, J. F. da Rocha. Em Torno da Terra in: O Cenáculo, tomo III, p. 20.
25. HARDMAN, F. F., op. cit., p.120
26. POMBO, J. F. da Rocha. O Paraná no Centenário. Rio de Janeiro, José Olympio, p.71-90.

27. HARDMAN, F. F., op. cit., p.125.
28. Ibidem., p.120.
29. Ibidem., p.132.
30. POMBO, J.F. da Rocha. Em torno da Terra in: O Cenáculo, p.23.
31. Ibidem, p.22.
32. Ibidem., p.22.
33. POMBO, J. F. da Rocha. O Paraná no Centenário, p.7
34. Ibidem., p.10.
35. BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX in: Walter Benjamin, org: Flávio Kothe, São Paulo, Ática, p.39.
36. Sobre Ernst Bloch ver PEIKOTO, Nelson Brissac. A sedução da barbárie, o marxismo na modernidade. São Paulo, Brasiliense, 1982, especialmente o capítulo Belo Horror, p.134-199.
37. CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro, José Olympio, p.251-254.
38. Ibidem, p.331-332.
39. POMBO. O Paraná...p.3
40. GOFF, Jacques Le. O maravilhoso e o sutiliano no ocidente medieval. Lisboa, Edições 70, p.43.
41. CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain, op. cit., p.95-3.
42. POMBO, J.F.da Rocha. Em torno da Terra in: O Cenáculo, tomo III, p.27.

### Capítulo III

#### Romantismo e utopias

"Estuda-se a sociedade moderna, as incon-  
tinências, os transviamentos morais, tu-  
do isso caracteriza a vasta e profunda  
crise deste fim de século e se constata-  
ra que a incredulidade, apagando da al-  
ma humana a noção suprema do destino fi-  
nal da criatura, quase chegou a eliminar  
a consciência, o grande princípio con-  
servador do equilíbrio e harmonia na  
vida das nações."

O fragmento acima pode surpreender o leitor que teve contato com a exaltação da tecnologia feita por Rocha Pombo no conto "Em Torno da Terra", ou que, no primeiro capítulo, observou a atuação do jornalista e político, envolto em propostas efetivas para a consolidação do processo de instalação da sociedade burguesa no Paraná. Aparentemente o nosso autor aceitava a nova ordem social sem pestanejar.

Analisando de forma mais cuidadosa, porém, onde inicialmente encontramos apenas crença na ciência e no progresso, existe também a esperança utópica de uma sociedade solidária no futuro. Onde percebemos apenas a defesa da sociedade do trabalho, vislumbraremos o ideal de volta à comunidade humana primordial.

Estas preocupações, que nos capítulos anteriores permaneceram secundárias, neste assumirão toda a sua importância. São elementos componentes de uma tendência, dentro da qual Rocha Pombo desloca-se de maneira não linear, mas constante: a visão romântica de mundo. Visão desenvolvida de forma plena, especialmente em Petrucello e No Hospício.

Quando nos utilizamos do termo "visão romântica", estamos nos referindo à linha interpretativa definida por Michael Lowy e Robert Sayre, em Romantismo e Política.<sup>2</sup>

Porém, antes de adentrarmos na análise da visão romântica de mundo presente nestes textos, é importante fazer uma abordagem, ainda que rápida, das tendências estéticas dentro das quais eles se limitam. Ou seja, o romantismo no caso de Petrucello, e o simbolismo no caso de No Hospício, pois, ao contrário, há o risco de uma visão reducionista ou parcial da obra literária de Rocha Pombo. Procurarei, assim, caracterizar estes dois estilos de época, o seu desenvolvimento no Brasil, situando o nosso autor como partícipe dos mesmos.

## Romantismo:

Enquanto estilo de época, o romantismo se estende do período que vai do final do século XVIII a meados do século XIX. Neste período

verificou-se a grande ruptura com os padrões do gosto clássico, prolongados através do neoclássicismo iluminista, fundiram-se várias fontes, filosóficas, estéticas e religiosas próximas e reabriram-se veias mágicas, míticas e religiosas remotas. Pela variedade dos seus aspectos, extensivos para além da literatura e da arte, a todas as dimensões, pela diversidade de posições contrastantes que abrange o Romantismo foi na verdade uma confluência de vertentes até certo ponto autônomas, vinculado a diferentes tradições nacionais.<sup>3</sup>

Esta pluralidade de romantismos nacionais, evidentemente não impede uma tentativa de caracterização, ainda que precária, do movimento. Os românticos "opõem-se ao primado das regras, normas e modelos decretados pelos teóricos dos séculos XVI e XVIII", pregando o "culto da liberdade criadora e o desrespeito aos gêneros puros.<sup>4</sup> O escritor deveria submeter-se apenas à própria consciência, guiando-se pela imaginação. A ênfase na introspecção leva ao culto do "Eu". Para Massaud Moisés, "o romântico define-se acima de tudo como aquele que se auto-contempla narcisisticamente, que se faz espetáculo de si próprio.<sup>5</sup> Esta postura egocêntrica conduz a uma relativização da razão e a uma valorização da emotividade, do sentimentalismo, da imaginação

A criação artística passou a ser uma atividade intelectual inexplicável, marcada pelo mistério, sendo o gênio criador o único capaz de, mergulhando na subjetividade, traduzir emoções em um objeto artístico original que superasse a mediocridade burguesa."<sup>6</sup>

Fechado em si mesmo, submetido ao ritmo descontínuo do "Eu", o romântico acaba tomado por sentimentos conflitantes, que vão se expressar no culto ao paradoxo e à ambiguidade, vistos não como incoerência, mas como sinônimo de originalidade.

O choque do artista com o mundo,

a tensão irreconciliável entre uma sociedade cada vez mais afirmadora da divisão de trabalho e do domínio do capital e do artista romântico incapaz de se a



justar, fraturado pelo desejo de buscar uma totalidade impossível,<sup>7</sup>

trazendo a sensação de melancolia-tristeza que se traduz na postura conhecida como "mal do século", tédio sem fim, profunda apatia moral, desalento perante as mínimas ações, desesperança de salvação, falta de sentido.

Na tentativa de superar a angústia, aplacar o desespero, o romântico desenvolve a arte da fuga. A síndrome da evasão está presente em uma série de temas. Na fuga do presente opressor, o romantismo recupera o passado, especialmente aquele envolto pela aura do mistério, do maravilhoso, do pitoresco, um idealizado mundo medieval. Além disso, o romântico que descobriu com a era industrial a relatividade do tempo, acaba por descobrir a História "como sequência retilínea de eventos, processando-se no fluxo cronológico em que o ser humano está imerso. Em suma, o tempo como dimensão psicológica"<sup>8</sup> que seria de grande importância para a fundamentação dos nacionalismos. Outro tema constante é o da valorização da natureza. Uma natureza idealizada e dinâmica, de cunho rousseaniana, que regeneraria o sujeito contaminado pela sociedade urbana e industrial. O tema da natureza acabava por se confundir com o da nacionalidade, mesclavam-se "os conceitos de terra e nação, a dimensão física e a dimensão política. Imbuído deste sentimento, o romântico acaba por se ver como um profeta, um iluminado, condutor de povos, portador de uma missão redentora. A literatura passa a ter, para muitos românticos, como Victor Hugo, "uma missão nacional, uma missão social, uma missão humana".<sup>9</sup> Vislumbramos aqui a motivação revolucionária e socialista de muitos românticos

O escapismo geográfico também é manifesto nas obras românticas. A procura de novos horizontes, exóticos, pitorescos, ruínas de civilizações antigas, do misterioso oriente, são constantes na busca da pacificação da alma inquieta.

Na sua recuperação do irracional, o romântico encontra-se com a religião, com a idéia de Deus. Componente desta retomada religiosa é a obsessão pela morte vista como "algo glorioso, gesto definitivo e radical, evocando uma profunda indisposição com a sociedade".<sup>10</sup> O amor romântico idealizado é a outra face da consciência do vazio interior que reveste o sentimento da morte. O artista tematiza a ausência do ser amado, o desejo é o desejo da imagem, da figura incorpórea

e não carnal. Este amor platônico, puro, etéreo, impossível de ser realizado, é representado muitas vezes, pelo recurso ao sonho, ao devaneio. Em um mundo desagregado inaceitável, o amor não pode se realizar, o que pode ser percebido na concepção trágico-amorosa de tantos romances.

No Brasil, o romantismo inicia-se logo após a Independência, com uma missão, a de construir na antiga colônia, um perfil, uma identidade nacional. Esta foi a preocupação básica que norteou o desenvolvimento da chamada primeira geração romântica no Brasil, que teve como marco o grupo reunido em torno da revista Niterói, Gonçalves Magalhães, Araújo Porto Alegre, Pereira da Silva.

Na impossibilidade de exaltação da tecnologia e do poder industrial, ou de uma tradição cultural clássica inexistente no país, nossos românticos apelaram para o elogio das potencialidades da nação, na retomada idealizada de nossa formação como país, na valorização dos índios e da natureza grandiosa. Esta foi, grosso modo, a tendência da primeira geração que teve como principais representantes, Gonçalves Dias, autor de Ijuca Pirama, e José de Alencar, com romances como Minas de Prata, Iracema, O Guarani, O sertanejo, O Gaúcho

A segunda geração é aquela do ultra-romantismo, "uma geração mais voltada para o próprio coração do que para a Pátria, Deus ou o povo."<sup>11</sup> Apesar de reunirmos sob a mesma égide, escritores tão díspares como Casimiro de Abreu, Álvares Azevedo, Fagundes Varela, Guerra Junqueiro, podemos de forma simplificadora caracterizá-la pelo pessimismo, humor negro, perversidade, atração pela morte e auto-destrutividade, platonismo amoroso, ceticismo misturado com uma certa ternura e singeleza. Trata-se de uma geração que

mergulhou no mais completo pessimismo, como se estivesse a corporificar, nos trópicos, aqueles desajustes, que tomaram conta dos românticos europeus desiludidos com os descaminhos da Revolução Francesa. Não seria mesmo incorreto admitir que o sentimento de descrença pudesse ter vinculações com a própria consciência da inexorabilidade das transformações urbanas no advento de um tempo superador da tradição agrária, da vitória de um mundo inflexivelmente racionalista e preso à lógica da matéria e do dinheiro.<sup>12</sup>

A terceira geração desenvolveu-se no decênio de 60, e

riodo agitado e de grande importância na vida política, marcado pela Guerra do Paraguai, pelo caso Christie, pelo início dos movimentos republicanos e abolicionistas. Segundo Antônio Cândido, a nova orientação desta geração se "encontra no próprio decênio de 60, com sua tímida atmosfera política, gerando explosões cívicas facilmente explicáveis".<sup>13</sup> Esta situação veio de encontro com a nova "poesia participante e grandiloqua", produzida por um Victor Hugo, fruto das lutas liberais e democráticas na Europa. Assim, sobre a base da tradição literária já constituída no país pelas gerações anteriores, deu-se a fase final do romantismo no Brasil, "num tumultuoso decênio de sonoridades e melopéias, num cruzamento de verso com a ênfase no discurso". Seria aquela geração a da poesia política e humanista, que teria como pilar a figura de Castro Alves.

Os decênios de 70 e 80, ainda que de enfraquecimento do romantismo na poesia, apresentariam na prosa uma fase de refinamento e análise, de sentido ao regionalismo, fidelidade à observação, maturidade expressiva, como mostra exemplarmente a obra de Visconde de Taunay. Mesmo na poesia, aqueles que negavam a "ideologia espiritualista e ao acesso de idéias e comportamento próprios dos românticos",<sup>14</sup> como Silvío Romero, Lúcio de Mendonça, Martins Júnior e outros, acabam por seguir inconscientemente os mesmos padrões. Segundo Antônio Cândido, "o amor à ciência, o culto do ciclo histórico, a transcendência verbal, se enquadram perfeitamente nos aspectos messiânicos do Romantismo, na sua visão exaltada do progresso, no culto ao saber."<sup>15</sup>

Nos mesmos decênios de 70 e 80, se constituiria a primeira geração literária na Província do Paraná. Nestor Vitor descreve o espírito no qual se formaram esses pioneiros da literatura paranaense.

(...)quer no ânimo dos leais servidores da Monarquia, máxime do primeiro decênio após a guerra, antes que os desalentasse e desmoralizasse a atmosfera entontecedora criada pouco a pouco pelas forças adversas, quer no espírito que a estes próprios sustentava, havia muito daquela pureza, daquela candidez, até que caracteriza todas as épocas em sua linha geral e difíceis. O próprio naturalismo, visto a certa luz e principalmente no Brasil, foi ainda o romantismo da ciência, o romantismo materialista. De

um outro lado, todos entendiam estar trabalhando com devotamento pelo país. O espírito de mais ou menos desinteresse, a simplicidade em nossos costumes, a simpática e honrada pobreza estavam aqui em moda, quase como pelo tempo da Independência. Uns e outros, todos aqueles pugnases espíritos, tinham muito de crianças, por então, representantes como eram de uma terra nova que andava a procura, meio estouvadamente, do seu destino.<sup>16</sup>

Neste contexto, tendo como principal instrumento a participação na imprensa e em periódicos, que se constituiria esta geração, cujo principal expoente foi Rocha Pombo. De acordo com Nestor Vitor

(...)com Rocha Pombo outros rapazes de seu tempo bruxuleavam, cuerendo fazer da recente e ainda tão acanhada província mais um núcleo intelectual no Brasil, animados aliás, por aplausos que naquela época eram tão fáceis e que assim emprestavam até valor muito maior que eles podiam ter a esses ícaros, cuja maior força propulsora estava na ignorância de quão pouco eles na realidade ainda podiam valer.<sup>17</sup>

Compuseram esta geração, essencialmente romântica, além de Rocha Pombo, José Gonçalves de Moraes(1849-1909), autor de *Sempre Vivas*(1874); Luiz Ferreira França(1853-1921), Antonio Camargo Pinto(1856-1883), que através de sua colaboração na imprensa, ficou conhecido como "Castro Alves paranaense"; Albino José da Silva(1845-1905), que deixou "em jornais poemas de acento romântico";<sup>18</sup> Gabriel da Silva Pereira(1851-1901), que publicou *Sertanejas*, em 1881. O romance *Petrucello* é o último da fase romântica-literária de Rocha Pombo, sendo definido por Nestor Vitor como "coisa fora de tempo por muito velho e demasiadamente novo; primeiro e ainda inaceitável lampejo do neo-romantismo."<sup>19</sup>

Simbolismo:

Baudelaire é o grande precursor do simbolismo. Na sua Paris fantasmagórica, no ritmo frenético de sua constante destruição/reconstrução e da multidão que vaga pelas ruas, ele sobrevive - é o herói que produz a poesia. Feito um catador de lixo, recolhe nos fragmentos da vida urbana temas para sua lírica: as prostitutas, as lésbi

cas, os excluídos. Na Paris que se moderniza, na cidade da galerias, das vitrines, dos folhetins, das exposições industriais, sente-se tomado pelo "spleen" e num inconformismo entediado nega "a entrega da arte ao mercado"<sup>20</sup> e levanta a bandeira da arte pela arte. Na Paris de Blanqui, sua poesia é putschista, indomável, indevassável, múltipla de sentidos. Para Baudelaire a obra poética deveria ser total, um encontro dos sentidos com a percepção. As imagens deveriam sugerir, evocar, as poesias se aparentando "a partituras obscuras"<sup>21</sup> Ao leitor ficava reservado o papel de detetive a tentar encontrar significados, rastros, correspondências. Baudelaire aceita conscientemente o conceito de correspondência entre o mundo divino e o natural, formulado por Swenderborg - tão importante para o romantismo - mas ao mesmo tempo o ultrapassa e o nega parcialmente, quando deixa vir à tona sua dualidade fundamental que, "consiste na projeção da visão interior sobre o mundo exterior, situando a correspondência entre a visão interior e a realidade exterior, ou na interação entre o subjetivo e o objetivo"<sup>22</sup> A sinestesia baudelariana não liga o céu e a terra, mas sim a mente com os sentidos. O poeta é o "decifrador, aquele que pode dar realidade pessoal aos problemas universais e seus mistérios"<sup>23</sup>

Na cidade de Paris, o flaneur Baudelaire, supera os limites do romantismo, negando a prolixidade verbal, procurando o difícil equilíbrio entre o intuitivo e o intelectual:

O incógnito é a lei da sua poesia. A sua construção dos versos é comparável ao plano de uma grande cidade, na qual se pode movimentar-se sem ser percebido, encoberto por blocos de casas, portões ou pórticos. Neste mapa, as palavras têm como corsários antes de estourar uma rebelião, os seus lugares indicados com toda a precisão. Baudelaire conspira com a própria linguagem. Passo a passo calcula os seus efeitos. Que ele sempre tenha evitado se desvelar ante o leitor é algo de que se ressentiram exatamente aqueles que melhor o conheciam. Gide observou aí uma bem calculada divergência entre imagem e coisa (...). Lemaitre fala de formas que são estruturas de tal modo que impedem a explosão de paixão(...) 24

Aproximando o poético e o vocábulo banal, o cosmopolita Baudelaire, cria o seu plano alegórico/simbólico. Para Ana Balakian, Baudelaire "não é um simbolista, mas fornece combustível

ao simbolismo, suas contribuições podem ser explicadas concretamente quando os simbolistas põem em prática: (1) a noção de poeta (2) o conceito de forma poética e (3) a cristalização do arquétipo simbolista;<sup>25</sup> o decadente.

A herança de Baudelaire frutificaria no movimento simbolista, nos anos 80 e 90 do século passado que teve como oráculo Mallarmé, aquele que daria o mote: "Tudo é sagrado, tudo que permanece sagrado deve ser coberto com o mistério."<sup>26</sup> Em uma sociedade que se dessacraliza, os simbolistas buscariam o sentido da existência, contra o materialismo. Encontrariam o vazio, a solidão, a morte. Na procura do mistério, o poeta dava-se o direito de se retirar da sociedade e se deparar com seus iguais em uma espécie de cenáculo. Esporadicamente retorna, com o intuito de trazer à superfície, os diamantes da sua sabedoria de visionário. Mallarmé, outra vez: "Deve haver sempre um enigma na poesia."<sup>27</sup>

O simbolismo empreende importante luta contra a representação. "Onde há símbolo, há criação". Mallarmé clama pela tradição órfica, oracular, onde o fundamental é sugerir, evocar e não nomear. Retomando Orfeu, o leitor poderá participar de forma efetiva da hermética simbolista, expandindo a criação poética em múltiplos significados. Ao procurar restaurar a visão órfica, Mallarmé convida o poeta a encontrar uma forma mais próxima da música, reiterando indiretamente, "o paradoxo simbolista entre espontaneidade e cálculo."<sup>28</sup>

Para Ana Balakian, além das duas características acima especificadas - "a ambiguidade da comunicação indireta e a associação com a música" - outra característica fundamental do estilo simbolista europeu, seria o espírito "decadente", já antevisto em Baudelaire:

a conduta retraída, a preocupação com o mistério da vida, a inutilidade do livre arbítrio, a iminência da morte, o abismo de nossas incompreensões, -mas acima de tudo a consciência do papel do artista, o consolo das artes, como o único meio contra o demolidor acaso, a permanência do homem através da emissão de um pensamento. 29

Em Maeterlinck e Laforgue, a aguda "consciência do vazio em que o homem navega cegamente" é equivalente à "consciência

hipersensível da morte.<sup>30</sup> Este afastamento da vida empreendida pelo decadente, leva-o ao afastamento do "amor normal", encarado como engano e sonho, por estes que temem a brutalidade da vida capitalista. O espírito decadente cultua uma mística, que se alheia de "pressupostos religiosos"; nela<sup>a</sup> alma foi substituída por uma consciência da psique universal do homem perdido no mundo físico que ele é incapaz de compreender. O poeta tem como missão decifrar este conflito para os mortais, através de sua participação no mistério, a qual só é possível pelo isolamento dos ritmos massificados da modernidade. Paris cosmopolita foi o ponto de convergência daqueles que fugiam de suas nações burguesas a procura de isolamento, "do resto da humanidade"; como o grego Jean Moreas; o holandês, J. H. Leopold; o português Eugênio de Castro; os belgas Maeterlinck e Verhaeren; o americano Vielé Griffin. Estes cosmopolitas reclusos, diante do acesso da população ao ler e escrever, opuseram o hermetismo de sua poesia e, da sua torre de marfim, espraíram sua lírica e suas atitudes pelo mundo.

O Brasil também participou desta "comunhão sentimental e estética internacional"<sup>31</sup> Já na década de setenta, poemas de cunho baudelariano passaram a ser produzidos no país, alguns estão contidos em livros como: Alcíones (1872), de Carlos Ferreira; Opalas (1884), de Fontoura Xavier; Poesias (1879), de Carvalho Júnior; Fanfarra (1880), de Teófilo Dias.

O ano de 1887 foi fundamental para o simbolismo no Brasil, através da introdução de produções do grupo mallarmista por Medeiros e Albuquerque. O próprio Medeiros e Albuquerque procuraria utilizar o instrumental simbolista na sua Canções da Decadência (1888). O movimento caminharia rapidamente para uma definição, através das obras: Pérola, de Medeiros e Albuquerque; Aristeu (1889), de Rodrigo Otávio; Dona Carmem (1890); além da produção dos grupos da Folha Popular (Bernardo Lopes, Emiliano Pernetta, Elísio Carvalho, Cruz e Souza) e da Padaria Espiritual (Fortaleza, 1892).

Em 1893, Cruz e Souza publicou Missal e Broquéis, sendo os anos seguintes até a sua morte (1898) os anos de maior produção do simbolismo no país. Após sua morte, revistas como Rosa Cruz (1901), Fon Fon (1908), Árvore Nova (1922),

Terra do Sol (1924), Festa (1927), demonstram a permanência do movimento.

A recepção crítica do simbolismo no Brasil foi negativa. O clima do cientificismo, o critério de avaliação nacionalista e o parnasianismo relegaram-no à condição de movimento marginal, apesar de seu "curto período heróico no Rio de Janeiro no decênio de 90!"<sup>32</sup>

No Paraná, porém, o simbolismo teve papel central por um período prolongado, contando com um número significativo de periódicos, como, O Sapo (1890), O Cenáculo (1892), Galáxia (1889), Pallium (1898), Azul (1900), e nomes expressivos como Nestor Vitor, Dario Vellozo, Emiliano Pernetá, Silveira Neto e Rocha Pombo, entre outros.

A busca de explicação da crítica especializada para o fenômeno simbolista no Paraná, segundo Cassiana Lacerda Carolo, poderia ser resumida da seguinte forma: Andrade Muricy, procurou justificativa na qualidade dos escritores, no encontro com o simbolismo belga, e antecipou a tese de Roger Bastide que defende que o simbolismo no Paraná não é o mesmo de outros estados. É a manifestação da psicologia diferente do sul, a resposta de um Brasil diferente para um Brasil tropical, sustentando a especificidade do movimento paranaense a partir do clima "temperado contra o sol tórrido, a branquicente bruma e geada, o vento sul contra os elíseos!"<sup>33</sup> Nestor Vitor relembra as influências de Emiliano Pernetá que trouxe o primeiro exemplar da maldita "Flores do Mal" das idéias esotéricas de Luiz Murat e de Jean Itiberê. Silveira Neto, por sua vez, demonstrou a importância do grupo Cenáculo para a evolução do movimento; a semelhança do clima subtropical de Curitiba com o europeu; o grande significado da chegada de Jean Itiberê da Europa; e o momento de transformação propiciado pela Revolução Federalista, tendo grande impacto sobre o grupo simbolista local.<sup>34</sup>

Cassiana Lacerda Carolo, considera, e a reflexão a partir dos dados recolhidos durante a pesquisa parece convergir com isso, que os fatores acima descritos são importantes, mas parciais, além, é claro, de observar que a hipótese climática ou a



do Brasil diferente não se sustentarem, pois, "mesmo que as brumas curitibanas evocuem Bruges, como explica o simbolismo baiano, representado pelo grupo da Nova Cruzada, como entender a sofisticação da poesia de Pedro Kilkerry, Maranhão Sobrinho, e outros?"<sup>35</sup> Procurando compreender o movimento em sua totalidade, principia por enfatizar como fundamental para a criação do "ambiente que propiciou inicialmente o grupo O Cenáculo e, posteriormente, a radicalização do movimento, através de periódicos literários mais efêmeros e outros de linha esotérica, até sua manifestação panteísta, penetrando até o segundo decênio do século vinte"<sup>36</sup> o quadro de mudanças vivido por Curitiba no final do século. Este quadro, descrito pela autora, coincide com aquele descrito nos capítulos anteriores desta dissertação, incluindo fatores, como: a influência do processo imigratório; a inauguração da estrada de ferro; o enriquecimento da cidade promovido pela industrialização do setor da erva-mate; a criação de teatros como o São Teodoro e o Hauer; a estruturação da Biblioteca Pública; a criação da Escola de Artes e Ofícios; a fundação do Ginásio Paranaense, local de formação de membros da geração simbolista, como Nestor Vitor, Emiliano Pernetá, Sebastião Paraná, Leôncio Correia, todos sob a influência do professor Eusébio Mota; as reformas urbanas.

Cassiana Lacerda Carolo considera, ainda, que esta geração foi formada em um intenso ambiente de inquietação social, propiciado pelo movimento abolicionista, pela proclamação da República, pela irrupção das idéias anarquistas e socialistas trazidas pela corrente imigratória, e pela crescente força do anticlericalismo e da maçonaria.

Jean Itiberê trouxe para este ambiente a linha simbolista esotérica belga, tendo sobre o futuro grupo simbolista influência equivalente a Emiliano Pernetá.

Concluindo sua reflexão, que como vimos, procurou abranger a totalidade dos fatores econômicos, políticos, institucionais, envolvidos no surgimento do movimento simbolista no Paraná, a autora aponta a importância da Revolução Federalista que provocou importantes intercâmbios, como Luiz Murat, e profundas desilusões com a República nascente.

Rocha Pombo, autor já conceituado no rarefeito meio intelectual paranaense, exerceria um papel importante no desenvol

vimento do simbolismo, sendo uma espécie de referência para esta geração. Nestor Vitor relembra como Rocha Pombo agregou em torno do Diário Popular (1887), jovens autores:

rodeamo-lo, como a um prezado mestre, embora ainda bem moço, e aí se começou a organizar o núcleo que deu mais tarde os primeiros escritores paranaenses de todo o Brasil. 37

Rocha Pombo participaria, como convidado, de diversas reuniões do grupo O Cenáculo. Vivenciando o mesmo ambiente de inquietação, tendo proximidade e até mesmo ascendência sobre os componentes da nova tendência, o neo-romântico Rocha Pombo teria sua adesão ao simbolismo facilitada pelos pontos de contato de mesmo com a visão romântica de mundo, pelo processo de marginalização que sofreria de parte das elites paranaenses e pelos episódios da Revolução Federalista. Sua participação no movimento simbolista não se restringiria à colaboração na revista O Cenáculo. Ao mudar para o Rio de Janeiro continuaria, paralelamente às suas atividades como jornalista e historiador, a cultivar ligações com grupos simbolistas, como com o próprio ideário simbolista, o que é melhor exemplificado pelos poemas em prosa, contidos no livro Contos e Pontos (1911) e, especialmente, pelo romance No Hospício.

Caracterizados os movimentos estéticos e observada a influência sobre Rocha Pombo, podemos passar agora para a definição, fundamental nesta tese, da visão romântica de mundo, conforme Michael Lowy e Robert Sayre. Para eles, o romantismo seria uma estrutura mental coletiva, específica a certos grupos sociais, que teria em sua essência uma reação contra as condições de vida na sociedade capitalista. Portanto, não se restringiria a um movimento artístico em um determinado período, sendo uma visão his-

tórica situada no tempo. "O fenômeno romântico deve ser compreendido como resposta a essa transformação mais lenta, mais profunda - de ordem econômica e social - que é o advento do capitalismo".<sup>38</sup> Teria seus primórdios na segunda metade do século XVIII, na Inglaterra, "país onde as relações capitalistas se desenvolveram mais cedo e de forma mais complexa", se estendendo até os dias de hoje, acompanhando a evolução do capitalismo, e sendo manifesta, por exemplo, nos movimentos ecológicos.

O romantismo é portador de uma reação de grande intensidade afetiva contra o presente histórico, objetivando o reencantamento do mundo através da imaginação. Todas as tendências desta escola denunciam as características essenciais do capitalismo, especialmente o valor de troca, ou seja, o fenômeno da reificação e a fragmentação dela conseqüente.

O romantismo seria marcado, ainda na modernidade, por uma forte experiência de perda. Perda dos valores humanos essenciais, que foram alienados. Alienação do presente, sentida frequentemente como crise de identidade, como um exílio, como a falta do lar. Segundo Hauser, "o sentimento de falta do lar e de isolamento tornou-se uma experiência fundamental dos românticos do início do século XIX",<sup>39</sup> ou diríamos até mesmo do século XX, como Benjamin, Marcuse, e outros.

O desejo de reencontrar o lar é vivenciado como uma nostalgia, uma melancolia de algo que foi deixado em um lugar do passado. Assim, os valores perdidos no capitalismo, correspondiam a um mundo pré-capitalista. Nele as características negativas do capitalismo não existiriam ou seriam atenuadas. A nostalgia do passado, no romantismo, torna-se um olhar para o futuro, uma encarnação das aspirações românticas, um projeto utópico.

Encontramos, portanto, no cerne do romantismo, um princípio ativo, calcado na idéia da busca do que foi perdido, que se traduz em luta, inquietação, angústia, interrogação. A busca toma várias formas, desde a estetização da prosa em um Novalis; até a procura em um país exótico ou distante

de um local onde tenha sido preservado o passado; ou, ainda, como no caso de Benjamin e Marcuse, onde a lembrança do passado serve de arma na luta pelo futuro.

Os valores perdidos seriam de cunho qualitativo - éticos, sociais, culturais - em oposição ao cálculo racional do valor de troca. O valor por excelência seria a subjetividade individual. O desenvolvimento do sujeito individual está vinculado ao do capitalismo, objetivando, com isto, o preenchimento de funções sócio-econômicas, mas por outro lado, estimula no indivíduo a exploração de seu mundo interior. A afetividade, a imaginação, derivados desta procura, se contrapõem à rigidez e ao mecanicismo do sistema capitalista.

Outro valor qualitativo fundamental seria a totalidade. Totalidade com a natureza e com a coletividade humana. Valores que, logicamente, opõem-se ao capitalismo, que consolida a separação entre cidade-campo, tem como corolário básico a exploração e dominação da natureza. Ao isolamento e fragmentação do corpo social, os românticos reagem com o desejo da recriação da comunidade humana.

Lowy e Sayre sugerem uma tipologia dos românticos. Constatamos que Rocha Pombo não se adequa à apenas um dos tipos propostos. No período aqui estudado visualizamos a aproximação do nosso autor, especificamente, com duas tendências dentro da visão romântica de mundo. A primeira seria o romantismo liberal, definido como aquele que

mesmo fazendo a crítica do mundo moderno burguês regido pelo poder do dinheiro, não tira consequências radicais dessa crítica, contentando-se em fazer votos de reformas quaisquer e não de mudanças mais fundamentais.

Esta tendência estaria presente, por exemplo, no seu projeto de reformas, estudado no capítulo I, e na crença na ciência e no progresso, como maneira de resolução dos problemas do presente, conjugada à nostalgia da tradição, descrita no capítulo II.

O segundo tipo a ser considerado é o romantismo utópico. Para Lowy-Sayre:

Recusando tanto a ilusão de um retorno puro e simples às comunidades orgânicas do passado quanto a aceitação resignada do presente burguês, aspira - de modo mais ou menos radical e explícito, conforme o caso - à abolição do capitalismo e ao advento de uma utopia futura, na qual certos traços e valores das sociedades pré-capitalistas seriam reencontrados. 41

O romantismo utópico e/ou revolucionário apresentaria várias correntes, como: o romantismo jacobino-democrático, o romantismo populista, o romantismo libertário ou anarquista, o romantismo marxista, o romantismo socialista utópico humanista. Dentro da corrente romântica utópica, Rocha Pombo ora oscila, ora promove a fusão entre a tendência socialista utópica humanitária e o romantismo libertário. 42

Rocha Pombo desloca-se de forma flexível e não linear entre essas tendências. Assim, a obra Petruccello (1892), onde encontramos a visão romântica utópica em estado embrionário, é sucedida pelo conto "Em Torno da Terra" (1897), marcado ainda por elementos pertencentes à visão romântica liberal. Este seria seguido, por sua vez, pela obra que melhor realizaria a visão romântica utópica de mundo, No Hospício. Este percurso errante não seria exclusivo de Rocha Pombo, pois

na maioria dos itinerários em questão trata-se de deslocamento no interior de um mesmo corpo espiritual(...) O caráter essencialmente ambíguo, contraditório e hermafrodita dessa Weltanschauung torna possíveis as mais diversas soluções e a passagem de uma a outra, sem que o autor tenha rompido com os fundamentos de sua problemática anterior. 43

Podemos indicar que Rocha Pombo, a exemplo dos românticos estudados por Lowy-Sayre, teria como estímulo à adoção de sua visão de mundo, a participação no grupo da intelligentsia de cunho tradicional, ou seja, aquela que

vive num universo mental regido por valores qualitativos, valores éticos, estéticos, religiosos, culturais ou polí-

ticos; toda sua atividade social de produção espiritual (o termo é de Marx em A Ideologia Alemã) é inspirada, orientada e modelada por esses valores que constituem, por assim dizer, sua razão de ser enquanto intelectuais.<sup>44</sup>

Perante os valores quantitativos do capitalismo, parte desta intelligentsia acabará por aceitá-los integralmente, enquanto outra fração, "fiéis a seu universo cultural pré-capitalista de valores qualitativos"<sup>45</sup>, se recusam a traficar sua produção espiritual. Rocha Pombo faria parte desta última fração, o que pode ser exemplificado por boa parte de sua obra, ou ainda, por declarações como estas: "Que tem de comum com o nosso tempo, com nossa sociedade, com nossa alma, uma literatura que se fez gênero de mercado..."<sup>46</sup>

O público alvo destes românticos seria composto por todos aqueles grupos, classes de alguma forma atingidos negativamente pelo capitalismo, sendo, portanto, uma base social múltipla, não homogênea, podendo incluir desde a aristocracia até o nascente proletariado urbano.

É importante ressaltar que a adesão de Rocha Pombo à visão romântica utópica, é simultânea à passagem de uma posição conciliadora com as elites regionais para a aceitação de seu posicionamento como membro das classes não dominantes, base social daquela visão.

Baseado nessas premissas, o capítulo além de procurar contextualizar historicamente as obras Petrucello e O Hospício, procurará sublinhar os pontos de contato com a visão romântica, ou seja, a crítica ao capitalismo, o exílio, a nostalgia, a oposição cidade-campo e o sentimento utópico-religioso.

### 3.1. Petrucello

Um comerciante estabelecido em Florença, casado com Marieta e pai do menino Carlo Petrucello, resolve, de forma súbita, dois meses após a morte da filha mais nova, romper os laços familiares e viajar para a América. Justifica sua decisão à esposa, mulher apaixonada, da seguinte maneira:

A vida filha é coisa grave e solene demais...o homem precisa desnover-se no mundo...aproveitar-se de seus dias até o fim... O sossego, enquanto sente-se em torno a vertigem seria uma culpa enorme.<sup>47</sup>

Para que Marieta aceitasse mais facilmente, alegou um objetivo concreto: a busca da fortuna. Na realidade, porém, o rompimento para Petrucello era a única forma de procurar uma interioridade superior. Pretendia alcançar, através do sofrimento oriundo da separação, a realização de seu espírito pela concepção de uma obra-prima.

Este florentino, herdeiro da tradição humanista de Dante, sempre fora visto como estranho em um meio que, segundo o narrador, transformava-se profundamente, com os valores da burguesia ascendente dissolvendo o modo de vida tradicional. Descrito como portador por excelência do sentimento de diferença, era visto por sua sogra, D. Catarina, e por sua própria família, como um ser esquisito.

O seu desejo era ir ao Oriente. Atravessa o oceano rumo à América, feito um novo Cristóvão Colombo - não esqueçamos que o livro foi publicado em 1992, 490.º aniversário do descobrimento da América, de cujas festividades Rocha Pombo foi um ativo organizador - e chegar ao local depositário da fé e da redenção.

Deixando para Marieta uma casa e um patrimônio de 30.000 francos, despede-se em meio ao desespero e incompreensão familiar e toma o caminho de ferro para Gênova. No seu pensamento, como um relâmpago, passava-lhe "a idéia de abandonar o seu projeto, mas experimentava um horror estranho."<sup>48</sup>

A travessia do oceano é um momento de penitência e dor. A reflexão sobre a ausência dos seus parentes une-se em sua

mente aos projetos para novas obras literárias, além de sua tão sonhada obra-prima, o poema "Deus no Tempo". A travessia encerra-se com a chegada à Bahia, onde Petrucello pouco permanece, pois decide transferir-se para o Rio de Janeiro, local que lhe diziam ser de um pronunciado movimento de renascença literária e artística.

O Rio de Janeiro fortalece sua sensação de exílio. Observa a condição social a que estão relegados os seus patrícios, alguns poucos prósperos, indiferentes à sorte dos outros, a grande maioria sobrevivendo de trabalhos miseráveis "só italianos lustram botas e disfarçam esmolas às portas dos hotéis".<sup>49</sup> Desalentado com a situação, Petrucello pensa em retornar para casa, quando um encontro com Mr. Tissot, velho conhecido de Florença e auto-definido como jornalista da corte, "por necessidade-por cálculo",<sup>50</sup> muda o seu destino. Mr. Tissot oferece-lhe sociedade em um escritório de agência que tencionava abrir.

A entrada na vida comercial, no novo país, possibilita ao nosso herói, maior espaço para a atividade literária. Passou, assim, um longo período indo de "um trabalho literário, elevado e profundo, para os negócios enervantes do seu escritório".<sup>51</sup>

Neste ínterim, a ação transfere-se para Florença, onde a mãe de Marieta, D. Catarina, com parte do capital deixado por Petrucello, inaugurara um comércio de roupas finas denominado Toillete Parisiense. O sucesso do empreendimento leva D. Catarina a adquirir um negócio de roupas feitas, com o resto do capital disponível. O co-responsável pelo sucesso e expansão dos negócios é Benedito, futuro pretendente de Marieta e manager da loja. No romance, ele é o contraponto a Petrucello. As atitudes divergentes são claras, de um lado, o trágico herói entediado em ganhar dinheiro, cada vez mais etéreo; do outro, o gerente do Toillete Parisiense, excitado pelo trabalho e pela brutalidade da matéria.

A aproximação entre Marieta e Benedito, patrocinada pela sogra, disposta a manter os eficientes empréstimos do seu manager, só tornou-se possível na realidade pela falta de comunicação de Petrucello com a família. Esta dolorosa incomunicabi-



lidade é acompanhada por um profundo sentimento de nostalgia e melancolia. Neste estado de espírito, Petrucello concebe a utopia "Cidade dos Homens". Entregue ao jogo do mercado, mantém-se inquieto interiormente.

A mesma inquietude provoca a dissolução da sociedade de cinco anos com Mr. Tissot, e nosso personagem viaja para a América do Norte. Vive três meses em Boston, algumas semanas em Nova Iorque, alguns meses em Sacramento e São Francisco. Aumentou consideravelmente seu capital, através da aplicação em uma campanha e em outros negócios não definidos. No final de um ano e meio, termina sua experiência nos Estados Unidos, no seguinte espírito: "aborreceu-se logo no meio dos tumultos d'aquela ruidosa e ampla vida de atividades americanas. Aquelles yankees eram intoleráveis!"<sup>52</sup>

Parte para o México, onde toma notas sobre a civilização asteca. Em seguida, no Equador, especialmente em Quito e Cuzco, onde recolhe dados sobre os incas. Por fim, termina sua viagem no Chile, onde encontra-se com Eduardo Guzman, e funda uma próspera e grande empresa importadora de "diversas especialidades, principalmente máquinas".<sup>53</sup> O rebentar de uma revolução, típica da América Latina, com o conseqüente sequestro de mercadorias, a paralisia das transações, os novos tributos, leva a firma à bancarrota. Os sócios, perseguidos pela ditadura, fogem pelas cordilheiras, rumo ao território argentino. Em Mendoza, deliberam voltar ao Rio de Janeiro.

Ao retornarem ao Brasil, deparam-se com uma nova situação, a recém-proclamada República alterara profundamente o modo de vida da população carioca, deixando a "sociedade em barafunda".<sup>54</sup> Petrucello resolve voltar à Europa, publicando, antes, seu livro sobre a América, fruto das viagens realizadas em quase quatro anos pelo continente americano. A repercussão obtida por sua obra foi praticamente nula, à exceção de algumas notas e uma crítica negativa na imprensa. Desiludido pela incompreensão para com seu trabalho, encaixota os livros restantes. Aprofunda a reflexão sobre os anos passados longe de sua família, questionando agora o sofrimento como fonte inspiradora, fonte de

energia para o artista alcançar a glória e a celebridade. Petrucello conclui que o grande objetivo de viver é fazer o bem no mundo e procura um projeto para a resolução de um grande problema. Propõe a criação de uma estrada de ferro transoceânica, entre Pernambuco e Lisboa. Comunica seu projeto aos jornais do Rio. É ridicularizado.

Ansioso e cheio de dúvidas, retorna nove anos depois, à Europa, na esperança de reencontrar Marieta e Carlo. Chegando a Gênova, telegrafa a Patrício, seu melhor amigo, solicitando que a família fosse recebê-lo na estação de Florença. Patrício comunica a iminente chegada do seu genro a D. Catarina e ela fica desesperada.

No dia seguinte, Patrício, D. Catarina e três outros amigos encontram-se na estação com Petrucello. A sogra não para de repetir: "-É preciso que tenhas morrido Antônio"<sup>55</sup>. Os amigos conduzem-no a uma estranha residência. Após um pernoite agitado, a verdade é revelada a Petrucello. Marieta havia se casado com Benedito há cinco anos e dele tivera uma filha. A única opção para preservar a honra de Marieta era partir para sempre de Florença. Petrucello, após receber a visita de Carlo, parte rumo ao Oriente.

Marieta acaba por saber que Antônio estava vivo. Fora enganada por sua mãe, que falseava não apenas a notícia da morte de seu marido no Rio de Janeiro, mas também o atestado de óbito que legalizou seu enlace com Benedito. A simplória Marieta vivencia em seu interior um dilema profundo, sobre a moralidade de seu relacionamento com Benedito.

A caminho do Oriente, Petrucello detivera-se por demais na Grécia. Em Atenas é acometido de tísica. Encontrou a morte na presença de Patrício, não sem antes ter recebido uma carta com a notícia da morte de Marieta, assassinada pelo ciumento Benedito, que acreditava que ela iria deixá-lo para voltar para Petrucello. Um bilhete, escrito por Carlo, acompanhava a missiva, uma jura de vingança contra o pai, era o seu conteúdo.

### 3.1.1. Transformação política e anti-militarismo

O romance Petrucello foi escrito em 1891 e pu-

blicado em 1892. Como sabemos, este período, logo posterior à proclamação da República, foi repleto de conturbações políticas e sociais como, por exemplo, o conflito entre tendências dentro do governo Deodoro, a implantação do regime republicano nos estados, a Assembléia Constituinte em 1890, a eleição de Deodoro como presidente constitucional, as intervenções federais, o golpe de estado de Deodoro com a dissolução do Congresso Nacional em 3/11/1891, o contra-golpe de 23/11/1891, com a ascensão ao poder do Marechal Floriano. Conjugada à crise econômica, a crise política prenuncia um clima de eminente guerra civil. Neste contexto, na visão de Rocha Pombo, surgiu "uma sociedade nova, onde as tradições nada tem erigido de firme."<sup>54</sup> Apesar de considerar tais transformações históricas como fecundas em ensinamentos, no caso da República, percebe-se em Rocha Pombo uma posição essencialmente negativa. Descreve o novo regime político "como aquele que deslocava como figuras emergentes outros homens, atendendo ambições e lutas e anarquizando tudo."<sup>57</sup> Esta visão negativa confirma-se em outro momento do texto.

É um absurdo supor que a facilidade com que nas repúblicas os homens de todas as classes podem exercer a sua ambição constitui uma prova de excelência da instituição republicana. Hoje em todo o mundo, especialmente nas repúblicas agitas da América Latina, a política é um vício pior do que outros vícios que se conhece.<sup>58</sup>

Ele criticou a luta partidária republicana em sua atuação na imprensa. Seu posicionamento geral poderia ser resumido através da seguinte expressão encontrada no romance Petrucello: "a política especialmente é o grande mal da América."<sup>59</sup>

No romance, a crítica ao novo regime encontra nova força na oposição ao militarismo. Quando recordamos do apoio dos militares à proclamação da República e da permanência dos mesmos no poder, nos primeiros anos da nova ordem, através das figuras de Deodoro e Floriano, tal posicionamento assume especial relevância. Assim, tornam-se extremamente corrosivas opiniões anti-militaristas, como aquelas encontradas no romance Petrucello:

O exército é hoje uma força desperdiçada um fardo inútil com que lutam os povos - e isto quando não é ainda o espantinho da liberdade e da paz.<sup>60</sup>

A jocosa afirmação do narrador em relação ao General Camarão, um dos "homens emergentes que auxiliam a deixar a sociedade carioca em barafunda", pode ser entendida no mesmo contexto:

Muitos dos antigos conhecidos, colegas de imprensa, filantes de almocês no Londres, nem mais se dignavam de saudá-lo elevados a novas posições. Um major Camarão... sempre tão amigo de todos os rapazes da imprensa, homem de sangue na guelra e de estômago e toutiço para todas as pândegas antigamente amigo íntimo e admirador entusiasta do digno compatriota de Dante, como lhe haviam ensinado a dizer... esse major era agora o bravo general Camarão e passava junto de Petrucello muito empertigado, imponente de orgulho e carregando os sobrolhos como quem diz - tub isto sou eu.

Petrucello estudou-o. Era o mais que podia fazer. <sup>61</sup>

### 3.1.2.-O exílio

As transformações políticas somam-se aquelas advindas do processo de modernização, proporcionando da parte de Petrucello o seguinte diagnóstico acerca do homem moderno:

O que mais impressiona entre os modernos é o estado de completa desorientação em que se acham, no meio da geral anarquia do espírito humano - característica da crise atual... No meio da depravação na ordem moral e do deslubrimento produzido pelo progresso da ciência e da indústria. <sup>62</sup>

As mudanças são sentidas pelo personagem como perda de rumo, desorientação. Rocha Pombo o defronta com a marca <sup>63</sup> distintiva da modernidade, a crise crônica da identidade. Petrucello parte em busca da identidade perdida. O rompimento com Marieta justifica-se através de expressões como "vai viajar para

sentir emoções", ou " como não há de acordar-lhe n'alma coisas desconhecidas, um longo adeus para viagem de muitos anos".<sup>64</sup> Petrucello encontrava-se com o seu espirito em estado de abandono, tendo adquirido " uma tal aversão ao mundo, uma tão fina e insaciável melancolia e uma excentricidade tal que ele próprio se incomoda de não compreender-se a si mesmo."<sup>65</sup>

O sentimento de perda de identidade corresponderá à idéia de exílio. Primeiro o exílio na própria sociedade florentina,

E quanto sofrera sua pobre alma sentindo-se desolada assim na vida sem a carícia de uma outra alma irmã da sua...que lhe compreendesse os arrebatamentos e fosse capaz de perdoar-lhe todas as loucuras. 66

Posteriormente não será apenas o sentimento de exílio, oriundo da solidão, que o acometerá. O maior desejo deste andarilho vem a ser "viver em um cantinho de terra onde sempre se ja um estrangeiro".<sup>67</sup> Acaba por evocar o arquétipo maior do exilado, "se ao menos fosse judeu por um dia... para sentir aquela dor de não ter pátria".<sup>68</sup> Ele cumprirá o desejo, permanecerá nove anos vagando em regiões distantes de sua Florença.

Para superar a desorientação que o acomete - e que é comum a toda a sociedade pois "os homens na sociedade moderna perderam o oriente"<sup>69</sup> - Petrucello procura viajar rumo ao Oriente.

Rocha Pombo segue a tradição mística ao contrapor ao Ocidente que simboliza "o mundo das trevas, do materialismo, da imoralidade, da perda dos direitos, da decomposição".<sup>70</sup> O Oriente espiritual, metafísico, da vida contemplativa.

Ir ao Oriente! aquela eterna mania de ir meditar sobre os escombros da ruína. 71

No Oriente está a busca da luz. Devemos observar que este símbolo é reiterado em diversos momentos na obra de Rocha Pombo, além de Petrucello. No conto "Em Torno da Terra", a viagem inicia e termina no Oriente; em No Hospício, o narrador e Fileto também pretendem viajar em direção ao Levante. Obsessão

que parecia ser a do próprio autor. Sobre ela comentaria Nestor Vitor:

(...)sonhava ardentemente com uma viagem em que, chegando ao Egito, fosse à velha Mênfis, passasse para a Palestina, visitasse a Mesopotâmia, conhecesse com seus olhos onde fora Persépolis, seguisse até a Bactriana de outrora e se entranhasse por fim na Índia. 72

No romance, o exílio de Petrucello no Ocidente, seria apenas uma etapa de purificação, de sacrifício vital que precederia a exemplo da viagem sufista "a reintegração na fonte oriental do conhecimento."<sup>73</sup> Viagem inconclusa para nosso herói, pois morreria às portas do Oriente.

Este Colombo moderno pretende chegar ao Oriente através da América. O continente americano, para o personagem, assume um papel emblemático.

Na América visitaria países novos de natureza opulenta, embora países onde a mão do homem nada tivesse feito. Contemplaria mais frescos os vestígios da mão de Deus. 74

Na busca da totalidade interior, Petrucello quer se exilar no paraíso. Na América encontra-se a esperança de redenção do espírito ocidental, "neste continente se viriam condensar talvez já no século futuro todas as vitalidades da civilização ocidental."<sup>75</sup>

Se o sentimento de exílio é acompanhado da idéia de fragmentação do ser, o exílio concreto seria um passo na busca da totalidade (vestígios de Deus, América como paraíso). Não é à toa, portanto, que a obra principal planejada por Petrucello é o poema "Deus no Tempo", que trata exatamente da gênese do mundo, o momento da instituição harmônica do universo, onde o homem está perfeitamente integrado à natureza e a si mesmo.

O poema "Deus no Tempo" não seria concluído. Seria apenas mais um esboço, como tantos outros que compõem o livro. Relacionemos alguns: a obra Problemas, acerca de questões

filosóficas sociais; o volume de versos Cem Sonetos; um poema épico sobre o descobrimento da América; a utopia Cidade dos Homens; um trabalho científico sobre o conflito entre religião e ciência. Fragmentos, esboços.

Além da utilização do fragmento como forma literária ser característica do romantismo, a sua multiplicação nos indica que Petruccello parece tomado do grande problema na criação literária que ele próprio denunciava e desejava superar. A dificuldade de criação artística para ele, é "um dos maiores sintomas da crise em que se acha o espírito humano neste fim de século."<sup>76</sup> "A criação, onde se mostraria a "individualidade plena dos grandes espíritos, é difícil hoje na idade do trem de ferro e do telégrafo elétrico."<sup>77</sup>

O encontro com as inovações técnicas coloca o artista moderno perante um dilema, como expressar a criatividade de forma plena, perante a sociedade capitalista que a destrói.

Este cenário destruidor da individualidade, para Petruccello são as grandes cidades que

(...) com todas as suas instituições e costumes degenerados que concorrem também as circunstâncias e os elementos de enervação que matam ou pelo menos estragam ou esterilizam os melhores espíritos.<sup>78</sup>

Nelas têm origem "muitos males julgados irremediáveis nas sociedades atuais"<sup>79</sup>. A grande cidade moderna é o palco onde se movem os tiranos que guiam a criação artística; a multidão e a opinião pública

(...) o gosto desse público-monstro sempre pronto a devorar todos os escândalos... Os artistas de hoje só vêem o bulício humano, a vida material, o movimento espetaculoso, as sociedades no que elas tem de mais apavorante. São uns desvairados nesta pequena terra, cegos para ver a grande luz, incapazes de erguer a cabeça para ver além dos tumultos e dos rugidos da multidão.<sup>80</sup>

Coerentemente com o ideário romântico, Rocha Pombo complementa a sua crítica à grande cidade com a proposta de se estabelecer limites à "integração de centros populosos"<sup>81</sup>, proposta reiterada pelo romance No Hospício.

### 3.1.3. Estultice da burguesia

A crítica à sociedade capitalista não se esgota na questão dos grandes centros urbanos. Está presente também na contraposição elaborada por Rocha Pombo, do estéril idealismo de Petrucello, ao "convencionalismo estulto da burguesia."

Neste caso, assume especial relevância a figura de D. Catarina, mãe de Marieta, que ascende rapidamente ao status de capitalista. A sua riqueza é fruto de uma loja de modas, a Toillete Parisiense. A escolha da moda reveste-se de interesse quando lembramos de Benjamin: "a moda prescreve o ritual segundo o qual o fetiche mercadoria pretende ser venerado"<sup>82</sup>. A moda é a metáfora da morte que cerca Petrucello, um deslocado nesta sociedade onde a mercadoria é objeto de adoração. A fugacidade da moda também adequa-se à descrição de D. Catarina, mulher frívola, autoritária, manipuladora, mesquinha, capaz de falsificar um estado de óbito de seu genro para garantir a união de Benedito e Marieta. Ela, que ao se compenetrar de sua condição de senhora rica, passa a querer que tudo que a cerca adequa-se à sua nova condição social. Organiza o espaço de sua casa, no molde do interior burguês, "com mobília de alto valor, luxuosas baixelas, criados de pingue salários"<sup>83</sup>, que andavam solenemente e cheios de mesuras. Benedito, por sua vez, é descrito como "tendo uma cabeça extraordinária" para negócios, é adjetivado com os termos "ruminante", "bruto", "limitado". Nas figuras de Benedito e D. Catarina, Rocha Pombo localiza e nega o modus vivendi capitalista.

O próprio Petrucello defronta-se com esse modus vivendi. Através dele, Rocha Pombo parece refletir o dilema apresentado ao escritor, quando do surgimento do mercado literário no século XIX. Petrucello é literalmente um intelectual que parte para o mercado.<sup>84</sup> Envolve-se em vários negócios, geralmente bem sucedidos como de escritório de lobby, em sociedade com Mr.



Tissot, aplicações financeiras nos Estados Unidos, uma campanha de importação de máquinas e outros produtos, no Chile. Apesar de seu flerte com o mercado, não consegue deixar de lado o sentimento de tédio de ganhar dinheiro e o sofrimento atroz que estas atividades lhe causavam,

o mais insuportável do martírio estava na necessidade de fazer cara de negociante e de bom procurador tinha de mostrar-se corretamente fiel a todo esse convencionalismo estulto da burguesia. 85

### 3.1.4. Utopia

O etéreo Petrucello, preso no meio do turbilhão de transformações do "fin-de-siècle", tomado pelo sentimento de exílio perante a sociedade moderna, martirizado pelo convencionalismo burguês que o cerca, deseja "mudar completamente as condições de vida no mundo." Da melancolia brota o projeto utópico "Cidade dos Homens".

Esta cidade seria dirigida por homens sábios que estariam tomados pelo espírito do século. Os sábios aboliram a figura de Deus, como desnecessário e afrontoso à dignidade humana. Obcecados pela sua crença cega nas leis, as elaboraram perfeitas, incluindo desde liberdades políticas até os serviços públicos. Estabelece-se um governo extremamente organizado, capaz de influir na vida dos cidadãos. Surge um problema, porém: as leis não são obedecidas. Apesar da criação de novas penas e fóruns para julgar aqueles que não cumprem ou não fazem cumprir a lei, a situação persiste. Diferentes grupos passam a lutar pela poder, abalando as "forças do país".

Este estado de coisas perdura até a chegada de um estrangeiro que discursa:

Vós nunca chegareis a realizar o que desejais se não voltardes desse caminho errado que tomaste. Cuidas muito da lei e falais muito em liberdade, quando a única coisa que vos faltais é Deus(...) a liberdade que faz livre e feliz não é a que está consagrada na lei, mas a que

xiste na consciência de todos os cidadãos. 86

A repercussão das palavras do estrangeiro foi imediata, e a sua influência passa a ser decisiva. A partir de suas idéias, o sistema penal foi abolido, pois a lei tornou-se clara, simples e justa, respeitando-se a religiosidade. O grande temor passou a ser a própria consciência.. "O lema da cidade dos homens" passa a ser "é preciso que o homem seja bom para que boa se torne a sociedade."<sup>87</sup>

A utopia de Petrucello tem pontos importantes que merecem ser abordados. O modelo de nação moderna apresentado e criticado por Rocha Pombo, no romance, assemelha-se, em muito, às proposições positivistas, tão em voga no "fin-de-siècle" brasileiro. O governo dos mais sábios, a força do estado regulando todas as atividades dos cidadãos, o abandono da idéia de Deus a favor da dignidade humana, a crença cega na ciência, são itens que certamente refletem parte do ideário positivista e do próprio imaginário do século XIX.

Esta cidade, de cunho autoritário, se constituiria de acordo com o espírito do tempo. Se lembrarmos, no romance Petrucello, das definições de espírito do tempo ou, mais especificamente, de sua crise, acharemos coerente o fim do governo por ele orientado: a guerra civil.

Rocha Pombo parece refletir em sua "Cidade dos Homens", a conturbada situação política do início da República, com a luta entre positivistas, liberais, jacobinos, pelo poder. Conflitos que geraram intervenções federais, choques regionais. O ano de 1892, em que Rocha Pombo publica o romance, é o ano do início da Revolução Federalista, guerra civil desde há muito no horizonte.

Aquela sociedade exaurida pela luta, um estrangeiro traria a salvação. À possibilidade de desagregação da sociedade, Rocha Pombo opunha uma utopia messiânica.

(...)repointava aí um mal disfarçado messianismo, a outra face da imagem de isolamento e de convergência para uma atitude de auto-reflexão dos

artistas românticos. Numa época marcada por profundas desagregações, pelo conflito e pela hostilidade sociais, o artista via-se quase compulsoriamente como portador de "gênio", senhor de um domínio superior, (...) encarava a si próprio como um ser imbuído de mais nobre designio...)

88

Estrangeiro como Petrucello, o messiânico profeta, através da linguagem, reorganiza a sociedade nos únicos termos que ela valeria a pena, "uma sociedade consciente de seus destinos e sobre a qual Deus imperava."

Esta utopia em esboço, apresenta claros traços libertários. A crítica ao governo dos sábios, excessivamente interventor, tem um caráter mais amplo de <sup>des-</sup>qualificação do estado, que pode ser deduzido a partir da seguinte afirmação, encontrada na mesma obra:

Há de nascer por força, como mais racional e lógica, a tendência que já se constata mesmo entre alguns pensadores, para atenuarmos o mais possível a influência do Estado, se não for coisa que se possa conseguir a eliminação dessa idéia.

Sugere, ainda, que a lei não tenha como fonte de autoridade o estado, mas constitua-se livremente sem "opressão de natureza alguma da própria sociedade." Nesta sociedade autônoma, onde impera a verdadeira moral, advinda da consciência individual, é possível abolir-se o sistema penal e a repressão policial.

Aqui, Pombal parece retomar duas tradições de crítica ao sistema penal: a utópica, iniciada já na Utopia de Thomas Morus, e a do pensamento anarquista, que tem sua melhor síntese no livro As prisões de Kropotkin. A negação das leis impostas pelo estado a favor daquelas oriundas da própria comunidade, também parece ter as mesmas fontes. Kropotkin afirmaria em Ciência Política e Anarquismo:

O anarquista imagina uma sociedade na qual as relações mútuas seriam regidas não por leis ou por autoridades auto-impostas ou eleitas

mas por mútua concordância de todos os seus interesses pela soma de usos e cos tumes sociais - não imobilizado por leis, pela rotina ou por superstições, mas em contínuo desenvolvimento, sofrendo constantes reajustes para que pudessem satisfazer as exigências sempre crescentes de uma vida livre. 92

No caso do pensamento utópico, continuamos exemplificando com Thomas Morus. A legislação promulgada por Utopus (observe-se a semelhança com o estrangeiro do romance) primava pela simplicidade e clareza, onde

comunidade de natureza desempenha o papel de tratado e os homens estão mais fortes e mais intimamente unidos pela vontade de praticar o bem recíproco do que por quaisquer pactos, mais unidos pelo coração do que pelas palavras. 93

O que parece combinar claramente com o ideal da cidade de Rocha Pombo, em que o princípio da moralidade habitava "no coração de todos".

A morte de Petrucello é trágica. No exílio, na impossibilidade de concretizar seu sonho de unir-se a Marieta e Carlo, Petrucello encontra seu fim ao som da Tempestade de Wroblowski, na cidade de Atenas. Suas últimas palavras: "mas o Oriente está tão longe!" Os caminhos de Petrucello são tratados como descaminhos. Rocha Pombo anuncia, através de Petrucello, que o inconformismo à sociedade moderna fracassara.

### 3.2. Rocha Pombo e a Revolução Federalista

A guerra civil prevista no romance Petrucello, chegaria a Caritiba em janeiro de 1894, e seu impacto sobre Rocha Pombo seria decisivo em diversos aspectos. Na questão estética definiria a passagem do nosso autor do neo-romantismo para o simbolismo; em relação à sua visão de mundo, auxiliou a transição de uma postura romântico-liberal para outra romântico-libertária e utópica. A inserção de um item sobre a Revolução Federalista entre a análise de dois romances, é plenamente justificada pelos fatores acima mencionados e, especialmente, fortalecida pela existência de importante testemunho pessoal de Rocha Pombo, a crônica Para a História, nossa principal referência de análise.

A Revolução Federalista se iniciou no Rio Grande do Sul. Segundo Edgar Carone, "constituiu-se numa guerra civil que se originou da radicalização, cada vez maior, da luta pelo poder".<sup>94</sup> No conflito estavam envolvidos os republicanos históricos, liderados por Júlio de Castilhos, os republicanos dissidentes, com representantes como Antão Faria, Demétrio Ribeiro e Barros Cabral, e o Partido Federalista, sob a chefia de Gaspar Martins. Os combates iniciam-se em 17 de junho de 1892, com a dualidade no poder. Em Porto Alegre instala-se o governo do dr. Vitorino Martins, com o apoio das tropas federais e de Julio de Castilhos. Em Bagé, os federalistas instituem no poder o general João Nunes da Silva Torres.

Na sua segunda fase, a Revolução Federalista chegou ao Paraná. O coronel Gumerindo Saraiva resolve invadir o Paraná, motivado pela retirada das tropas federais e, segundo Edgar Carone, pelas "defesas legalistas apresentarem-se instáveis no Paraná devido à simpatia das tropas do exército e de coronéis pela revolução."<sup>95</sup>

A Revolução Federalista conjuga-se com a Revolta Armada. Combinado o ataque ao Paraná, acontece em janeiro de 1894, pelo cerco à cidade de Tijucas e à cidade da Lapa. Paranaíba foi tomada pela esquadra comandada pelo almirante Custódio de Mello.

Tijucas cairia no dia 19. A Lapa resistiria ao cerco, sob o comando do coronel Gomes Carneiro, por vinte e seis dias, rendendo-se apenas no dia 11 de fevereiro de 1894. Curitiba seria tomada sem resistência, de 20 de janeiro a 1º de maio, quando foi retomada pelos legalistas.

Os acontecimentos que se deram na capital paranaense foram descritos por Rocha Pombo em seu livro Para a História. O autor estabeleceu para seu relato a seguinte periodização

"desde a entrada dos revolucionários do Sul em janeiro de 1894, até a retomada pelas forças do governo local em maio do referido ano." A marca do seu texto é a indignação contra o Estado e as tiranias, em defesa dos direitos individuais.<sup>96</sup>

Assim, Rocha Pombo ironiza os poderosos representantes do Estado, o general Pego Júnior, comandante do 2º distrito e, especialmente, Vicente Machado que após jurar em uma proclamação

"morrer ao lado dos últimos soldados que neste pedaço de terra da pátria, se baterem pela República me encontrareis, neste posto até que um sopro de vida me anime, pronto para todos os sacrifícios."<sup>97</sup>

Ambos abandonariam a cidade, dois dias antes da invasão, deixando-a deserta à mercê dos invasores.

Rocha Pombo, este ex-republicano evolucionista, ex-membro do partido conservador, retoma as críticas à República, presentes no seu romance Petrucello, avaliando da seguinte forma a simpatia popular pelos revoltosos:

"Para quantos não são republicanos só para as posições e os proveitos pessoais, a República que nascera errada, mais errada ficou ainda com a consequência do golpe de estado que dera em terra com o Marechal Deodoro. E, portanto, esses esperavam que a revolução viesse corrigir os erros e as iniquidades que tanto comprometeram as instituições e alienaram daquela política inteiramente divorciada do ideal democrático, da linda justiça, as simpatias populares."<sup>98</sup>

Apesar de Rocha Pombo em nenhum momento definir a sua noção de povo, parece tender para uma concepção rousseauniana de "povo como entidade abstrata e homogênea".<sup>100</sup> Por certo reflete, na citação acima, o desconforto existente entre as camadas populares e intelectuais curitibanos com a restrição à participação democrática na "república que não foi".

Rocha Pombo, além de acreditar que a revolu-

ção contava com grandes elementos como Menezes Dória, não condenava o gesto de revolta dos federalistas, pois

(...) Porventura não somos todos nós homens deste século, filhos legítimos da Revolução? E não levam a proclamá-la como o grande direito da consciência humana? Que se faria de um povo, em cuja alma se matasse a suprema energia moral que nos momentos mais extraordinários da sua vida é a única segurança que pode ter às vezes a sua própria existência histórica. 101

Isto não significa apoio aos federalistas. No nosso entender, Rocha Pombo apenas retomava o ideário romântico de crença na revolução como forma de garantir o advento dos povos ao reino da justiça social. O desenlace radical proporcionado pela revolução, daria condições à humanidade de superar a fragmentação social, instalando a fraternidade universal. Rocha Pombo invoca o sentido original do termo, pois para ele a revolução seria o espaço instituinte da liberdade, capaz de restaurar a Idade de Ouro perdida sob o impacto da modernização.

Nosso historiador retira dos invasores a aura da justiça revolucionária, pois "a revolução perdeu-se por si mesma, desde o dia em que chegou ao Paraná"<sup>102</sup>, e justifica nos seguintes termos:

Nada mais estranho e sensacional do que aquele espetáculo de uma turba que simulava legiões de bárbaros abatendo sobre uma terra indefesa (...) a revolução vinha inteiramente desordenada.

Não havia unidade de comando nem autoridade alguma suprema que a dirigisse. 103

Depredações e violência sem controle, características do reino da necessidade cega, acabam por negar a ideia de revolução como espaço político instituinte da liberdade. A Junta Comercial - tendo à frente o Barão do Cerro Azul - no interesse da preservação da propriedade, responsabilizou-se pelo empréstimo de guerra para tranquilizar os federalistas. Estancada a violência na capital, os revoluci-

nários ficaram entretidos

(..) em martirizar a Lapa e em pagar-se das canseiras que traziam com os delírios de boa vida, em Curitiba pelos clubes e pelos cafés, nos bailes e nos concertos.

Durante mais de dois meses, Curitiba teve uma vida espetaculosa-fugitiva, pontuada apenas de crispções instantâneas e de arrepios mais ou menos fortes.

Preparavam o campo para o desastre que viria com a mudança da conjunção de forças. Em março de 1894, Floriano Peixoto, com a retirada de Saldanha da Gama da baía de Guarabara, mobilizou sua contra-ofensiva, no Paraná e Santa Catarina. Gumercindo Saraiva, abandonou o Paraná a 19 de março, partindo para o Rio Grande do Sul. Sob o comando de General Everton de Castro, as tropas governamentais recuperaram Castro em 11 de abril e, com a debandada dos federalistas, retomaram Curitiba no mês de maio. "A vitória legalista não acabaria com o horror." Para Rôcha Pombo, ele se intensificaria.

"Dias do terror, sim e o nome com que não de ficar na história do Paraná daqueles dolorosos dias.

Em outro momento faz a seguinte referência, "o mês de maio de 1894 foi o mais tenebroso." O historiador elenca as arbitrariedades: demissões em massa dos funcionários públicos federais e estaduais; prisões lotadas...

"Os cidadãos que iam sendo apanhados eram metidos no xadrez comum, onde os campos entregues a todos os vexames e provocações. Foi a primeira vez que tivemos no Paraná o espetáculo compungente de magistrados em promiscuidade com galés, em cubículos asquerosos, onde se davam por felizes quando se lhes permitia que o socorro de algum amigo lhes poupasse os horrores da sede e da fome.

E o horror dos fuzilamentos.

(..) o condenado era a desoras, com zido sempre debaixo dos chufos de soldados até o quartel general e dali a senha convencionada para o cemitério público onde era supliciado junto da



cova já aberta. 109

No dia 20 de maio, deu-se o episódio do "fuzilamento do Km 65" na qual foi vitimado o Barão do Cerro Azul - amigo de Rocha Pombo, a quem dedicara a primeira parte do livro - , o comendador Prisciliano da Silva Correia, capitão José Ferreira de Moura, Balbino Correia de Mendonça, José Lourenço Schleder e Rodrigo de Mattos. Rocha Pombo protesta contra este e outros crimes, como o fuzilamento de Francisco Braga:

O que se passa ante meus olhos excede a todas as loucuras humanas, filia-se à ordem dos crimes que vêm da noite moral, que bradam para as alturas, sem parecer ficar pesando eternamente sobre a cólera dos povos. 110

Tal situação só poderia ser fruto da intolerância do desejo de vingança, de eliminação de adversários políticos e até mesmo do espírito de revolta

De modo que os crimes monstruosos cometidos no Paraná, destinaram-se a produzir escarmento. Há mais perigo nas revoltas do que nos despotismos. Mesmo açulando tiranos, é preciso matar na alma dos povos o direito (ato certamente sagrado) de protestar pela força contra os excessos de força. O que a razão e o estado moral do tempo não podem fazer há de conseguir-se pelo medo. 111

Rocha Pombo, na realidade, critica a sistemática comum das ditaduras - inclusive a de Floriano - de utilizar a violência como "recurso de poder contra os rebeldes, isto é, contra indivíduos isolados que, pode-se dizer, recusam-se a ser dominados pelo consenso da maioria" 112

O historiador cronista condena, por fim, outra instituição - O Congresso Nacional - por aprovar os atos de exceção do governo Floriano, durante o estado de sítio:

(...)a representação nacional se resignou a uma tristíssima capitulação da consciência ante a sabedoria inconteste da força. Transigir com o autoritarismo supõe que se neutralize a prepotência dando sanção a atos de força - nunca aproveitam senão aos despotas. 113

Termina por conclamar a redenção da dignidade da consciência humana, ultrajada no episódio.

Tomemos nós todos os paranaenses o compromisso de fraternizar numa grande injunção de consciência para afirmarmos, nesse momento que concretizar os impulsos do nosso coração, a fé que nos redimiu e nos deixou no dia da serenidade. 114

Rocha Pombo, chocado com a morte de seu exemplo de conduta política - O Barão do Cerro Azul - manifesta uma clara reprovação à República que se estabelece. As transformações econômicas e sociais que se processam sob o signo da modernidade, combinam-se com as transformações políticas, atingindo Rocha Pombo com todo o seu peso. Ele descobre, espantado,

(...)que sob o conspecto augusto e bellissimo do homem moderno continua a dormir a fera antiga para acordar, tornar-se hedionda no primeiro momento de colisão e assaltos. 115

Abatera-se sobre ele a condenação de sua geração, testemunha da transição que se operava, "geração que era nobre e digna, piedosa e crente e que de súbito desvai-se, desnatura-se e doma!"<sup>116</sup> A sua crença no grande século ficou esmorecida:

(...)no ano de 1894(nos fins do grande século!), viveu gente e gente d' elite mais desumana, mais friamente feroz do que as raças canibais que habitaram, em eras remotas, alguns pontos da nossa costa. 117

O sentimento de abandono da realidade, já percebido anteriormente, fortalece-se com os episódios da Revolução Federalista. Esta reação não seria exclusiva de Rocha Pombo. José Murilo de Carvalho observa; "desapontaram-se os intelectuais com as perseguições do governo Floriano (...) desistiram da política militante e se concentraram na literatura".<sup>118</sup>

O fortalecimento de uma política social adversa, provoca em Rocha Pombo, a exemplo do que acontecera com os românticos da primeira metade do século XIX, uma profunda desilusão. Isso o levava ao agravamento da crise de identidade e ao desenraizamento do tempo presente. Decepcionado e aturdido, volta-se para o seu interior.

Prefiro impor à minha razão um si  
lêncio sagrado e criar para meu o  
ração uma atmosfera pacífica e id  
al, uma grande ilusão santa, onde  
ele possa viver da benção e de o  
ces, de tolerância, de perdã<sup>119</sup>.

Neste sentido, a Revolução Federalista seria a senha de entrada para o simbolismo e o fortalecimento gradual da visão romântica libertária e utópica em detrimento do seu ro mantismo liberal. A exemplo de seus personagens, Petrucello e Fileto,ombo retira-se à procura de redenção. Em seu caminho interior trava-se o encontro com a consciência libertária e com a expectativa de redenção messiânica. Na revolta silenciosa co tra a modernidade, que o fascina, continuará a imaginar utopias.

### 3.3. No Hospício

Comecemos pelo enredo rarefeito do livro. O narrador - não nomeado - conhece, em uma visita ao hospício, um interno que o deixa fascinado. Conversando com sóror Teresa, enfermeira do hospital, informa-se que o rapaz, de nome Fileto, cultivava estranhos hábitos para um alienado, passando os dias a ler, escrever ou em longos passeios contemplativos. Seu isolamento era quase total, sendo seus únicos contatos com o mundo, as visitas periódicas de sua família, especialmente da irmã, Alice, ou conversas esparsas com a religiosa, tendo como temas a arte e a filosofia. Questionando o motivo da internação, descobre que a mesma havia sido requisitada pela própria família de Fileto, de privilegiada situação financeira, sob alegação de postura anti-social.

O narrador, impressionado pela figura de Fileto, pois "percebera no internado uma grande alma", abandona o emprego, com o objetivo de internar-se no hospício, para poder desfrutar de sua convivência. Necessariamente, portanto, assume o papel de louco e, com a ajuda de sóror Teresa e de um amigo que por ele se responsabiliza, é internado.

Após um período de aproximação inicial, dificultada pelo refratário Fileto, e com o auxílio de artimanhas - por exemplo, perder ao acaso anotações literárias, próximo ao quarto do interno para atrair sua atenção - tem início uma amizade profunda.

Amizade, que apesar de procurar idealmente a realização do propósito simbolista, "quero me fazer entender por uma palavra, por um movimento, um sinal"<sup>127</sup>, na realidade não economiza palavras. O livro compõe-se de discussões, transcrições de contos, poemas, dissertações filosóficas, projetos utópicos, realizados pelos personagens.

Os intercâmbios são permeados de admiração mútua, mas que contém uma certa tensão. O eixo da perturbação entre ambos é a questão social, um dos eixos fundamentais do pensamento do narrador, desprezada por Fileto. A reflexão sobre o tema lo-

vará o narrador à elaboração de uma utopia, ato contínuo ao desejo de sair do hospício para concretizá-la e poder morrer em paz, em Jerusalém.

Uma história paralela ao debate intelectual percorre o livro. Logo após sua aproximação com Fileto, este passa a intrigá-lo com a descrição de uma estranha aparição que à noite o assombrava. Duvidando da sanidade de Fileto, concorda em acompanhá-lo em algumas vigílias noturnas para decifrar o enigma. Após algumas pernoites, acabam por ter a mesma visão. Uma mulher percorre o corredor, carregando um círio e, chegando à capela do hospício, ajoelha-se perante o altar, permanecendo a rezar até o alvorecer. Qualquer aproximação com fim de distingui-la a face, é seguida pelo desanuviamento da aparição. Após esta experiência, o narrador desiste de descobrir o significado da imagem, esquecendo a questão. Fileto, porém, persiste em suas tentativas. Em uma determinada noite, a imagem lhe reaparece em sonho, na forma da irmã, predizendo sua redenção e a de Alice. No dia seguinte, Fileto recebe a notícia da morte de sua sensível irmã, a quem era profundamente ligado, sendo o seu único elo verdadeiro de contato com o mundo exterior ao hospício. A morte de Alice ocorre no mesmo dia em que um interno do hospício suicida-se, batendo com a cabeça na grade. Sôror Teresa confidencia ao narrador que o alienado que morrera fora internado a mando do Coronel Seixas, como forma de astá-lo de Alice, por quem se apaixonara.

Este episódio, a morte de sua irmã, parece incitar Fileto a um transitório posicionamento de entusiasmo pela utopia social e pela idéia mística de viajar ao Oriente. Esta momentânea abertura intelectual ao mundo do outro, leva-o ao desejo de também sair do hospício.

O narrador informa a um amigo que ficara encarregado da administração de seu capital, durante uma visita, das suas intenções. Ao sair do hospício, este amigo, suicida-se, desesperado pela forma equivocada com que utilizara o dinheiro do narrador. Este comunica ao diretor do hospício a conseqüente impossibilidade financeira de sua permanência, e é imediatamente liberado. O mesmo não ocorre com Fileto, que é considerado um caso irreversível. Os esforços do narrador perante o coronel Seixas, para conseguir a autorização da saída de

Séixas, para conseguir a autorização da saída de Fileto da casa dos alienados e para a realização da viagem, resulta em nada. Fileto desanima do projeto e escreve uma carta na qual libera o narrador do compromisso com ele assumido. O narrador viaja para o Oriente e quando volta "sem haver conseguido que seu coração fosse saciado",<sup>121</sup> Fileto não mais existia. Morrera no hospício, devido a um jejum prolongado, tendo como última leitura o Apocalipse.

Como primeiro passo, é preciso compreender o contexto que levou Rocha Pombo a escolher como cenário para seu romance, um hospício. O livro foi publicado em 1905, no Rio de Janeiro. Esta cidade passava por um momento de intensas reformas urbanas, promovidas por determinação do presidente Rodrigues Alves, com o auxílio do prefeito da cidade, Pereira Passos e do médico Oswaldo Cruz, tendo como objetivo principal a modernização da capital federal. Esta modernização, além de integrar a capital às relações capitalistas internacionais, almejava subliminarmente o controle social das classes perigosas.<sup>122</sup> A justificativa das violentas ações cometidas contra as classes populares para a realização das reformas, tinha seu alicerce nas teorias médicas sobre a insalubridade e a degenerescência do proletariado. As reformas de Rodrigues Alves permitem-nos perceber a institucionalização de uma característica inovadora da república brasileira, a cientificidade como norma de enfrentamento das questões sociais da cidade.<sup>123</sup>

Neste sentido, podemos afirmar com Maria Clementina Pereira Cunha, que o núcleo central irradiador desta cientificidade foi o pensamento alienista, que por sua vez, possuía no hospício o seu laboratório modelo de teorizações.

A aproximação entre o pensamento alienista e a República teria sido possível pela evolução da teoria da degenerescência na segunda metade do século XIX na Europa, e, no Brasil, a partir da década de 80. Tal processo foi percebido de forma aguda por Machado de Assis, em seu conto alegórico o "Alienista". Esta teoria, um desenvolvimento da teoria da monoma-

nia que previa a possibilidade da loucura sobre a aparência da normalidade, veio substituir a teoria de Tuke e Pinel, que relacionavam a loucura à visibilidade dos usos da razão.

A teoria da degenerescência afirma que a loucura tinha sua origem na degeneração "transmitida em graus crescentes através de gerações"<sup>124</sup>

Ela atingiria especialmente os membros da classe trabalhadora, submetidas às precárias condições de existência nos grandes centros urbanos. A fronteira entre pobres e degenerados na cidade seria imperceptível aos olhos comuns, ficando reservado à psiquiatria a identificação dos comportamentos anormais.

Assim, o pensamento alienista volta-se para a "profilaxia do meio urbano"<sup>125</sup>, pois a cidade tornaria possível a multiplicação indiscriminada da loucura, o que impediria a formação do mercado de trabalho disciplinado e higiênico. Esta atitude profilática, assumida pelos psiquiatras, teria como alvos

os comportamentos condenados pela moral das elites, contra procedimentos definidos como anti-sociais, contra loucuras identificadas pelo critério da improdutividade de seu portador, contra todo tipo de conduta que fugisse aos padrões e normas definidas como boas pela ciência.<sup>126</sup>

As estratégias de combate à loucura, desenvolvidas pelos alienistas seriam, em primeiro lugar, o esquadriamento, localização e sequestro dos degenerados; em segundo lugar, a defesa da sociedade pela introjeção, por parte dos "sãos", de medidas preventivas contra os degenerados, adotando, também, os princípios morais e de higiene capazes de torná-los dóceis à disciplinarização a que seriam submetidos nas cidades. Para a concretização da segunda estratégia, os alienistas se utilizariam de forma geral da imprensa e para consecução da primeira seria criada a instituição do hospício científico.<sup>127</sup>

Estes são os termos que tornam possível o encontro do discurso psiquiátrico de profilaxia do meio urbano e controle social do proletariado, com os anseios republicanos de

consolidar um mercado de trabalho livre no país e de lutar contra a desordem urbana. Tal sincronia de objetivos tornaria possível o apoio do governo republicano à medicalização da loucura, que teria como emblemas principais a transformação do hospício D. Pedro II em Hospício Nacional dos Alienados, em 1890, e a criação do Hospício do Juquery, em 1901, ano em que é elaborado o romance No Hospício, concluído em 1904.

É dentro deste contexto que nosso autor escreve seu romance. Só assim, compreende-se a internação de Fileto em um hospício. Fileto, afinal de contas, dificilmente teria sido internado durante o Império, no Hospício D. Pedro II, pois nele eram internados especificamente loucos furiosos ou manifestamente incômodos, aqueles que enquadravam-se explicitamente nos preceitos de Pinel e Tuke, que enfatizavam a visibilidade do uso da razão. Segundo estes critérios, Fileto seria, no máximo, um louco manso. No período anterior à estigmatização da loucura como doença, teria, de forma geral, uma convivência pacífica com a população e participação ativa no cotidiano da capital do Império.

É no quadro de medicalização da loucura, que justifica-se a internação de Fileto. Ainda mais, se observarmos o motivo do internamento: postura anti-social. Fileto descreve a sua atitude.

(...)fugi como um desesperado, como se eu fosse um outro animal bravo que tivesse querido sair das grotas e alcantis para ver os plainos alegres e amplos da terra, mas que volvesse para a furna, espantado dos animais que vivem no seu tripúdio feroz. Foi então que me escondi em mim mesmo e fiquei idiota. Ferido no seu orgulho, meu pai não me permitiu que por muito tempo durasse aquela paz. 128

Em resumo, seu caso referia-se à recusa ao trabalho e à participação no mundo dos negócios de seu pai, o coronel Seixas, um comerciante bem sucedido. É com a criação do hospício científico, que o comportamento anti-produtivo de Fileto poderia ser punido. Não podemos nos esquecer que,



criado para o controle da desordem das cidades, o hospício científico foi também largamente utilizado para disciplinar os membros desviantes das elites, e impôs a estes os padrões do bem viver preservando o decoro e a auto imagem das parcelas civilizadas da sociedade. <sup>129</sup>

Se neste capítulo pretendemos enfatizar pontos de aproximação do romance 'Na hospício' com a linha interpretativa do romantismo desenvolvida por Lowy e Sayre, não podemos, porém, omitir a percepção aguda e a reação contundente de Rocha Pombo ao discurso psiquiátrico emergente na sua época.

O romance assume em diversos momentos um caráter anti-psiquiátrico. O sequestro e internamento de Fileto, por exemplo, é uma oportunidade para a seguinte reflexão do narrador. "Que ciência é esta que assim condena uma pobre criatura humana sem ouvi-la e abandona assim um espírito à solidão horrível de um hospício. <sup>130</sup>

O internamento do próprio narrador é tratado com uma ironia atroz. Optando por fazer-se de louco, percebe que seu desígnio seria facilmente alcançado, através do exercício da franqueza. O seu internamento seria consequência natural pois

nós somos entre os homens, antes de tudo aquilo que os outros homens nos fazem ser. Que todos em torno de nós andem espantados a olhar-nos como enfermos e vede se sois capazes de conservar o nosso equilíbrio. <sup>131</sup>

Afirmção que pode ser vista como uma perspicaz compreensão do discurso constituinte da loucura como doença mental.

A não submissão ao discurso psiquiátrico conduz a uma tentativa de reflexão própria sobre o fenômeno, e de desmonte do mesmo, a qual é realizada por Fileto. Vejamos alguns trechos: "a psiquiatria é a parte da medicina mais atrasada" <sup>132</sup> ou, sobre a degenerescência

Esse equilíbrio é fisiológico e dá-se entre a capacidade do EU e os recursos de exteriorização ou de expansão. Na embriaguez, como no meio insano, não se perde a razão: o espí-

rito luta por exteriorizar-se, contra um organismo que se tornou, acidentalmente, incapaz dessa função. Quem sabe lá se o mesmo não se dá na loucura, pelo menos em certos casos de loucura.<sup>133</sup>

A desconfiança para com a política psiquiátrica transforma-se em hostilidade contra seus mentores: os médicos. Adjetivos nada animadores são reservados a eles: imbecis, esculápios, pedantes, animais, são alguns deles. Eis um dos diálogos em que a hostilidade combina-se com a ironia, contra a pretensa cientificidade psiquiátrica:

O homem muito grave foi logo examinando a mulher e no fim, deu sentenciosamente, o prognóstico:

- Vai doer-lhe a cabeça um pouco e depois ficará boa

Eu soltei uma gargalhada pavorosa. O esculápio saiu com a doente, e eu lá como é bom ser louco!... Não sei porque, mas naquele momento, conheci uma graça infinita na gravidade do médico e naquela confiança segura com que ele sabe aplicar a sua ciência.<sup>134</sup>

Em outro momento, o narrador reconhece nos seus algozes médicos o poder que detêm. Poder sobre a liberdade de expressão, sobre a liberdade de locomoção do internado, visto simbolicamente pelo narrador como podendo exercer o poder de Thanatos

'pois o doutor agora mesmo não está me assassinando? Está me assassinando - não, porque este seu criado é que não deixa assassinar-se... É bem sabe como é raro que se encontre um homem que não esteja no seu caso... Por isso é que não quero ser um homem assim... como os senhores.<sup>135</sup>

Sórer Teresa procura reanimar a lembrança do narrador, sobre quem detém o poder no hospício, em um instante de revolta do mesmo contra o diretor: "o senhor sempre se esquece de aqui nada mais é do que o número 119... e que o doutor é a autoridade... creio que me compreende..."<sup>136</sup>

É claro que este poder poderia refletir imediatamente sobre as condições do tratamento. Tanto a internação do narrador, quanto a de Fileto, seguem o modelo do pensionista, a

seja, eles não são submetidos ao tratamento laborterápico, aconselhado para as camadas pobres no hospício científico, seguindo o modelo observado por Maria Clementina P. Cunha que para os "loucos de primeira classe, à qual eram reservados locais especiais no hospício central aparentemente, o trabalho não apresentava qualquer valor terapêutico"<sup>127</sup>. Pombo procura demonstrar que tem consciência desta diferenciação, apesar de não procurar localizar o seu enredo no hospício real. Assim, o narrador procura evitar desconfianças ao diretor sobre a sua loucura, porque senão, "se ele chegasse a tomar medidas levadas por suposições a minha situação se tornaria bem melindrosa: eu teria de ser louco a força de sujeitar-me a todos os rigores daquela casa"<sup>128</sup>.

### 3.3.1. O exílio

Para além desta dimensão, ou seja, aquela que nos remete diretamente à situação histórica do hospício no final do século, existe outra, simbólica que desempenha um papel de extrema importância para o autor. Podemos vislumbrar no seu hospício os poderes míticos vistos por Foucault, em relação ao surgimento do hospício moderno, criado pelo quacre Tuke:

"poderes que dominam o tempo, contestam a história, reconduzem o homem para suas verdades essenciais, identificando-o no imemorial com o Primeiro Homem Natural e com o Primeiro Homem Social. No retiro, um grupo humano é reconduzido às suas formas mais originárias e mais puras, trata-se de recolocar o homem em relações elementares - absolutamente conforme a sua origem, o que significa que suas relações devem ao mesmo tempo ser rigorosamente estabelecidas e rigorosamente morais."<sup>129</sup>

É neste hospício de caráter reacionista da natureza primordial do homem, que Pombo interna seus personagens. O hospício é, por definição, o local de alienação, de separação da realidade, a reiteração simbólica do deserto. É onde se dá efetivamente a morte civil, retratada por Filato da seguinte forma:

L. Não há nada mais, não há mais

ninguém que me dissuada de que os ares do mundo me fariam muito mal. Dou-me tão bem nesta sombra, meu caro... e sabe por quê? é simples: po que aqui tenho as modificações, as amarguras, as ansiedades que talvez o mundo eliminasse ou dispersasse do meu coração.

O narrador, por sua vez, sente-se livre das pressões sociais e procura resgatar um relacionamento de alma integral. Quando da visita do pai de Fileto, o narrador deixa transparecer esta postura, considera que a presença daquele "te nebrase burguês", é um contraste inaceitável "com o novo mundo que vou criando". A sensível Alice também é vista como vindo "transfigurar no ambiente do hospício a serenidade e o encanto do convívio que vou idealizando"<sup>141</sup>. O hospício, para Pombo - leitor assíduo de Rousseau - é o local que torna possível o reen<sup>140</sup>cantamento do mundo.

### 3.3.2. Símbolos

O romance No Hospício é marcadamente simbolista. Para Massaud-Moisés, No Hospício é uma das duas principais tentativas de concretização do romance simbolista.

O simbolismo, movimento nascido na segunda metade do século XIX, tem como principal característica a tentativa de resgate da subjetividade individual. Para isto, os simb<sup>141</sup>listas precisam voltar-se para dentro do Ego,

encetando uma viagem de imprevisíveis consequências, no enalço dos estratos profundos da psique, imersos nas esferas inconscientes. Atin<sup>142</sup>gem, assim, as camadas anteriores a fala e à lógica, onde as vivências são fluídas, anárquicas. A tentativa de exprimir este eu profundo, es barrava na linguagem convencional. Era necessário criar uma nova lin<sup>142</sup>guagem, baseada no poder da evocação e da sugestão, de forma a não ferir os sentidos múltiplos e complexos do eu.

Tais princípios simbolistas são expressos claramente no decorrer do livro, vejamos: a procura da expressão do inexprimível, "as almas procuram, pois no verbo uma eloquên-

cia a que escapa aos olhos, a sentidos puramente humanos". Ocorre também a mesma preocupação com uma nova linguagem, "procura na linha, no som, na cor, na eloquência intangível do verbo, e sig no excelente e invisível na vida." Encontramos ainda a mesma ên fase simbolista no poder da evocação, da sugestão: "eis aí o supremo ideal da arte, o seu poder infinito; ela tem por fim sugrir, por meio do signo, o que não pode fazer ver senão o espí<sup>143</sup>rito".

Nesta procura de compreensão do seu "eu", muitas vezes o escritor descobre-se irmanado a uma religião. E a sua linguagem esforça-se em exprimir o sentido das realidades o cultas. O simbolismo religioso ou esotérico, tornou-se uma das tendências marcantes da poesia do final do século. Para alguns autores, como Guy Michaud, o simbolismo teria como

a tarefa primeira...remontar à Idéia divina, à unidade do Espírito, para conceber a unidade da Criação e daí deduzir a analogia fundamental entre o homem e o universo. 144

É este o caminho trilhado por Rocha Pombo em seu romance No Hospício. Preocupado em fazer que a sua linguagem seja a mais sugestiva possível, inspira-se nas parábolas do Evangelho, a linguagem metafórica por excelência. São características desta tentativa de reestabelecimento dos valores religiosos, a concepção de Filisto de um esboço sobre o Evangelho, denominado Era Nova. O narrador, por sua vez, estrutura o poema "Jesus", que teria como tema a preparação da chegada do salvador na terra. Nele, uma grande assembleia reúne-se para edificar o mundo para a recepção. Mortos imemoriais como Salomão, Jubal, Schamil, ressuscitam auxiliados por Palestrina e Dante, para resgatar o Verbo e construir a obra do Senhor pois "pelos céus havia sinais de que a divindade, abalada, oferecia à terra <sup>145</sup>novas esperanças".

Procurando resgatar no ser a unidade com o espírito, Pombo clama outros símbolos que nos conduzem ao atemporal, ao imemorial. No excerto "Minhas Criaturas", aparecem o Grande Velho, o monge, os duendes, as catacumbas, a montanha, o precursor, o emblemático símbolo romântico do gênio - "centelha de luz que escapa a todo controle" - além do sempre reiterado, po-

La sua grande importância para o autor, o Oriente.

Além do hospício, o símbolo que assume maior significado no romance é o episódio da Visão. A Alma que posteriormente revela ser Alice. As referências a ela parecem ser todas envoltas do sentido misterioso que pode advir da alma: "poder misterioso, sugere uma força supranatural, um espírito, um centro energético!"<sup>146</sup> Assim, o narrador ao encontrá-la descreve a diáfana personagem

A sua fronte aberta, a sua brancura de alabastro, quase transparente, a sua beleza mística de santa - tudo inspira um suave sentimento de consolação infinito(...) Seus olhos lúcidos, fulgurantes, quase sumidos nas órbitas profundas, sombreados de cílios negros - como que penetram as almas. 147

A transparente figura é percebida como imaterial

Quando ela me apertou a mão, eu diria que não senti contato material, mas uma como deliciosa emanção que me eletrizou. 148

Todo o mistério deste ser espiritual abatia-se sobre o narrador

Eu me sentia dominado de uma força misteriosa. Pareciam-me neutralizadas as minhas faculdades superiores e num transtorno inevitável, toda a minha consciência, toda a vida do meu espírito. Como havia eu de explicar o poder que tinha sobre mim a presença daquela criatura. 149

Alice é a alma. A palavra alma

evoca um poder invisível; ser distinto, parte de um ser vivente ou simples fenômeno vital. Material ou imaterial, mortal ou imortal; princípio de vida, de organização, de ação, salvo fugazes aparições, sempre invisível, manifestando-se somente através de seus atos. 150

Ela é aquela que vaga nas noites do hospício. Ela é a alma, estágio que o amor alcança totalmente o nível espiritual, fase representada, para Jung, pela Virgem Maria. Capaz

de, ainda em vida, lembrar-se do corpo material e ir velar as noites do irmão Fileto:

"Eu sou aquela que te adora, em cujo amor se embeveceu na vida, o teu espírito. Ainda no tempo, eu tive a fortuna de ser livre para acompanhar te na tua penitência<sup>151</sup>."

A alma de Alice vagava à "noite envolvida pela bruma nebulosa do círio"<sup>152</sup>. Círio que simboliza a luz. O pavio faz fundir a cera de modo que a cera participa do fogo; donde a relação com o espírito e a matéria.<sup>153</sup> Ele seria "a imagem da imcência e da pureza, modelo para iluminar, ele exprime uma vida inteiramente consagrada ao amor único, abrasante, total."<sup>154</sup> O círio por fim,

tem por destino consumir-se em silêncio(...) num amor doloroso e feliz, que não se extinguiria no último dia, mas continuaria a resplandecer no encontro eterno com o Esposo divino.<sup>155</sup>

Consumida em silêncio, Alice, após sua morte, ascenderia ao quarto estágio de desenvolvimento da alma, segundo Jung, a sabedoria. Simbólica dessa união definitiva com o sagrado, da futura espiritualização total, é a atitude da visão-Alice, de passar a noite ao pé do altar. O altar é exatamente "o microcosmo e estabilizador do sagrado", para ele convergem os atos litúrgicos, pois ele é o recinto onde "se realiza o sacrifício, isto é, o que torna sagrado". Ele sugere a "espiritualização progressiva do universo."<sup>156</sup>

A suposição da chegada de Alice ao último estágio da alma, parece ser confirmada pela sua última aparição ao irmão, logo após seu falecimento

se não falci nada (...) cá da minha claridade e do mundo, é que eu sempre temi turbar esse teu senso ainda velado. O meu intuito, pondo-me de longe ante teus olhos era entreter em ti o sentimento do grande mistério.<sup>157</sup>

Mistério que já afligia o próprio Fileto. Tanto que o mesmo procurava elaborar uma tese sobre a "Psicologia das

visões? Talvez Fileto quisesse compreender em sua obra mais do que os fenômenos sobrenaturais, o grande mistério da própria aparição do seu eu, um "eu desconhecido que surge do inconsciente e que inspira um medo quase pânico"<sup>158</sup>.

Fileto morreria com os "olhos muito abertos em pasmo de êxtase", talvez continuasse a ter visões ou a Visão, afinal ele próprio afirmara sobre os moribundos, "a visão dos moribundos deve ser espantosa, meu amigo! (...) Como estranhar que vejam o que a nós outros nos escape?"<sup>159</sup> Ao completar seu caminho para o sagrado, deixou anotado à margem do Apocalipse, o seu último desejo, que fosse sepultado ao lado do túmulo da irmã. Enfim, lado a lado repousavam, em definitiva aliança edipiana, anima "índice feminino do inconsciente do homem" e animus "índice masculino do inconsciente da mulher"<sup>160</sup>.

### 3.3.3. Caráter religioso libertário e pensamento utópico

O sentimento religioso de Rocha Pombo assume um caráter utópico na construção literária, Cidade Futura, inclusa no romance. Perante uma sociedade que desencanta radicalmente o mundo, processo presenciado por ele, os valores religiosos e comunitários surgem como uma possibilidade de reencantamento da sociedade. Pois o sistema vigente, segundo o autor, entrava a evolução do homem pelas seguintes motivações:

- I- porque é anti-econômico e portanto indiretamente antipsicológica também;
- II- porque é avesso a todas as leis e condições de fisiologia intelectual, portanto diretamente antipsicológico.<sup>161</sup>

Para o narrador, a organização social capitalista impede que os homens encarem o desenvolvimento espiritual como o valor primordial, e propõe uma nova organização que tenha como lema: "todos tem de ser espirituais"<sup>162</sup>.

A utopia elaborada pelo narrador assume um caráter libertário messiânico em sua descrição:



(...)o governo é uma desgraça inerente a ordem atual...O Reino de Deus vai suceder ao império dos homens. No século XXII, em vez de governo, em vez de autoridade política, e fazendo tudo que esta deixa sempre de fazer, teremos a autoridade da lei.<sup>163</sup>

Através do narrador reaparece a dimensão messiânica, vista em Petrucello:

No meu espírito está firme e inabalável a certeza de que hei de levantar nalgum canto da terra, aquela vasta e bela construção de uma nova sociedade humana...Eu sei, eu tenho certeza que me há de vir de além, meu Deus! um prodígio que assombrará o mundo! que fará vibrar em torno do meu nome a alma dos homens(...) O que peço a Deus é que me faça digno dessa grande missão(..) <sup>164</sup>

A aproximação de Pombo com o socialismo libertário é bem conhecida. Ainda em Curitiba conheceu pessoalmente o dr. Giovanni Rossi, líder anarquista da colônia Cecília. Foi um entusiasta assistente de suas conferências realizadas em Curitiba, como aquela noticiada no Diário do Comércio de 29 de agosto de 1892:

S. ex. (Giovanni Rossi) desenvolveu magistralmente a sua vasta tese, expondo em linguagem familiar, com uma eloquência irresistível à teoria científica do socialismo moderno.<sup>165</sup>

Quando ocorrem em Palmeiras os primeiros acontecimentos da série que futuramente motivariam o desagregamento da colônia, Pombo toma para si a defesa dos colonos

Diz-nos o mesmo informante ser falso o boato que se levantou de que os socialistas da Colônia Cecília cabia a origem da sublevação. É falso esse boato porque acha-se à frente de seus confrades o digno dr. Giovanni Rossi, homem ilustrado, prudente e incapaz de concitar os colonos a qualquer distúrbio.<sup>166</sup>

As dificuldades encontradas pela colônia Cecília e o anseio comunitário a ela inerente e a muitas correntes anarquistas, ecoam nesta descrição da comunidade da Cidade Futu

ra:

A princípio não se pode produzir no burgo tudo que é necessário a população e por isso periodicamente é incumbido um dos chefes de família de ir as povoações vizinhas trocar os produtos da VILA por artigos indispensáveis ao consumo geral e ainda não produzidos na mesma. Os governos porém desfalcam a maior parte dos proveitos, gravando de impostos os produtos levados para a VILA. Além disso a ganância do comércio impõe por preços exorbitantes os artigos de que a VILA precisa. Deste modo, os homens da vila, não compreendendo a necessidade de produzir tudo e de não reclamar de fora. Os governos preocupados com a explosão daquela mira lançam pesados impostos sobre as propriedades, mas os executores da lei vão encontrando embaraços insuperáveis, visto como não há proprietários individuais na VILA. - 167

No Rio de Janeiro, Rocha Pombo seria um participante ativo da Universidade Popular, de cunho socialista, organizada por Maurício Lacerda. Posteriormente, segundo Nestor Vitor, seria partícipe de um grupo literário que, entre outros, incluiria os libertários Curvelo de Mendonça, Fábio Luz e Elísio de Carvalho.<sup>168</sup>

O caráter tolstoiano de sua atitude libertária repreende-se no romance No Hospício, pela extrema religiosidade conjugada à ênfase na vida comunitária de sua utopia, além de referências diretas a "Tolstoi - o humano", como no momento em que pretende atrair Fileto para a discussão sobre a questão social: "Deixei afinal o moço distraído com um livro de Tolstoi, que muito de propósito lhe dera eu na véspera".<sup>169</sup>

Não esqueçamos que Pombo se notabilizaria ainda na defesa dos anarquistas feita em seu artigo contra a lei de expulsão dos estrangeiros.

### 3.3.4. A Cidade Futura

A utopia religiosa seria baseada em um regime econômico com a obrigatoriedade do trabalho produtivo ou útil a

todos, dentro do sistema da "equipolação de ofícios". O trabalho de um lavrador valeria tanto como o de um professor, o de um carpinteiro como o de um jornalista, etc... Esta equipolação ocasionaria uma decuplicação da produção, diminuindo a carga de trabalho a uma quinta parte do máximo, na expressão do narrador

De sorte que o mísero operário que tem para aguentar a sua miséria de sofrer hoje uma pena de dez horas de labor contínuo, terá de trabalhar apenas duas horas.<sup>170</sup>

Cada vila procuraria a autosuficiência econômica, sendo que os artigos produzidos seriam vendidos diretamente ao consumidor. Tal sistemática teria por finalidade eliminar o desejo de riquezas.

O narrador critica, posteriormente, a exploração urbana e as grandes metrópoles: "a cidade futura não se irá de parecer com estes grandes infernos que tem hoje o nome de grandes cidades"<sup>171</sup>. Para ele, a VILA reestabeleceria a vida comunitária e seria composta, no máximo, por uma centena de famílias, em um sistema cooperativo, no qual existiria um sistema de seguro social garantido, na falta do chefe de família, que a mesma continuasse a consumir como se ele ainda fosse o produtor. Seguro social, cooperativismo, medidas que mesclam-se com a resistência do narrador ao comércio, uma atividade a ser banida na Cidade Futura.

O rancor romântico contra os comerciantes - símbolos maiores dos valores de troca e da reificação que aflige o homem sob o capitalismo, surge em outro momento da utopia. Nela o narrador sugere que na nova sociedade, ao invés de capitalistas, reis do carvão, reis do petróleo, reis das estradas de ferro, teremos os belos tipos do sábio, do poeta, do artista.

Rocha Pombo defende um projeto educacional capaz de criar o homem novo que habitaria a sua cidade futura. É que a tendência existente no pensamento utópico, observada por J. Buczko, de que na negação do homem como ele é, na defesa do homem como deveria ser, as utopias sofrem

uma pronunciada inclinação...para a

pedagogia social, para o esbatimento das fronteiras entre o espaço político e o espaço pedagógico, até estes se confundirem num projeto de transformação dos homens oriundos do passado em outros tantos homens novos

172

Esta educação para a nova era começaria por um instituto de ensino que recolhesse o homem e a mulher ainda na infância. Ele seria dividido em três secções, a primeira abrigaria crianças até treze anos, uma segunda onde permaneceriam anos até os 21 anos, em que além da educação geral, receberiam treinamento tanto mais específico em dois campos: o profissional, necessário à sobrevivência e à estética da vida, necessário ao preparo do espírito. Aos 21 anos, para permanecer na instituição, o jovem devia casar-se com uma aluna, e entrar na última secção, ou seja, a Vida. Portanto, a constituição da Cidade Futura, seria gradual, e através do exemplo se afirmaria, pois mesmo que existissem apenas "dois redimidos", já seria o suficiente para criar na terra um paraíso.

O sentido comunitário, vital para o funcionamento da VILA, teria seu fundamento na religião. O sentimento religioso, centrado na figura de Jesus, que possibilita a comunhão:

(...)imaginem essa vida de cem famílias vivendo do trabalho suave, congregados por assim dizer na plenitude da sua comunhão moral, na boa aventura do amor, confiante e ilmitado, nutrido de emoções no tempo moderno.

A disposição arquitetônica sugerida pelo autor para a Cidade Futura, acaba por trazer o tema da nostalgia de integração à natureza, existente no pensamento romântico, na exigência que as casas sejam edificadas no meio de bosques e jardins. A obrigatoriedade de que a oficina, o local de trabalho, fosse perto do lar, nos traz a nostalgia de formas de organização da produção pré-capitalistas. Por outro lado, a organização espacial reflete o anseio comunitário. No centro da vila estariam o templo e o fórum, locais onde ocorreria o congregar dos habitantes desta vila libertária:

(...)em íntima comunhão, vivendo da

mesma vida, gozando dos mesmos benefícios sociais e só emulados em tudo quanto respeita ao espírito e ao coração, só aspirando a grande vida.

A utopia elaborada pelo narrador não tem a pretensão de ser fechada, pois em um diálogo com Fileto comenta:

Não creio que a sociedade futura venha a ser exatamente isso que lhe indico, a traços gerais. O que eu proclamo é a possibilidade da reforma. O que faço é dar uma idéia do rumo a seguir.

O autor-narrador tem consciência da importância do projeto utópico como criador no imaginário de estratégias e discursos alternativos ao do poder vigente. Pretende obter, no leitor, o mesmo efeito que obtivera sobre Fileto:

As suas palavras me fizeram sentir de um modo estranho o contraste em que com uma sociedade racional e humana, tem de ficar a sociedade presente. O seu projeto obriga a nossa consciência a reconhecer o que há de iníquo, de horrível, de monstruoso na organização atual.

Rocha Pombo, utilizando-se de sua posição como intelectual, almeja através da exposição de um projeto utópico racional, levar o leitor ao questionamento da sociedade presente e à antevisão da possibilidade do advento de uma sociedade justa.

Sociedade que, detendo o poder sobre si própria constitui-se em um espaço democrático, garantia fundamental da felicidade coletiva, do reestabelecimento do paraíso terrestre.

### Capítulo III

Notas e referências  
bibliográficas

1. POMBO, J. F. da Rocha. Fragmentos, in: O Cenáculo, ano I, fascículo, maio, 1895, p.31-35.
2. LOWY, Michael & SAYRE, R. Romantismo e política. São Paulo, Paz e Terra, p.20-28 e 34-38.
3. NUNES, Benedito. A visão romântica, in: O Romantismo, São Paulo, Perspectiva, 2ª ed., 1978, p.52.
4. MOISÉS, Massaud, História da literatura brasileira: romantismo, realismo. São Paulo, Cultrix, p. 12.
5. Ibidem, p. 12.
6. CITELLI, Adilson, Romantismo, São Paulo, Ática, 1986, p. 70.
7. Ibidem, p. 75-76.
8. MOISÉS, Massaud, História da literatura brasileira: romantismo, realismo, p. 15.
9. Ibidem, p. 16.
10. CITELLI, Adilson, op. cit. , p. 77.
11. CÂNDIDO, Antônio, Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Belo Horizonte, Itatiaia, 6ª ed. , 1981, vol.II, p. 150.
12. CITELLI, Adilson, op. cit. , p. 56.
13. CÂNDIDO, Antônio, op. cit. , p.249.
14. Ibidem, p. 284.
15. Ibidem, p. 284.
16. VITOR, Nestor. Obra Crítica, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969, vol III, p. 64.
17. Ibidem, p. 63.
18. SAMWAYS, Marilda Binder. Introdução à literatura paranaense. Curitiba, HDV, 1983, p. 17.
19. VITOR, Nestor, op. cit. , p. 64.
20. BENJAMIN, Walter, Paris, capital do século XIX, in : Walter Benjamin, org. Flavio Kothe. São Paulo, Ática, 1985, p. 40.
21. BENJAMIN, Walter, A Paris do Segundo Império em Baudelaire , in: op. cit. , p. 119-120.
22. BALAKIAN, Ana. O simbolismo. São Paulo, Perspectiva, 1985, p. 33.
23. Ibidem, p. 41.
24. BENJAMIN, Walter, A Paris do Segundo Império em Baudelaire, in: op. cit. , p. 119-120.
25. BALAKIAN, Ana, p. 41.
26. Ibidem, p.67.
27. Ibidem, p.68.
28. Ibidem, p.71.
29. Ibidem, p.91.
30. Ibidem, p.92.

31. MURICY, Andrade, Panorama do movimento simbolista brasileiro. Rio de Janeiro, INL, 1952, vol. I, p. 34.
32. CAROLO, Cassiana Lacerda, Simbolismo: características, grupos, evolução, in: Dicionário histórico e biográfico do Paraná, Editora do Chaim, p. 453.
33. Ibidem, p. 455.
34. Ibidem, p. 456.
35. Ibidem, p. 456.
36. Ibidem, p. 456.
37. VITOR, Nestor, op. cit., p. 67.
38. LOWY, Michael & SAYRE, R., op. cit., p. 18. O posicionamento dos autores pretende opor-se à idéia da origem do romantismo como sendo necessariamente ligada à Revolução Francesa. Para eles, essa concepção enfatizaria a ordem política como catalizadora do movimento romântico, o que não é coerente com a definição do mesmo como movimento de cunho anti-capitalista. Foi de grande utilidade, porém no que se refere à relação romantismo/utopia, merecendo ser ressaltada a visão de Elias Thomé Saliba presente no seu livro. As utopias românticas, São Paulo, Brasiliense, 1991.
39. HAUSER, Arnold, apud: LOWY & SAYRE, op. cit., p. 22.
40. LOWY, Michael & SAYRE, R., op. cit., p. 58.
41. Ibidem, p. 31.
42. Ibidem, p. 31-33. "romantismo libertário ou anarquista (ou anarco-sindicalista), que opõe ao capitalismo industrial e ao Estado centralizado a utopia revolucionária de uma federação de pequenas comunidades (notadamente de caráter camponês ou artesanal) e vale-se de tradições e de valores populares pré-capitalistas" (p. 70)  
"o socialismo utópico humanista: designamos por este termo as correntes de pensadores socialistas que aspiram a uma utopia coletivista (pós-capitalista) e não vêem o proletário industrial como defensor histórico desse projeto; seu discurso se dirige à humanidade como um todo." (p. 32)
43. Ibidem, p. 34.
44. Ibidem, p. 39.
45. Ibidem, p. 38.
46. POMBO, J. F. da Rocha. A carne (romance de Júlio Ribeiro) - conclusão, in: Galeria Ilustrada, nº 4, ano I, 20/12/1888.
47. POMBO, J. F. da Rocha. Petrucello. Curitiba, Companhia Impressora Paranaense, 1892, p. 4.
48. Ibidem, p. 12.
49. Ibidem, p. 48.
50. Ibidem, p. 51.
51. Ibidem, p. 67.
52. Ibidem, p. 78.



53. Ibidem, p.30.
54. Ibidem, p.31.
55. Ibidem, p.95.
56. Ibidem, p.31.
57. Ibidem, p.30.
58. Ibidem, p.27.
59. Ibidem, p.31.
60. Ibidem, p.26.
61. Ibidem, p.81.
62. Ibidem, p.44.
63. Sobre a questão da crise de identidade na modernidade, ver RIDER, Jacques Le. A modernidade vienense e as crises de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.
64. POMBO, Petrucello ...p.6.
65. Ibidem, p.20.
66. Ibidem, p.20.
67. Ibidem, p.53.
68. Ibidem, p.69.
69. Ibidem, p.66.
70. CHEVALIER & GHEERBRANT, Dicionário...,p.665.
71. POMBO, Petrucello...p.71.
72. VITOR, Obra crítica, vol III, ... p.67.
73. CHEVALIER & GHEERBRANT, Dicionário...,p.664.
74. POMBO, Petrucello...,p.10.
75. Ibidem, p.32.
76. Ibidem, p.27.
77. Ibidem, p.23.
78. Ibidem, p.28.
79. Ibidem, p.26.
80. Ibidem, p.31.
81. Ibidem, p.26.
82. BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX in: Walter Benjamin, org. Flávio Kothe, São Paulo, Ática, p.36.
83. POMBO, Petrucello...,p.51.
84. Sobre as relações do intelectual com o mercado ver: BENJAMIN, Walter, pp.cit., especialmente os artigos: Paris capital do século XIX, p.30-43; Paris do Segundo Império em Baudelaire, p.44-122; O autor como produtor, 187-201.
85. POMBO, Petrucello...,p.63.

86. *Ibidem*, p.65.
87. *Ibidem*, p.66.
88. SALIBA, Elias Thomé. As utopias românticas, São Paulo, Brasileira, 1991, p.43.
89. POMBO, Petrucello..., p.66.
90. *Ibidem*, p.27.
91. *Ibidem*, p.66.
92. KROPOTKIN, P. in: WOODCOCK, George. Anarquismo, Porto Alegre, L&PM, 1983, p.19-20.
93. BACZCO, B. Utopia, in: Enciclopédia Einaudi. Porto, Imprensa Nacional: Casa da Moeda, vol.5., Antrophos/Hótem, 1985. p.340
94. CARONE, Edgar. República Velha: evolução política, São Paulo, DIFEL, p.104.
95. *Ibidem*, p.131.
96. POMBO, José Francisco da Rocha. Para a História: notas sobre a Revolução Federalista, Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1980, p.33.
97. Na defesa extremada dos direitos individuais contra o Estado, Rocha Pomba, aproxima-se tanto do sentimento libertário existente dentro da tradição liberal, por exemplo em John Stuart Mill, quanto do pensamento anarquista.
98. POMBO, Para a História..., p.134.
99. *Ibidem*, p.40.
100. CARVALHO, José Murilo de Carvalho. Os bastiões: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 3ª ed., 1991, p.47.
101. POMBO, Para a História..., p.103.
102. *Ibidem*, p.40.
103. *Ibidem*, p.43.
104. ARENDT, Hannah. Da Revolução, São Paulo, 2ª ed, Ática, p.22-23.
105. POMBO, Para a História..., p.57.
106. *Ibidem*, p.60.
107. *Ibidem*, p.61.
108. *Ibidem*, p.60.
109. *Ibidem*, p.63.
110. *Ibidem*, p.65.
111. *Ibidem*, p.75.
112. ARENDT, Hannah. Da violência, Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, p.27.
113. POMBO, Para a História..., p.100.
114. *Ibidem*, p.110.

- 114 .Ibidem,p.35.
- 115 .Ibidem,p.33.
- 117 .Ibidem,p.34.
- 118 .CARVALHO,Os bestializados....,p.37.
- 119 .Ibidem,p.111.
- 120 .POMBO,Jose Francisco da Rocha,No Hospício,2ª ed.,Rio de Janeiro,INL,1970.
- 124.Ibidem,p.323.
- 122 .SEVCENKO,Nicolau.Literatura como missão São Paulo,Brasiliense,1985,p.29-31.
- 123 .CUNHA,Maria Cleotina Pereira.Cidadelas da ordem,São Paulo,Brasiliense,1939,p.15-39.
- 124 .Ibidem,p.23.Rocha Pombono seu artigo,Phylosophia para o povo III,ia:Revista Paranaense,Curitiba,1981,p.170,afirmaria "... a antropologia que neste século tem merecido mais séria atenção do homem da ciência,diziamos positivamente que a degeneração da espécie humana é um fato."
- 125 .Ibidem,p.26.
- 126 .Ibidem,p.23.
- 127 .Ibidem,p.32.
- 128 .POMBO,No Hospício....,p.275.
- 129 .CUNHA,op. cit.,p.23.
- 130 .POMBO,No Hospício....,p.22.
- 131 .Ibidem,p.30.
- 132 .Ibidem,p.143.
- 133 .Ibidem,p.143.
- 134 .Ibidem,p.29.
- 135 .Ibidem,p.69.
- 136 .Ibidem,p.225.
- 137 .CUNHA,op.cit.,p.63.
- 138 .POMBO,No Hospício....,p.35.
- 139 .FOUCAULT,Michel.História da loucura na idade clássica,São Paulo,Perspectiva,1978,p.47.
- 140 .POMBO,No Hospício....,p.319.
- 141 .Ibidem,p.53.
- 142 .MOISES,Massaud.História da literatura brasileira:simbolismo.São Paulo,Cultrix:EDUSP,1984,p.6-14.
- 143 .POMBO,No Hospício....,p.47-48.
- 144 .MOISES,op.cit.,p.13
- 145 .POMBO,No Hospício,p.21.

146. CHEVALIER & GHEERBRANT, op. cit., p. 31.
147. POMBO, No Hospício..., p. 151.
148. Ibidem, p. 51.
149. Ibidem, p. 151.
150. CHEVALIER & GHEERBRANT, op. cit., p. 31.
151. POMBO. No Hospício... p. 229-250.
152. Ibidem, p. 173.
153. CHEVALIER & GHEERBRANT, op. cit., p. 256.
154. Ibidem, p. 257.
155. Ibidem, p. 257.
156. Ibidem, p. 40.
157. POMBO. No Hospício... p. 230
158. CHEVALIER & GHEERBRANT, op. cit., p. 671.
159. POMBO. No Hospício... p. 146.
160. CHEVALIER & GHEERBRANT, op. cit., p. 35.
161. POMBO. No Hospício... p. 36
162. Ibidem, p. 137.
163. Ibidem, p. 139.
164. Ibidem, p. 267.
165. Diário do Comércio, nº 437, 29/03/1892, p. 1
166. Diário do Comércio, nº 590, 22/12/1892, p. 1
167. POMBO. No Hospício... p. 260
168. VITOR. Obra crítica, vol. I... p. 401
169. POMBO. No hospício... p. 155.
170. Ibidem, p. 139.
171. Ibidem, p. 190.
172. BACIKO. Utopia... p. 332
173. POMBO. No hospício... p. 191.
174. Ibidem, p. 191-192.
175. Ibidem, p. 134.
176. Ibidem, p. 262-263.

## CONCLUSÃO

## CONCLUSÃO

Neste trabalho detectamos algumas das ambiguidades que caracterizaram o pensamento de José Francisco da Rocha Pombo, perante as transformações econômicas, políticas e sociais ocorridas no século XIX.

Em um primeiro momento, vimos a tentativa de intervenção concreta de Rocha Pombo, através de sua atuação jornalística e política, no processo de modernização que ocorria na província do Paraná. Pretendia, a partir da apresentação de propostas reformistas, tais como a criação de uma exposição permanente, a abertura de estradas, criação do imposto sobre a terra e incentivo à imigração, obter um reordenamento econômico baseado na diversificação agrícola e na indústria, capaz de acelerar o processo de acumulação de capital.

Homem profundamente marcado pelas tendências intelectuais do século, não deixou de compartilhar certas convicções do evolucionismo determinista - como observamos no capítulo I, em relação ao seu posicionamento imigantista - e a crença na ciência e na tecnologia, tão bem expressa no conto "Em Torno da Terra".

Derrotado na defesa de suas perspectivas e julgado como pouco confiável pelas oligarquias, encontrou-se à procura de uma identidade, no olho de um furacão modernizador, que dissolvia o modus vivendi tradicional, e que erigia diante de si o espetáculo da urbanização de Curitiba. Com isso, reagiu romanticamente ambíguo, "a crença no progresso tendeu a se transformar em frustração."<sup>1</sup>

Ambiguidade presente, especialmente na sua obra literária. Nela fez-se presente o tenso encontro entre literatura e história. Sobre esse tema, gostaria de apropriar-me, de forma livre, da metáfora desenvolvida por Alain Viala, a partir do conto de Hans Christian Andersen, "A rainha da neve"<sup>2</sup>

Neste conto, o demônio inventa um espelho absolutamente peculiar; um espelho que não reflete as imagens, mas as

distorce. Assim, as paisagens campestres mais harmoniosas transformam-se em desertos, pessoas normais tornam-se grotescas, os pensamentos mais agudos cristalizam-se em fúteis reiteraões. Os alunos do demônio, animados com o milagre - pois assim o consideravam - da demonstração da real face da humanidade, resolvem correr o mundo com o mesmo. Colocado em uma moldura e conduzido por dois demônios, o espelho refletiu todas as paisagens, todas as pessoas, sendo por fim quebrado, acidentalmente. Os cacos espalharam-se, instalando-se nos corações e nos olhos de toda a gente, que desde então passou a ver o mundo através de imagens distorcidas.

A metáfora parece evidente; a obra literária como espelho da história, metáfora fundadora da análise literária marxista. Porém, um olhar mais aprofundado sobre o espelho de Andersen nos permite dar um passo além da dicotomia marxista. Nele estão presentes outros níveis da relação história/literatura: espelho/obra - moldura/contexto histórico - demônios/agentes sociais - cacos do espelho/representações literárias, recepção da obra. O espelho transforma-se em prisma a refratar a luz em múltiplas e coloridas direções. A obra literária como fonte e base para a reflexão histórica, apresenta-se como fragmentária totalidade. A análise da relação entre história e literatura torna-se demoníaca em sua complexidade.

O espelho. No conto "Em Torno da Terra", Rocha Pombo nos transmite, com extrema sensibilidade, o clima que envolvia o processo de modernização da cidade de Curitiba. Na sua representação do sonho de confraternização universal dos homens, tão comum à mentalidade do século XIX, estão presentes os grandes ícones da modernidade: o trem e a ferrovia. Na ânsia pelo preenchimento dos espaços vazios, encontramos a defesa do mercado mundial, concomitantemente à exaltação da tecnologia e da ciência. A nobreza ainda poderosa mas decadente, é retratada em sua derrota pela velocidade e pelos artifícios do engenheiro. Em Petrucello, as transformações políticas ocorridas no fim do século, são claramente refletidas. São múltiplas as críticas e condenações ao militarismo, ao oportunismo político, ao positi-

vismo, à frenética luta pela ascensão social, ao gosto duvidoso da burguesia. Questões características da República em processo de consolidação. No Hospício trata do crescente processo de medicalização da loucura. No Rio de Janeiro que se moderniza, as elites dirigentes procurarão criar novas táticas de controle da população, sendo o hospício o laboratório destas novas técnicas.

A representação direta ou indireta do processo histórico pelo intelectual Rocha Pombo é acompanhado de um profundo mal-estar. Por muitas vezes sua obra literária é também um instrumento de confrontação. "Em Torno da Terra" apresenta a utilização de símbolos como Atlântida, o deserto, o círculo, que parecem ter por objetivo a dissolução do poder da técnica e da racionalidade. Petrucello e Fileto retiram-se do mundo burguês e penetram no mundo dos sonhos, procurando realizar sua alma, seja através da conclusão de uma obra-prima, em Petrucello, seja através de um puro encontro interior, como em Fileto.

A obra literária de Rocha Pombo também compreende propostas de transformações. Sociais, como observado em suas utopias ou de inovações estéticas que confrontam o horizonte de expectativa do público leitor do início do século, como é o caso do romance simbolista No Hospício.<sup>3</sup>

Por fim, na tentativa de compreender a complexa relação entre história e literatura, não poderia deixar de apontar as filiações estéticas dentro das quais Rocha Pombo desenvolveu sua obra. Vivendo em um Paraná marcado pelo clima de ebulição intelectual, onde se cruzavam diversas tendências, como o positivismo, evolucionismo, catolicismo, anarquismo, anticlericanismo, nosso autor acabou por filiar-se, primeiramente, a uma espécie de romantismo tardio e, depois, já nos anos noventa, ao simbolismo, estilo dominante no meio literário curitibano.

Na busca da identidade perdida, Rocha Pombo acabará por marcar, com maior ou menor intensidade, sua obra literária pela visão romântica de mundo.

Encontraremos já no livro Petrucello a crítica à sociedade capitalista, a negação das metrópoles como uma forma



é organização humana, o sentimento de exílio, o anseio nostálgico pela vida comunitária, características do modo de ver romântico, segundo Lowy e Sayre.

O impacto da Revolução Federalista, em 1893, e a consequente dissolução das poucas esperanças de Rocha Pombo na ampliação das liberdades políticas e da cidadania, fortalece a sua adesão à visão romântica utópica em detrimento do romantismo liberal, o que transparece na sua posterior participação no movimento simbolista.

O romance simbolista No Hospício, além de aprofundar os temas presentes em Petrucello, intensificará de modo especial o messianismo libertário de Pombo, presente em seu projeto utópico mais refletido, "Cidade Futura".

As utopias em Rocha Pombo surgem como alternativa ao cinzento mundo moderno. Negativas do sistema capitalista, exaltam a vida comunitária auto-suficiente, que substitui a cidadania negada pela República. Nelas, o comércio e o Estado serão abolidos; o sentimento religioso suprirá as leis impostas e injustas; a educação criará o homem do futuro; a justiça social prevalecerá graças a um sistema cooperativo igualitário.

Em uma mesma busca de identidade, os personagens centrais de Rocha Pombo anseiam pelo Oriente. Petrucello interromperá sua viagem na Grécia, portal de entrada para o Oriente. Fileto não sairá do hospício. Rocha Pombo também não conhecerá o Oriente.

Aos utópicos, no fim, a tragédia. Petrucello morrerá oprimido pela jura de vingança do filho que o culpava pela morte de Marieta. Fileto morrerá em delírio no hospício. Rocha Pombo morrerá na miséria no Rio de Janeiro.

Aos utópicos, a doçura na tragédia. Petrucello morrerá ao som de Wreblowski. Fileto morrerá em êxtase no hospício. Rocha Pombo morrerá embalado pela imortalidade recém conquistada.

Estas imagens finais nos dão a certeza da terrata das utopias na sociedade moderna. Doce derrota, como alma de príncipe.

"O príncipe Tietsim assumiu o trono de seus avós, trono poderoso, com toda a Ásia a seus pés. Mas a sua reação é surpreendente para um soberano: emudece e misterioso fica a meditar na sua câmara, meses e meses...

A corte espanta-se com tal atitude e manda chamar o grande patriarca Liang para dar sua sábia opinião sobre o caso. Após passar uma noite na câmara do monarca, o patriarca emite seu diagnóstico: "o príncipe está atacado da doença divina dos filhos do céu." Está tomado por uma nostalgia invincível de idos passados onde "os reis são pastores, os pastores poetas e os poetas aman adorando. O designio definitivo é que o príncipe deve morrer sorrindo e sen dor."

Conclusão

Notas e referências  
bibliográficas

1. CITELLI, Adilson, Romantismo. São Paulo, Ática, p. 10.
2. VIALA, Alan, Prismatic effects, in: Critical Inquiry, vol.14, nº 3, 1988, p. 563-73.
3. Sobre a estética da recepção ver : Hans Robert Jauss, A história da literatura como provocação à teoria literária, São Paulo, Ática, 1994.
4. POMBO, José Francisco da Rocha Pombo, No Hospício. Rio de Janeiro, INL, p. 59-62.

## Instituições pesquisadas

Biblioteca Pública do Paraná  
 Biblioteca do Setor de Ciências Humanas da UFPR  
 Casa Rocha Pombo (Marretes)  
 Centro de Letras do Paraná  
 Círculo de Estudos Bandeirantes  
 Instituto Histórico e Geográfico do Paraná  
 Museu Paranaense

## Fontes

## A. Periódicos consultados:

A arte - 1ª fase - 1888  
                   2ª fase - 1895  
 Anais da Assembléia Legislativa do Paraná - 1886-1887  
 Almanaque do Paraná - 1896  
 O Cenáculo - 1895-1897  
 Diário do Comércio - 1891-1894  
 Diário Popular - 1887  
 Eco dos Campos - 1883  
 Galeria Ilustrada - 1888-1889  
 Gazeta Paranaense - 1882-1883-1886  
 Revista da Academia Brasileira de Letras - 1933  
 O Sapo - 1896  
 A vida literária - 1887

## B. Obras de José Francisco da Rocha Pombo

POMBO, J. F. da Rocha. Contos e pontos. Porto, Magalhães e Moniz, 1911.  
 \_\_\_\_\_ . A Guayra: poema em 12 contos. São Paulo, Comp. Industrial, 1891.  
 \_\_\_\_\_ . História do Brasil. Rio de Janeiro, Saraiva, 10 v.  
 \_\_\_\_\_ . História do Paraná. São Paulo, Melhoramentos, 1929.  
 \_\_\_\_\_ . No Hospício. Rio de Janeiro, INL, 1970  
 \_\_\_\_\_ . Notas de viagem. (norte do Brasil). Rio de Janeiro, Benjamin Aguilã, 1918.  
 \_\_\_\_\_ . Paraná no Centenário. Rio de Janeiro, José Olympio; Curitiba; Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná, 1930.  
 \_\_\_\_\_ . Petrucello. Curitiba, Imprensa Paranaense, 1892.

\_\_\_\_\_. Para a história: notas sobre a invasão federalista no Estado do Paraná. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1980.

\_\_\_\_\_. A Supremacia do ideal: estudo sobre educação. Castro, Typ. Echo dos Campos, 1883.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADORNO, T., Conferência sobre lírica e sociedade, in: Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1975, v. 48, p. 201-214.
2. ARENDT, Hannah, Da Revolução. São Paulo, Ática, 2ª ed., 1990.
3. \_\_\_\_\_, Da violência. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília.
4. AZEVEDO, Célia M. M. de, Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites. São Paulo, Paz e Terra, 1987.
5. BALAKIAN, Ana, O simbolismo, São Paulo, Perspectiva, 1985.
6. BALHANA, Altiva Pilatti et alii, História do Paraná. Curitiba, Grafipar, 1969.
7. BENJAMIN, Walter, Magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1985 (obras escolhidas, 1).
8. \_\_\_\_\_, Walter Benjamin. org. Flavio Kothe. São Paulo, Ática, 1985.
9. BERMAN, Marshal, Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
10. BACZKO, Bronislaw, Utopia, in: Enciclopédia Einaudi. Porto, Imprensa Nacional: Casa da moeda, v. 5, 1985.
11. BONI, Maria Ignês M. de, O espetáculo visto do alto: vigilância e punição em Curitiba, (1890-1920). São Paulo, USP. tese de doutorado, 1985, mimeo.
12. Bourdieu, Pierre, Flaubert's point of view, in: Critical Inquiry, Chicago, v. 14, nº 3, 1988, p. 539-62.
13. \_\_\_\_\_, Pierre Bourdieu: sociologia, org. Renato Ortiz, São Paulo, Ática, 1983.
14. BRESCIANI, Maria Stelfa M., Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza, São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1985.
15. BUBER, Martin, O socialismo utópico. São Paulo, Perspectiva, 2ª ed., 1986.
16. CÂNDIDO, Antônio, Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Belo Horizonte, Itatiaia, 6ª ed., 1981.
17. CARDOSO, Ciro Flamarion, Escravidão e abolição no Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
18. CARNEIRO, David, O Paraná e a Revolução Federalista. São Paulo, Atena Editora, 1944.
19. CARONE, Edgar, A República Velha: evolução política (1889-1930). São Paulo, Difel, 4ª ed., 1983.
20. \_\_\_\_\_, A República Velha: instituições e classes sociais. São Paulo, Difel, 2ª ed., 1972.

21. CARVALHO, José M. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
22. \_\_\_\_\_ . Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 3ªed 1991.
23. CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil, 1990.
24. CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1990.
25. CITELLI, Adilson. Romantismo, São Paulo, Ática, 1986.
26. COELHO, Teixeira. O que é utopia. São Paulo, Brasiliense, 1981.
27. COSTA, Emília Viotti da, Abolição, Rio de Janeiro, Global, 1986.
28. \_\_\_\_\_ , Da Monarquia à República: momentos decisivos. São Paulo, Brasiliense, 3ªed, 1985.
29. COSTA, Jurandir F. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Graal, 3ª ed., 1989.
30. COSTA, Odah R. G. Ação empresarial do Barão do Serro Azul. Curitiba, SECE, 1981.
31. DEL FIORENTINO, Teresinha Aparecida. Utopia e realidade: o Brasil no começo do século XX. São Paulo, Cultrix, 1979.
32. FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. São Paulo, Perspectiva, 1978.
33. \_\_\_\_\_ . Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal 6ªed, 1986.
34. GOFF, Jacques Le. O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval. Lisboa, Edições 70, s.d.
35. GOMES, Álvaro Cardoso, C simbolismo, São Paulo, Ática, 1994.
36. GRAF, Marcia E. de Campos. Imprensa periódica e escravidão no Paraná. Curitiba, SECE, 1981.
37. GUINSBURG, J. et ali. O Romantismo. São Paulo, Perspectiva, 2ªed, 1985.
38. HARDMAN, Francisco Foot. Nem Pátria, Nem Patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1983.
39. \_\_\_\_\_ . Trem fantasma: a modernidade na selva. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
40. HOBBSAWN, Eric J. A era do capital: 1848-1875. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4ª ed, 1988.
41. \_\_\_\_\_ . A era das revoluções. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4ªed, 1982.



42. JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo, Ática, 1994.
43. KROETZ, Lando Rogério. A estrada de ferro do Paraná, 1880-1940. São Paulo, USP, tese de doutorado, 1985, (mimeo).
44. LINHARES, Temístocles. História crítica do romance brasileiro. São Paulo, Itatiaia:EDUSP, 1985.
45. LOWY, Michael. Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa Central, um estudo de afinidade literária. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
46. \_\_\_\_\_ & SAYRE, R. Romantismo e política. São Paulo, Paz e Terra, 1993.
47. LUIZZETTO, Flávio. Utopias anarquistas. São Paulo, Brasiliense, 1987.
48. LUSTOSA, Isabel. Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993
49. MALLARD, Leticia et ali. História da literatura: ensaios, Campinas, Editora da Unicamp, 1994.
50. MARTINS, Ana Luiza. República: um outro olhar. São Paulo, Contexto, 1989.
51. MAYER, Arno J. A força da tradição: a persistência do Antigo Regime. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
52. MOISES, Massaud. História da literatura brasileira: romantismo realismo, São Paulo, Cultrix, 1985.
53. \_\_\_\_\_. História da literatura brasileira: simbolismo. São Paulo, Cultrix, EDUSP, 1984.
54. MURICY, Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. 2v. Brasília, INL, 2ªed, 1973.
55. NEEDELL, J. D. Belle époque tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
56. PEIXOTO, Nelson B. A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.
57. PEREIRA, Magnus R. de M. Fazendeiros, industriais e não-morigerados; ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889. Curitiba, UFPR, tese de mestrado.
58. PETITFILS, Jean-Christian. Os socialismos utópicos. Rio de Janeiro, Círculo do Livro, 1977.
59. PILLOTO, Valfrido. Rocha Pombo. Curitiba, 1953.
60. RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, Campinas, Ed. UNICAMP, 1993.
61. SALIBA, E. Thomé. As utopias românticas. São Paulo, Brasiliense, 1991.
62. SALLES, Iraci G. Trabalho, progresso e sociedade civilizada. São Paulo, HUCITEC, Brasília; INL, 1986.

63. SAMWAYS, Marilda Binder. Introdução à literatura paranaense. Curitiba, HDV, 1988.
64. SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
65. SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed, 1985.
66. SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
67. VENTURA, Roberto. Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo, Companhia das Letras, 1991
68. VIALA, Alan. Prismatic effects, in: Critical Inquiry, vol 14 nº3, 1988, p.563-73.
69. VITOR, Nestor. Obra crítica, 3 vol. Rio de Janeiro, MEC: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969.
70. WILSON, Edmund. O castelo de Axel. São Paulo, Cultrix, 1967.
71. WOODCOCK, George. Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários, vol I: a idéia. Porto Alegre, L&PM, 1983.